

UNIVERSIDADE DE ÉVORA
DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

***SUPERVISÃO EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA:
SUPERVISORES E ESTILOS DE SUPERVISÃO***

ANEXOS

Maria Amália Fazenda Severino

Orientador: Prof. Doutor José Alberto Mendonça Gonçalves

Maio de 2004

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

***SUPERVISÃO EM EDUCAÇÃO DE INFÂNCIA:
SUPERVISORES E ESTILOS DE SUPERVISÃO***

ANEXOS



147153

Maria Amália Fazenda Severino

Orientador: Prof. Doutor José Alberto Mendonça Gonçalves

Maio de 2004

ÍNDICE DE ANEXOS

Anexo I – Questionário.....	2
Anexo II – Tabelas de sistematização dos dados obtidos pela aplicação do questionário.....	13
Anexo III – Guião das entrevistas.....	36
Anexo IV – Protocolo e tratamento dos dados da entrevista à supervisora Ana.....	41
Anexo V – Protocolo e tratamento dos dados da entrevista à supervisora Joana.....	84
Anexo VI – Protocolo e tratamento dos dados da entrevista à supervisora Inês.....	149
Anexo VII – Protocolo e tratamento dos dados da entrevista à supervisora Matilde...	180

ANEXO I

Questionário

UNIVERSIDADE DE ÉVORA

DEPARTAMENTO DE PEDAGOGIA E EDUCAÇÃO

MESTRADO EM EDUCAÇÃO: SUPERVISÃO PEDAGÓGICA

QUESTIONÁRIO

(A preencher por supervisoras cooperantes)



Entregue em-----/-----/2003

Recebido em-----/-----/2003

Estimada colega

O presente questionário destina-se à recolha de dados com vista à realização de um estudo, que tem por objectivo conhecer *os estilos de supervisão dos supervisores cooperantes*, e que constituirá a minha dissertação do Mestrado em Educação, na variante de Supervisão Pedagógica.

As informações recolhidas são inteiramente confidenciais. Por favor não assine. As respostas serão tratadas de modo a salvaguardar o anonimato.

Obrigada pela disponibilidade e pela ajuda.

1- Assinale as 3 opções que melhor traduzem as razões que a levaram a assumir as funções de supervisora:

- 1.1. Disponibilidade
- 1.2. Estatuto social
- 1.3. Remuneração acrescida
- 1.4. Partilha de conhecimentos e experiências
- 1.5. Valorização profissional ao nível do currículo
- 1.6. Enriquecimento pessoal e profissional
- 1.7. Formação adquirida no domínio da especialidade
- 1.8. Participação/colaboração na formação de futuros profissionais
- 1.9. Outra. Qual?-----
-

2- Na sua opinião, durante o processo de supervisão do seu estágio, sentiu necessidade de apoio por parte da supervisora cooperante?

Sim

Não

2.1- Se sim, diga se teve o apoio que necessitava e em que o mesmo se traduziu:

3- Considera que o apoio prestado pela supervisora cooperante foi:

Excessivo

Adequado

Insuficiente

3.1- Justifique a sua resposta-----

4- Assinale por ordem de prioridade aquela que, na sua opinião, constitui a área

onde os alunos/estagiários devem revelar melhor desempenho:

(Assinale com 1 a que considerar mais prioritária e com 3 a que considerar menos prioritária)

- Conhecimento científico
- Acção com as crianças
- Relacionamento interpessoal

Mto boa Boa Regular Má

5- A sua experiência como estagiária foi:

5.1- Justifique a sua resposta-----

6- O seu percurso como aluna reflecte-se na maneira como supervisiona?

Sim Não

6.1- De que modo?

7. A relação com a supervisora cooperante era:

Mto próxima Próxima Distanciada

8. Enquanto aluna, a minha supervisora cooperante...

(Responda a todas as questões, assinalando o Sim ou o Não, de cada uma delas, de acordo com a sua opinião)

Sim Não

8.1- estava sempre por perto

8.2- afastava-se e não me ajudava

	Sim	Não
8.3- falava muito comigo e dava-me a sua opinião para eu poder melhorar	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.4- colocava-me à vontade	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.5- ajudava-me a crescer	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
8.6- esclarecia-me as dúvidas	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

9. Lembra-se de como a receberam no seu 1º dia de estágio?

Sim

Não

9.1. Descreva a recepção que lhe fizeram no seu primeiro dia de estágio:

10. Na sua opinião, o supervisor deve:

(Ordene, por ordem decrescente, os 23 aspectos a seguir referidos, atribuindo o número 1 ao mais importante e o número 23 ao menos importante)

Informar	<input type="checkbox"/>	Orientar	<input type="checkbox"/>
Avaliar	<input type="checkbox"/>	Ajudar	<input type="checkbox"/>
Criticar	<input type="checkbox"/>	Sugerir	<input type="checkbox"/>
Cooperar	<input type="checkbox"/>	Reflectir	<input type="checkbox"/>
Liderar	<input type="checkbox"/>	Motivar	<input type="checkbox"/>
Comunicar	<input type="checkbox"/>	Apoiar	<input type="checkbox"/>
Corrigir	<input type="checkbox"/>	Demonstrar	<input type="checkbox"/>
Questionar	<input type="checkbox"/>	Conhecer	<input type="checkbox"/>
Ensinar	<input type="checkbox"/>	Encorajar	<input type="checkbox"/>
Exigir	<input type="checkbox"/>	Escutar	<input type="checkbox"/>
Interagir	<input type="checkbox"/>	Valorizar	<input type="checkbox"/>
Aconselhar	<input type="checkbox"/>		

11. Tem por hábito registar situações para poder reflectir com os estagiários?Sim Não **11.1- Porquê?**

12. Os alunos/estagiários são chamados a participar na tomada de decisões da sala/Instituição?Sim Não Por vezes **12.1- Exemplifique:**

13. Como costuma receber os alunos/estagiários?

14. O supervisor deve...

(Assinale o número que corresponde à sua opinião, sabendo que o 1 corresponde ao que considera menos importante e o 4 ao mais importante)

14.1- observar a prática 1 2 3 4

14.2- saber ouvir 1 2 3 4

14.3- encorajar os supervisandos a assumir responsabilidades pelos seus actos 1 2 3 4

14.4- servir de modelo para os formandos 1 2 3 4

14.5- fomentar a prática de comportamentos de ensino pré-determinados	1	2	3	4
14.6-proceder à análise de cada dia de prática pedagógica (juntamente com os supervisandos)	1	2	3	4
14.7-fomentar a reflexão do supervisando sobre a sua própria prática pedagógica	1	2	3	4
14.8- assumir uma atitude directiva, justificada pela sua experiência	1	2	3	4
14.9- colaborar com o supervisando na procura de soluções	1	2	3	4
14.10- incentivar os supervisandos a falar sobre o que fizeram	1	2	3	4
14.11- ver as dificuldades sentidas pelos supervisandos como oportunidades de aperfeiçoamento da prática	1	2	3	4
14.12- colaborar na planificação/reflexão da prática desenvolvida pelo aluno	1	2	3	4
14.13- auxiliar na resolução de situações imprevistas	1	2	3	4
14.14- apoiar a tomada de decisões	1	2	3	4
14.15- transmitir conhecimentos, indicando o modelo a seguir	1	2	3	4
14.16- registar os comportamentos dos alunos e sugerir como se faz	1	2	3	4
14.17- aconselhar porque ele é que sabe	1	2	3	4
14.18- questionar a prática pedagógica, sugerindo modelos conducentes à mudança	1	2	3	4
14.19- ajudar a projectar os seus planos de acção	1	2	3	4
14.20- colocar-se em causa	1	2	3	4
14.21- colocar o supervisando à vontade e “dar-lhe espaço”	1	2	3	4
14.22- estabelecer com o supervisando uma relação empática e encorajadora	1	2	3	4
14.23- ser autêntico quando fala com os alunos	1	2	3	4
14.24- elogiar os formandos quando eles merecem	1	2	3	4

15- Como aprendeu a ser supervisora?

(Assinale uma ou as duas hipóteses, conforme o caso)

15.1- Com a experiência

15.2- Com a formação específica que frequentei

15.3- Se optou apenas pela resposta 15.2, diga o que representa para si a experiência de supervisora-----

16. Ser supervisora cooperante é...

(Assinale uma ou mais opções, de acordo com a sua opinião)

16.1- Ter mais trabalho

16.2- Reflectir mais

16.3- Sentir-se acompanhada

16.4- Ver o seu trabalho posto em causa

16.5- Aprender mais

16.6- Uma actividade gratificante

16.7- Investir numa relação

16.8- Ajudar a crescer

17. Procuro fazer com os supervisandos

17.1- O que senti necessidade, enquanto aluna, e não me fizeram

17.2- O que me fizeram, enquanto aluna, que me marcou positivamente

17.3- O que me fizeram, enquanto aluna, que me marcou negativamente

18. O supervisando...

(Legenda: DT=discordo totalmente; D=discordo; C=concordo; CT=concordo totalmente)

	DT	D	C	CT
18.1- deve trabalhar sozinho, o supervisor não deve interferir	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.2- não deve estar à espera que o supervisor intervenha eliminando as dificuldades surgidas na sala	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.3- não deve ter angústias, nem medos	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.4- não deve trazer os problemas pessoais para a prática	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.5- deve partilhar os seus problemas pessoais com o supervisor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.6- se necessita de ajuda deve procurá-la fora da instituição	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.7- deve aceitar as críticas do supervisor como um estímulo	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.8- deve insistir com o supervisor para que este esclareça os seus pontos de vista ou as suas atitudes	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.9- deve criticar o supervisor	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.10- deve observar sem dar opinião	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>
18.11- deve trabalhar em equipa porque o trabalho realizado em equipa promove o desenvolvimento de todos os intervenientes no processo de supervisão	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

19- O supervisor é...

19.1- uma pessoa já formada 19.2- uma pessoa em permanente formação

19.3- Justifique a sua resposta-----

20- Na sua opinião, que tipo de formação necessita o supervisor?

20.1- Quem deveria proporcionar essa formação?

Observações:

ANEXO II

**Tabelas de sistematização dos dados obtidos pela aplicação do
questionário**

As cooperantes enquanto alunas - necessidades de apoio sentidas

EDUCADORAS	SIM	NÃO
A	X	
B	X	
C	X	
D		X
E	X	
F	X	
G	X	
H	X	
I		X
J	X	
L	X	
M	X	
N	X	
O	X	
P		X
TOTAL	12	3

Caracterização do apoio necessitado

A	Senti muita necessidade de apoio, mas a maioria das vezes não houve esse apoio, quer ao nível da planificação, adequação de conteúdos ou até mesmo nas avaliações.
B	Falta de apoio, debatendo-me com alguns problemas que teriam sido melhor e eficazmente resolvidos.
C	O meu estágio final não contava com a supervisora cooperante (as alunas assumiam uma sala em grupos de 2, sem qualquer pessoal docente a orientar a sala). ...o apoio era muito diminuto... não havia grande contacto, reflexão/avaliação com as educadoras cooperantes.
D	<i>Não justifica.</i>
E	Sempre que senti dificuldades tive sempre o apoio que necessitava, o mesmo traduziu-se por parte da supervisora cooperante em: Ajuda, esclarecimento, partilha de saberes, conhecimento, confiança.
F	Dúvidas em relação a como actuar e expôr algumas situações.
G	Nas planificações e não dúvidas surgidas no dia a dia.
H	Tive o apoio que necessitava pois a supervisora cooperante sempre tentou dar-me orientação e, ao mesmo tempo, liberdade para eu desenvolver a minha prática pedagógica.
I	<i>Não justifica.</i>
J	Esclarecimento de dúvidas pontuais; Planificação de algumas actividades.
L	Sempre me incentivou, sempre me estimulou e deu "força" para que fizesse um trabalho positivo.
M	A nível da reflexão sobre as situações desenvolvidas – uma visão externa da situação.
N	Orientando-me ao nível da minha intervenção e também ao nível da planificação, reestruturação e adequação das actividades, sempre que necessário.
O	Planificação.
P	<i>Não justifica.</i>

Caracterização do apoio prestado

Ed.	Excessivo	Adequado	Insuficiente
A			Porque não pude partilhar com ela grande parte das dúvidas e questões que surgiram ao longo do período em que fiz estágio.
B		Houve algum apoio e supervisão.	
C			O meu estágio final não contava com supervisora cooperante (as alunas assumiam uma sala em grupos de 2, sem qualquer pessoal docente a orientar a sala). ...o apoio era muito diminuto... não havia grande contacto, reflexão/avaliação com as educadoras cooperantes.
D		Na medida em que apoiou quando era necessário.	
E		Porque era uma profissional consciente do que é estar no e com o mundo das crianças e de forma lúcida conseguia com muito mérito passar esse conhecimento às alunas.	
F		Reuníamos e como a supervisora estava na sala ao lado quando surgiam dúvidas falava com a supervisora	
G		... porque veio de encontro às dificuldades sentidas durante o estágio.	
H		Pelos motivos da resposta anterior.	
I		<i>Não justifica</i>	
J		...porque respondeu às necessidades sentidas.	
L		Sempre me incentivou, sempre me estimulou e deu "força" para que fizesse um trabalho positivo.	No entanto, por vezes sentia necessidade de mais crítica e alguma orientação da sua parte. Muitas vezes senti-me sozinha no decorrer do estágio, o que também poderia revelar confiança da sua parte em relação ao meu estágio, ou não.
M		<i>Não justifica</i>	
N		Sempre que solicitei qualquer tipo de auxílio, não verifiquei nunca qualquer tipo de entrave ou falta de disponibilidade.	
O		Adequado de forma geral (...)	(...) insuficiente porque sentia dificuldades em relação às planificações iniciais.
P		Face às dificuldades sentidas a orientação dada pela supervisora foi adequada.	

Experiência como estagiária

Educadoras	Muito boa	Boa	Regular	Má
A				X
B		X		
C				X
D			X	
E	X			
F		X		
G	X			
H	X			
I		X		
J	X			
L	X			
M		X		
N	X			
O		X		
P		X		
TOTAL	6	6	1	2

**Qualidade da experiência
- Justificações aduzidas-**

	Muito boa	Boa	Regular	Má
A				Como já atrás referi, quase não houve relação com a supervisora cooperante.
B		Aquisição de autonomia a nível da resolução de problemas e desempenho pessoal - menos inibição em me afirmar.		
C				Mudanças da Prática Pedagógica relativamente ao grupo/faixa etária.
D			Podia ter sido melhor se a relação com a supervisora fosse diferente.	
E	Porque senti sempre a "mão" e o apoio da supervisora cooperante na hora certa e no momento adequado. Sempre que as dificuldades se apresentavam, cooperávamos em equipa na partilha dos saberes, o que			

	proporcionou ao meu estágio segurança e amadurecimento à minha experiência.			
F		Uma vez que estive sozinha numa sala com 12 crianças, foi muito trabalhoso mas por outro lado bastante enriquecedor.		
G	A nível global houve uma grande empatia quer com as crianças, pais e todo o pessoal da instituição. Deixou-me boas recordações das quais nunca me vou esquecer.			
H	Foi uma experiência enriquecedora pois não só permitiu a aplicação da teoria aprendida durante o curso, oomo também possibilitou o desenvolvimento da capacidade de investigação do meio envolvente para encontrar o projecto mais adequado às necessidades de aprendizagem do grupo de crianças.			
I		-----		
J	Um grupo de crianças e pais que me deixaram muitas saudades. Bom relacionamento com as colegas e todo o pessoal da instituição. Aprendizagens significativas que me têm acompanhado.			
L	O estágio foi “duro”, mas ao mesmo tempo enriquecedor. Fiz estágio sem parceira e retirei vantagens dessa situação, que de outra forma não o			

	teria feito.			
M		Desenvolvi uma boa relação com a educadora cooperante e colega de estágio, assim como uma boa integração no grupo.		
N	Porque sempre me senti bastante apoiada por parte da supervisora, assim como, por parte da educadora cooperante.			
O		Boas colegas de trabalho, boa relação com todo o pessoal, instalações razoáveis, um grupo de crianças que deixou saudades. Momentos vividos que recorro com saudade e carinho. Aprendizagens importantes que ficam para a vida.		
P		Apesar de em algumas práticas pedagógicas sentir falta de apoio por parte das educadoras, considero que a experiência foi boa.		

Relação com a supervisora cooperante

Educadoras	Muito próxima	Próxima	Distanciada
A			X
B		X	
C			X
D			X
E	X		
F		X	
G		X	
H		X	
I		X	
J		X	
L		X	
M		X	
N	X		
O		X	
P		X	
TOTAL	2	10	3

Influência do percurso de aluna na acção como supervisora

Educadoras	Sim	De que modo?	Não	De que modo?
A	X	Tentando não transmitir a minha experiência negativa, actuando precisamente de forma inversa.		
B	X	Na forma como fui orientada e realizei o estágio – serviu de experiência.		
C	X	Tento eliminar erros cometidos anteriormente, por forma a incentivar as atitudes positivas das alunas.		
D	X	Só após a experiência de aluna podemos perceber quais as necessidades e dificuldades sentidas pelas estagiárias.		
E	X	O meu percurso como aluna deixou marcas significativas que se reflectem na minha maneira de ser e de estar. Nunca abandono a posição das estagiárias, só assim posso ajudá-las a crescer e a tomar posições enquanto supervisiono.		
F	X	Tento participar e partilhar com as alunas naturalmente sem que tenham a sensação que estão a ser avaliadas.		
G	X	Dando toda a colaboração, tirando dúvidas, dando segurança, reflectindo sobre as dificuldades do dia a dia.		
H	X	As dificuldades que passei ao longo do meu percurso como aluna e a minha experiência profissional, deram-me capacidade para estar atenta e compreender as situações mais pertinentes existentes num estágio, permitindo-me auxiliar as estagiárias, de modo a superarem mais facilmente os obstáculos sentidos na interacção com as crianças.		
I	X	<i>Não justifica.</i>		
J	X	Tentando dar resposta às necessidades e dúvidas apresentadas pelas estagiárias, numa atitude de valorização pelos progressos alcançados, nunca perdendo de vista o que senti enquanto estagiária.		

L	X	Tento sempre estar disponível para os estagiários, acompanhando-os e transmitindo-lhes confiança no seu trabalho, para além de fazer questão de realçar aspectos positivos, mas nunca deixando de referir o que correu menos bem no seu desempenho.		
M	X	Porque determinou a profissional que sou e conseqüentemente se reflectirá na minha relação profissional.		
N	X	Quando acompanho estagiários, tento de algum modo, colocá-los à vontade para que eles não se sintam condicionados pelo meu método e criem o seu próprio método de trabalho, adequando-o aos interesses e necessidades do grupo.		
O	X	De uma forma geral todo o apoio que senti em relação às dificuldades, à insegurança, fazem-me hoje entender o que as estagiárias sentem em determinados momentos e procuro ajudá-las em tudo o que estiver ao meu alcance.		
P	X	Todas as experiências realizadas ao longo da prática (boas e más) ajudam-nos sempre, desde que se reflecta acerca delas.		
TOTAL	15		0	

Atitude da supervisora cooperante para com a educadora cooperante enquanto aluna

EDUCADORAS	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Total
Estava sempre por perto	N	N	N	N	S	S	N	S	S	N	N	S	S	N	N	S=6 N=9
Afastava-se e não me ajudava	S	S	S	S	N	N	N	N	N	N	S	N	N	N	N	S=5 N=10
Falava muito comigo e dava-me a sua opinião para eu poder melhorar	N	S	N	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S=11 N=4
Colocava-me à vontade	N	S	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	N	S=11 N=4
Ajudava-me a crescer	N	N	N	N	S	S	S	S	S	S	N	S	S	S	S	S=10 N=5
Esclarecia-me as dúvidas	N	N	N	N	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S	S=11 N=4

**Recordações do primeiro dia de estágio das educadoras cooperantes enquanto
alunas**

Educ.	SIM	Descreva a recepção que lhe fizeram no seu primeiro dia de estágio:	NÃO	Descreva a recepção que lhe fizeram no seu primeiro dia de estágio:
A			X	<i>Não justifica.</i>
B	X	Não foi uma recepção relevante que pudesse ter um impacto positivo.		
C			X	<i>Não justifica.</i>
D			X	<i>Não justifica.</i>
E	X	Tínhamos uma festa preparada para nós, com adereços e muitos docinhos. Senti na recepção que iríamos fazer em equipa um trabalho de qualidade.		
F	X	A educadora era mais velha mas simpática e afável, o grupo era pequeno e muito afável.		
G	X	Já conhecia as crianças, o pessoal e a instituição, por isso foi fácil para mim a integração.		
H	X	Fui bem recebida pela supervisora cooperante que me mostrou os diversos espaços da instituição, apresentou-me às pessoas que aí desenvolviam o seu trabalho profissional e familiarizou-me com o grupo de crianças com quem ia interagir, deixando-me bastante à vontade.		
I			X	<i>Não justifica.</i>
J	X	Fui recebida num clima de alegria e à vontade por todo o pessoal do Jardim de Infância. Foi-me indicada a minha sala, com instalações um pouco degradadas, quase sem mobiliário, num vão de escadas, a qual tive de alterar e adaptar de modo a torná-la agradável e acolhedora.		
L	X	Não tive uma recepção porque o 1º dia de estágio coincidiu com a abertura do J. Infº. A educadora estava, naturalmente mais preocupada em receber as crianças, pais e familiares do que propriamente as estagiárias. Nós ajudámos a receber as crianças. Foi uma experiência diferente.		
M	X	Apresentaram-me a instituição e o seu funcionamento.		
N	X	Sinceramente não gostei, pois a educadora cooperante na minha PPI, revelou-se sempre muito fria, distante. E para mim e para a minha colega que ainda estávamos muito “verdes”, sentimo-nos sozinhas sem qualquer tipo de palavra de incentivo e apoio. Felizmente que nas restantes PP tudo se alterou num sentido muito positivo.		
O	X	Reunião com todo o pessoal do J. Infº. Deram-me uma sala vazia, sem porta e um quadro preto grande numa parede. Algum mobiliário. Tive que a transformar numa sala acolhedora de J. Infº.		
P			X	<i>Não justifica.</i>
TOTAL	10		5	

As cooperantes enquanto supervisoras - Razões para ser supervisora

Opções das supervisoras	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Total
Disponibilidade																0
Estatuto social																0
Remuneração acrescida																0
Partilha de conhecimentos e experiências	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	14
Valorização profissional ao nível do currículo			X	X		X						X	X			5
Enriquecimento pessoal e profissional	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	15
Formação adquirida no domínio da especialidade																0
Participação/ Colaboração na formação de futuros profissionais	X	X			X	X	X	X	X	X	X			X	X	11
Outra. Qual?																0

Áreas de desempenho dos formandos consideradas prioritárias pelas educadoras cooperantes

Educadoras	Conhecimento científico	Ação com as crianças	Relacionamento interpessoal
A	2	1	3
B	2	1	3
C	2	1	3
D	3	1	2
E	3	2	1
F	3	1	2
G	2	1	3
H	3	1	2
I	3	1	2
J	2	1	3
L	3	1	2
M	3	1	2
N	3	2	1
O	3	1	2
P	3	1	2
TOTAL	10x(3); 5x (2)	2x (2); 13x (1)	5x(3); 8x (2); 2x (1)

Síntese:

CONHECIMENTO CIENTÍFICO	{	1-0 2- 5 3-10
ACÇÃO COM AS CRIANÇAS	{	1- 13 2- 2 3- 0
RELACIONAMENTO INTERPESSOAL	{	1- 2 2- 8 3- 5

Funções do supervisor

Educadoras	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P
Informar	12	4	16	16	15	19	1	17	18	1	17	10	17	1	14
Avaliar	9	19	19	17	18	21	18	20	21	18	19	16	18	18	21
Criticar	21	22	18	19	21	20	22	21	20	22	18	15	23	13	7
Cooperar	1	2	8	15	16	4	2	4	5	2	11	2	16	12	13
Liderar	23	21	23	23	22	18	23	22	22	23	23	23	22	19	23
Comunicar	2	13	3	14	19	3	4	18	1	4	16	7	12	11	15
Corrigir	10	14	21	13	20	22	16	19	11	16	12	21	21	20	16
Questionar	11	15	4	20	12	6	21	15	19	21	1	12	15	21	10
Ensinar	5	1	15	21	17	5	17	5	12	17	21	20	19	2	17
Exigir	22	23	22	22	23	15	19	23	13	19	22	22	20	22	22
Interagir	8	10	6	1	13	16	11	6	14	11	15	9	13	3	4
Aconselhar	16	11	12	2	14	17	12	10	23	12	10	8	4	10	20
Orientar	3	3	17	3	2	7	3	2	3	3	9	4	8	4	1
Ajudar	13	13	14	4	3	8	13	8	2	13	13	19	5	5	19
Sugerir	14	5	9	5	4	9	14	14	4	14	14	14	9	14	11
Reflectir	6	12	1	12	1	10	7	12	17	7	5	1	1	23	2
Motivar	7	6	2	6	5	1	5	7	6	5	7	11	2	6	12
Apoiar	4	7	11	7	6	11	6	13	7	6	8	18	3	15	5
Demonstrar	15	17	20	18	7	14	15	16	15	15	20	17	11	17	6
Conhecer	17	18	13	8	8	23	20	1	16	20	4	13	10	16	3
Encorajar	19	8	10	9	9	2	8	11	8	8	6	6	7	7	13
Escutar	20	16	5	10	10	12	9	9	9	9	2	3	14	8	9
Valorizar	18	9	7	11	11	13	10	3	10	10	3	5	6	9	8

Necessidade sentida pelas educadoras em registar a acção dos estagiários

	Sim	Porquê?	Não	Porquê?
A	X	Porque nos ajudam posteriormente na reflexão ou na avaliação a corrigir, a melhorar ou até mesmo valorizar essas situações.		
B	X	Porque é importante evitar futuros erros e contribuir para uma maior segurança das estagiárias.		
C	X	Só desta forma posso fazer uma avaliação/reflexão da sua prática Pedagógica (aspectos positivos e negativos), de modo a que haja uma efectiva colaboração e supervisão da prática.		
D	X	Porque assim podemos melhorar aquilo que eventualmente não correu da melhor forma.		
E	X	Para em equipa podermos reflectir o que foi feito e o que poderia ter sido feito. O registo é um meio, um instrumento de avaliação das nossas atitudes/comportamentos.		
F	X	Por vezes pequenos aspectos que juntos fazem a diferença.		
G	X	Para que nos momentos de reflexão seja mais fácil e participativo para ambas as partes.		
H	X	Para promover a consciencialização dos seus erros e aspectos a melhorar, com o fim de corrigir a sua actuação e desenvolver uma prática mais harmoniosa.		
I	X	Para ter a certeza que estou a ser correcta na minha reflexão e tudo vai ser falado.		
J	X	Para não esquecer alguns pormenores importantes que quero referir no momento da reflexão conjunta.		
L	X	Porque existem situações que se não forem registadas no momento em que ocorrem, na altura da reflexão serão esquecidas. Também me ajuda a ordenar as ideias para melhor reflectir sobre elas.		
M	X	Permite uma melhor análise da situação.		
N	X	De modo a poder reflectir com os estagiários com rigor e precisão.		
O	X	Tudo o que se regista não é esquecido e tem muito mais força do que a palavra.		
P	X	Quer as positivas, quer as menos positivas, porque é um instrumento que nos ajuda depois na reflexão.		

Participação dos estagiários na tomada de decisões da sala/instituição

EDUCADORAS	SIM	NÃO	POR VEZES	EXEMPLIFIQUE
A	X			Participando por exemplo, nas reuniões de pais, reuniões de docentes da instituição.
B	X			Planificação de visitas; Concretização de efemérides; Actividades extra-curriculares já planificadas.
C			X	Assuntos a debater em futuras reuniões de pais/encarregados de educação, orientações pedidas em conselho de docentes, ou em conselho pedagógico, etc.
D	X			Participando nas reuniões de preparação de festas, datas comemorativas, visitas de estudo.
E	X			Quanto mais cedo o aluno/estagiário se confrontar com a realidade educativa, mais cedo começa a ter consciência da posição que exerce tanto no presente como para a sua vida profissional futura.
F			X	<i>Não exemplifica.</i>
G			X	Dando opiniões sobre situações sejam de origem pessoais, ou não.
H	X			Em todos os acontecimentos de festa e em todas as situações ocorridas ao longo do trabalho desenvolvido no dia a dia, as opiniões das estagiárias são tomadas em conta, de modo a motivá-las e para elas sentirem que os seus esforços são valorizados, visando estimular as suas capacidades, para no futuro se tornarem profissionais seguras e despertas a todas as necessidades de aprendizagem das crianças.
I	X			Reuniões de pais e das educadoras. Realização de actividades, projectos...
J			X	Dando a sua opinião sobre situações pontuais que se verificam no J. de Inf., nomeadamente a nível de melhorar o funcionamento da sala, datas específicas, etc.
L	X			Na organização da sala; nos eventos que envolvessem os pais deixava-os dinamizar as situações; tentava, sempre que possível, aceitar as suas sugestões em relação às saídas ao exterior, dava-lhes liberdade na escolha dos materiais para a realização das diferentes actividades...
M			X	Depende do envolvimento que a estrutura do estágio permita. Participam principalmente a nível das decisões ligadas às actividades/dinâmica da sala.
N	X			Sempre que se prepara qualquer actividade que envolva toda a instituição- Festa de Natal, Festa de Fim de Ano- Dia da Criança, etc.
O			X	Em todas as decisões que dizem respeito directamente no seu percurso como estagiárias procuro ouvir as suas opiniões.
P			X	Em épocas festivas (Natal, Carnaval, Dia do Pai, Páscoa, ...), visitas de estudo.
TOTAL	8		7	

Recepção efectuada pelas supervisoras aos estagiários

A	Pondo-os à vontade e integrando-os na instituição e no grupo de crianças.
B	Recebo-os com agrado, proporcionando-lhes à vontade, bem estar e segurança. Começo por uma visita guiada à Instituição e em seguida faço uma reunião para os colocar ao corrente do contexto e do P. A. A.
C	Como participantes activos na dinâmica da sala/grupo/instituição, dando grande ênfase à necessidade de uma boa relação interpessoal- confiança, abertura relativamente ao esclarecimento de dúvidas (a educadora cooperante como “recurso” para os alunos/estagiários).
D	Fazendo a sua apresentação não só na sala como na própria Instituição.
E	A recepção é sempre feita com uma festa calorosa.
F	Tendo uma primeira “conversa” explicando algumas regras da instituição.
G	Dando-lhes segurança, pondo-os à vontade para que sintam que não são uns estranhos no ambiente desconhecido para eles.
H	Tento deixar as estagiárias à vontade, dando-lhes a conhecer toda a instituição, educadoras, auxiliares e o grupo de crianças com quem vão interagir, comunicar e trabalhar, devido à importância que dou ao trabalho de grupo e ao bom ambiente sala/instituição.
I	Com uma festinha para que os alunos se sintam mais à vontade com as crianças e se conheçam melhor.
J	Tento proporcionar um clima afectivo propício e deixá-las à vontade e mais seguras, apresentando-as ao grupo de crianças, assim como a todo o pessoal da Instituição.
L	Após uma preparação junto do grupo para o facto de irmos receber estagiários, preparamos uma canção, poesia ou história, escolhida pelas crianças como forma de lhes dar as boas-vindas, para além de um jogo de apresentação.
M	Tento integrá-los no ambiente e dinâmica da instituição e que se sintam como elementos do grupo.
N	De uma forma simpática tentando deixá-los à vontade na sala e na instituição em geral.
O	Apresentação de todo o pessoal docente e não docente, da Instituição, da sala e das crianças.
P	Tento criar um ambiente descontraído, pô-los a par das rotinas, normas e regulamento da Instituição, características do grupo de crianças.

Papel da supervisora

O supervisor deve...	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Média
Observar a prática	3	4	4	4	4	1	3	4	4	4	4	4	4	4	3	3,6
Saber ouvir	3	4	4	3	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3,73
Encorajar os supervisandos a assumir responsabilidades pelos seus actos	2	4	4	4	4	4	4	3	3	4	4	3	4	4	3	3,6
Servir de modelo para os formandos	1	2	3	3	4	3	3	4	2	3	3	2	4	3	2	2,8
Fomentar a prática de comportamentos de ensino pré-determinados	1	4	2	3	4	2	3	1	4	3	1	1	2	3	2	2,4
Proceder à análise de cada dia de prática pedagógica (juntamente com os supervisandos)	3	4	4	4	4	2	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3,73
Fomentar a reflexão do supervisando sobre a sua própria prática pedagógica	3	1	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3,6
Assumir uma atitude directiva, justificada pela sua experiência	1	1	1	1	4	2	1	1	3	1	2	1	1	2	2	1,6
Colaborar com o supervisando na procura de soluções	4	4	3	3	4	4	4	4	3	4	3	3	4	4	4	3,66
Incentivar os supervisandos a falar sobre o que fizeram	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	3,86
Ver as dificuldades sentidas pelos supervisandos como oportunidades de aperfeiçoamento da prática	3	4	3	4	4	4	4	4	3	4	4	3	4	4	3	3,66
Colaborar na planificação/reflexão da prática desenvolvida pelo aluno	3	4	3	4	4	3	3	4	4	3	3	3	4	3	3	3,4
Auxiliar na resolução de situações imprevistas	3	4	3	3	4	3	3	4	4	3	3	2	4	4	3	3,33
Apoiar a tomada de decisões	2	4	3	2	4	4	4	4	4	4	4	2	4	4	3	3,46
Transmitir conhecimentos, indicando o modelo a seguir	1	1	2	1	4	3	2	3	3	2	3	1	2	2	1	2,06
Registrar os comportamentos dos alunos e sugerir como se faz	4	4	4	1	4	1	4	3	3	4	2	2	4	4	2	3,06
Aconselhar porque ele é que sabe	1	3	2	2	3	1	2	1	2	2	2	1	4	2	1	1,93
Questionar a prática pedagógica, sugerindo modelos conducentes à mudança	3	4	4	3	4	3	4	4	3	4	2	1	3	4	2	3,2
Ajudar a projectar os seus planos de acção	3	4	3	3	4	3	4	2	4	4	3	2	3	4	2	3,2
Colocar-se em causa	2	2	3	4	4	2	2	1	3	2	2	2	3	3	2	2,46
Colocar o supervisando à vontade e “dar-lhe espaço”	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3	3,8
Estabelecer com o supervisando uma relação empática e encorajadora	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3,86
Ser autêntico quando fala com os alunos	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3,93
Elogiar os formandos quando eles merecem	4	4	4	4	1	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3,8

Tornar-se supervisora

Educadoras	Com a experiência	Com a formação específica frequentei	O que representa para si a experiência de supervisora (se optou pela resposta anterior)
A	X		
B	X	X	Representa segurança e bases adquiridas através do conhecimento científico adquirido como objectivo de construção de novos conhecimentos.
C	X		
D	X		
E	X		
F	X		
G	X		
H	X		
I	X		
J	X		
L	X		
M	X		Apesar de responder à 15.1- Uma oportunidade de desenvolvimento pessoal, social e profissional.
N	X		
O	X		
P	X		
TOTAL	15	1	

O que é ser supervisora

Opções das educadoras	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Total
a) Ter mais trabalho																0
b) Reflectir mais	X	X	X	X	X	X	X	X		X		X	X			11
c) Sentir-se acompanhada	X			X												2
d) Ver o seu trabalho posto em causa						X										1
e) Aprender mais	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	15
f) Uma actividade gratificante		X			X	X	X		X	X	X		X	X	X	10
g) Investir numa relação					X											1
h) Ajudar a crescer	X	X	X	X	X		X	X	X	X	X	X	X	X	X	14

Atitude para com os formandos

Procuo fazer com os supervisandos...	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	Total
O que senti necessidade, enquanto aluna, e não me fizeram	X	X	X	X			X		X	X	X				X	9
O que me fizeram, enquanto aluna, que me marcou positivamente		X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	X	14
O que me fizeram, enquanto aluna, que me marcou negativamente																0

Atitude dos formandos

O supervisando...	A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P	TOTAL (DT; D; C; CT)
a) Deve trabalhar sozinho, o supervisor não deve interferir	D	DT	DT	DT	DT	C	D	D	DT	D	D	D	DT	DT	D	DT=7 D=7 C=1 CT=0
b) Não deve estar à espera que o supervisor intervenha eliminando as dificuldades surgidas na sala	C	CT	C	C	DT	C	C	D	C	C	C	C	DT	C	C	DT=2 D=1 C=11 CT=1
c) Não deve ter angústias, nem medos	D	CT	DT	DT	DT	C	C	C	DT	C	D	DT	C	C	D	DT=5 D=3 C=6 CT=1
d) Não deve trazer os problemas pessoais para a prática	C	CT	CT	C	DT	DT	CT	CT	C	CT	CT	C	C	C	C	DT=2 D=0 C=7 CT=6
e) Deve partilhar os seus problemas pessoais com o supervisor	C	D	C	C	C	DT	C	DT	D	C	D	C	C	D	C	DT=2 D=4 C=9 CT=0
f) Se necessita de ajuda deve procurá-la fora da instituição	D	DT	D	DT	DT	C	D	D	DT	D	D	D	DT	D	D	DT=5 D=9 C=1 CT=0
g) Deve aceitar as críticas do supervisor como um estímulo	DT	CT	CT	CT	CT	C	C	CT	C	C	CT	C	C	C	C	DT=1 D=0 C=8 CT=6

h) Deve insistir com o supervisor para que este esclareça os seus pontos de vista ou as suas atitudes	C	CT	CT	CT	CT	D	C	D	C	C	CT	C	C	C	C	DT=0 D=2 C=8 CT=5
i) Deve criticar o supervisor	C	D	C	C	C	C	C	DT	C	C	D	C	D	C	C	DT=1 D=3 C=11 CT=0
j) Deve observar sem dar opinião	D	C	DT	DT	DT	D	D	DT	D	DT	D	DT	D	DT	D	DT=7 D=7 C=1 CT=0
l) Deve trabalhar em equipa porque o trabalho realizado em equipa promove o desenvolvimento de todos os intervenientes no processo de supervisão	CT	DT=0 D=0 C=0 CT=15														

Formação das supervisoras

Educadoras	Uma pessoa já formada	Justifique a sua resposta	Uma pessoa em permanente formação	Justifique a sua resposta
A			X	Porque nunca se está já formado, as aprendizagens vão-se fazendo ao longo do tempo...
B			X	Porque além da formação inicial, o supervisor deve ser um Educador em permanente relação com novos conhecimentos, e em constante renovação da sua Prática Pedagógica.
C			X	Existem sempre novas formas de actuação, porque a comunidade educativa está em constante mudança, não é estática- há sempre a necessidade de "saber mais".
D			X	Todos os dias se aprende um pouco mais. Interagir é uma constante aprendizagem.
E			X	O supervisor deve tornar-se aluno do seu aluno, se conseguir esta virtude então é um profissional em permanente formação.
F			X	Enquanto vivemos aprendemos.
G			X	Porque a cada momento está-se sempre a aprender.
H			X	O mundo gira à velocidade da luz e novos conceitos, técnicas e tecnologias que melhoram a aprendizagem, são criados, desenvolvidos e aperfeiçoados, sendo exigido do professor uma actualização constante em

				todos os domínios.
I			X	O supervisor está sempre a aprender e a actualizar-se.
J			X	Através da partilha e troca de experiências está-se continuamente a aprender.
L			X	Só pelo facto de aceitar ser supervisor já revela, penso eu, uma atitude de querer aprender com os outros e de querer saber mais. Logo está em permanente formação que, desde que queiramos, nunca acaba.
M			X	A nossa prática constrói-se dia a dia a partir da reflexão; a reflexão é feita com base na sua formação e na sua experiência. Um profissional deverá adequar-se a um local, a uma situação, a um grupo...
N			X	Porque ao interagir com os estagiários sinto sempre uma "porta aberta" à inovação e que consequentemente me conduz à reflexão.
O			X	Estamos sempre a aprender uns com os outros. Da troca de experiências, ideias e de pontos de vista surge um grande enriquecimento pessoal e profissional. A partilha ajuda o ser humano a crescer.
P			X	Estamos sempre num processo de auto-formação e auto-aprendizagem, principalmente quando se trata de trabalhar com crianças.
TOTAL			15	

Tipos de formação do supervisor

Educadoras	Tipo de formação tida como necessária	Quem deveria proporcionar essa formação
A	Formação específica, aliada à prática.	Formadores com formação nessa área, Escolas Superiores de Educação, etc.
B	Formação contínua, aquisição de novos conhecimentos científicos, permanente elaboração de projectos	Professores especializados na área da Educação com grau superior (Doutoramento).
C	...formação na forma como deverá orientar e supervisionar os alunos/estagiários, quais os objectivos dos estágios, atitudes facilitadoras de relações interpessoais dinâmicas, conhecimento geral do percurso do próprio currículo do curso em questão. ... Durante a realização dos estágios, seria pertinente o encontro periódico (talvez um por período lectivo), entre as diversas supervisoras cooperantes para estabelecer uma certa uniformidade de atitudes.	A própria entidade promotora dos cursos em Educação de Infância, nomeadamente as Escolas Superiores de Educação.
D	A nível de orientação daquilo que a Escola de Formação espera dos estagiários.	As Escolas Superiores de Educação.
E	Seria gratificante haver reuniões frequentes entre supervisores cooperantes e a equipa que coordena o trabalho da supervisão	A equipa que está responsável pelos estágios.

	pedagógica. Partilhar os nossos saberes e as dúvidas é estar em permanente formação	
F	A vida/Bom senso.	Todos.
G	Todas as formações que sejam adequadas para um melhor conhecimento a nível pessoal e profissional.	Instituições que estejam vocacionadas para tal.
H	Uma formação baseada na experiência e numa actualização contínua de conhecimentos.	Quem se mostrasse competente para tal.
I	Necessita de actualização.	Pessoas com mais experiência e actualizadas.
J	Boa formação pessoal e profissional, procurando manter-se atento e actualizado, assim como formação adequada à evolução na área das Ciências de Educação.	Entidades que pelo seu currículo profissional e pessoal possam transmitir conhecimentos e experiências adequadas à nossa prática pedagógica.
L	Uma formação que vise o conhecimento do processo de supervisão em si e o que se espera do profissional enquanto supervisor cooperante.	As escolas de formação dos alunos /estagiários.
M	Formação pessoal (dinâmicas de desenvolvimento pessoal e relacional); Práticas de observação, reflexão e avaliação.	Entidades devidamente credenciadas para promover a formação contínua dos profissionais de educação: A entidade formadora ou em parceria com entidades exteriores.
N	Formação por parte da entidade, de onde provêm os estagiários, de modo a que nós também os possamos auxiliar com mais rigor na parte científica. Promovendo encontros onde seja possível a partilha de experiências e a troca de ideias.	A entidade de onde provêm os estagiários.
O	Todo o tipo de formação que nos mantenha actualizadas (Acções de formação, documentação, plenários, encontros pedagógicos...). Também é muito importante a auto-formação.	Ministério da Educação sobretudo, sindicato, associações de professores e outras...
P	Formação ao nível dos novos modelos pedagógicos e metodologias educativas abordados na formação inicial.	A ESE

DISTRIBUIÇÃO DAS FUNÇÕES INDICADAS PELAS SUPERVISORAS DE
ACORDO COM OS ESTILOS DE SUPERVISÃO DE ZAHORIK (1988)

ESTILOS	FUNÇÕES	SUPERVISORAS															Total	
		A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P		
PRESCRITIVO	Acadêmico	Observar a prática	3	4	4	4	4	1	3	4	4	4	4	4	4	4	3	54
	Mestre	Fomentar a prática de comportamentos de ensino pré-determinados	1	4	2	3	4	2	3	1	4	3	1	1	2	3	2	36
		Transmitir conhecimentos, indicando o modelo a seguir	1	1	2	1	4	3	2	3	3	2	3	1	2	2	1	31
	Mentor	Assumir uma atitude directiva, justificada pela sua experiência	1	1	1	1	4	2	1	1	3	1	2	1	1	2	2	24
		Aconselhar porque ele é que sabe	1	3	2	2	3	1	2	1	2	2	2	1	4	2	1	29
	Crítico	Proceder à análise de cada dia de p.p. juntamente com os formandos	3	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	58
		Registrar os comportamentos dos alunos e sugerir como se faz	4	4	4	1	4	1	4	3	3	4	2	2	4	4	2	46
	TOTAL		14	21	19	16	27	13	19	17	23	20	18	14	21	21	15	

ESTILOS	FUNÇÕES	SUPERVISORAS															Total	
		A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O	P		
INTERPRETATIVO	Humanista	Questionar a prática pedagógica, sugerindo modelos conducentes à mudança	3	4	4	3	4	3	4	4	3	4	2	1	3	4	2	48
	Reformador	Servir de modelo para os formandos	1	2	3	3	4	3	3	4	2	3	3	2	4	3	2	42
TOTAL		4	6	7	6	8	6	7	8	5	7	5	3	7	7	4		

ESTILOS	FUNÇÕES	SUPERVISORAS														Total			
		A	B	C	D	E	F	G	H	I	J	L	M	N	O		P		
APOIANTE	Terapeuta	Saber ouvir	3	4	4	3	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	56	
		Encorajar os supervisandos a assumir responsabilidades pelos seus actos	2	4	4	3	4	2	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	55
		Fomentar a reflexão dos supervisandos sobre a sua própria pp	3	1	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	55
		Colaborar com o supervisando na procura de soluções	4	4	3	3	4	4	4	4	3	4	3	3	4	4	4	4	55
		Incentivar os supervisandos a falar sobre o que fizeram	3	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	4	4	4	4	4	58
		Colaborar na planificação/reflexão da prática desenvolvida pelo aluno	3	4	3	4	4	3	3	4	4	3	3	3	4	3	3	3	51
		Ajudar a projectar os seus planos de acção	3	4	3	3	4	3	4	2	4	4	3	2	3	4	2	2	48
		Colocar o supervisando à vontade e "dar-lhe espaço"	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	4	4	3	3	57
		Elogiar os formandos quando eles merecem	4	4	4	4	1	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	57
		Estabelecer com o supervisando uma relação empática e encorajadora	3	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	58
		Ser autêntico quando fala com os alunos	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	4	3	3	59
		Defensor	Auxiliar na resolução de situações imprevistas	3	4	3	3	4	3	3	4	4	3	3	2	4	4	3	3
	Apoiar a tomada de decisões		2	4	3	2	4	4	4	4	4	4	4	2	4	4	3	3	52
	Colocar-se em causa		2	2	3	4	4	2	2	1	3	2	2	2	3	3	2	2	37
Investigador	Ver as dificuldades sentidas pelos supervisandos como oportunidades de aperfeiçoamento da prática	3	4	3	4	4	4	4	4	3	4	4	3	4	4	3	3	55	
TOTAL		45	56	53	53	57	50	56	55	56	56	54	48	58	58	49			

ANEXO III

Guião das entrevistas

GUIÃO DE ENTREVISTA

Tema: A supervisão em Educação de Infância: as supervisoras e os seus estilos de supervisão.

Objectivo geral: Recolher dados que possibilitem:

- Aprofundar as características do estilo de supervisão determinante;
- Situar a pessoa da supervisora na carreira docente.

Entrevistadas: Supervisoras Ana, Joana, Inês e Matilde.

Determinação dos BLOCOS	Objectivos específicos	Formulário de Questões	Obs
<p>BLOCO A</p> <p>Legitimação da entrevista e motivação das entrevistadas</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Legitimar a entrevista. - Motivar a entrevistada. 	<ul style="list-style-type: none"> - Informar as entrevistadas acerca do trabalho em curso, do tema e do objectivo geral da entrevista. - Solicitar e agradecer a sua colaboração referindo a importância da mesma. - Assegurar a confidencialidade das declarações prestadas e pedir autorização para gravar em audio. 	<p>Tempo 5mn</p>
<p>BLOCO B</p> <p>Recolha de dados sobre a etapa da carreira</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Conhecer/Situar as entrevistadas em termos da sua trajectória profissional. 	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir às entrevistadas que caracterizem o modo como se sentem, actualmente, como educadoras, tendo em atenção: <ul style="list-style-type: none"> . modo de relacionamento com as crianças, com os colegas, a instituição e os pais; . atitude face às “exigências” profissionais e às mudanças; . investimento profissional; . formação; . exigências do dia a dia da profissão; . satisfação profissional. 	<p>Tempo 20mn</p>

<p>BLOCO C</p> <p>Estilos de actuação dos supervisores</p> <p>(I)</p>	<p>- Aprofundar o conhecimento das características dos estilos de supervisão, designadamente do estilo dominante</p>	<p>- Pedir às entrevistadas que refiram os seus modos de actuação como supervisoras, designadamente na dimensão relacional.</p> <p>- Solicitar que identifiquem algumas características pessoais que lhes facilitem ou inibam a acção de supervisoras.</p> <p>- Conhecer estratégias utilizadas pelas educadoras cooperantes para:</p> <ul style="list-style-type: none"> . avaliarem os formandos quanto ao seu saber; . criticarem as suas atitudes e acções (aplicação do saber); . darem informações; . tomarem a iniciativa liderando as acções; . demonstrarem como se faz; . corrigirem a actuação dos formandos; . ensinarem como se faz; . exigirem o que consideram adequado; . criticarem os formandos analisando e interpretando os seus comportamentos; . sugerirem formas alternativas de actuação em função da análise e da interpretação. 	<p>Tempo 30mn</p>
--	--	---	-----------------------

⁽¹⁾ Estilo dominante Prescritivo

<p>BLOCO C</p> <p>Estilos de actuação dos supervisores</p> <p>(II)</p>	<p>- Aprofundar o conhecimento das características dos estilos de supervisão, designadamente do estilo dominante</p>	<p>- Pedir às entrevistadas que refiram os seus modos de actuação como supervisoras, designadamente na dimensão relacional.</p> <p>- Solicitar que identifiquem algumas características pessoais que lhes facilitem ou inibam a acção de supervisoras.</p> <p>- Conhecer estratégias utilizadas pelas educadoras cooperantes para:</p> <ul style="list-style-type: none"> . questionarem as ideias dos formandos; . interagirem com os formandos; . sugerirem processos de mudança; . demonstrarem como se faz, de acordo com as suas ideias; . estabelecerem a comunicação com os formandos; . orientarem a acção dos formandos no sentido de provocarem as mudanças. 	<p>Tempo 30mn</p>
---	--	--	-----------------------

^(II) Estilo dominante Interpretativo

<p>BLOCO C</p> <p>Estilos de actuação dos supervisores</p> <p>(III)</p>	<ul style="list-style-type: none"> - Aprofundar o conhecimento das características dos estilos de supervisão, designadamente do estilo dominante 	<ul style="list-style-type: none"> - Pedir às entrevistadas que refiram os seus modos de actuação como supervisoras, designadamente na dimensão relacional. - Solicitar que identifiquem algumas características pessoais que lhes facilitem ou inibam a acção de supervisoras. - Conhecer estratégias utilizadas pelas educadoras cooperantes para: <ul style="list-style-type: none"> . escutarem as suas opiniões, preocupações /medos; . reflectirem criticamente sobre as suas atitudes e práticas; . ajudarem a tomar decisões motivando-os para concretizar as propostas; . encorajarem os formandos nas suas decisões/actuações; . valorizarem as suas iniciativas; . ajudarem a tomar decisões e a concretizar as propostas, bem como a ultrapassar os obstáculos; . motivarem o formando; . cooperarem na planificação e desenvolvimento das acções; . aconselharem formas de agir; . apoiarem os formandos nas suas decisões; . conhecerem o modo como pensam e actuam; . questionarem levando-os a autocriticarem--se; . avaliarem a sua acção, perspectivando acções futuras (avaliação retrospectiva e prospectiva); . sugerirem formas de melhorar a acção no intuito de alcançar uma prática eficiente. 	<p>Tempo 30mn</p>
--	---	---	-----------------------

(III) Estilo dominante Apoiante

ANEXO IV

**Protocolo e tratamento dos dados da entrevista à supervisora
Ana**

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À SUPERVISORA ANA

Ent.- Agradeço desde já a tua colaboração, pois sei que agora estás muito ocupada ...

Suj.- Pois... mas não faz mal...

Ent.- Depois de te ter explicado o objectivo do estudo que pretendo fazer, quero realçar o facto de a nossa conversa ser sigilosa, será garantido o anonimato... e pedir-te autorização para gravar...

Queres contar um bocadinho do teu percurso profissional? Acabaste o curso...

Suj.- Acabei o curso em Julho de 1997.

Ent.- E daí até agora... porque um percurso profissional constrói-se...

Suj.- Exacto.

Ent.- Como é que tem sido este tempo desde que acabaste o curso da formação inicial até agora? Começaste a trabalhar logo...

Suj.- Acabei o curso em Julho e comecei a trabalhar em Outubro. Fui logo para o “Pipocas” para fazer a “baixa” de uma colega. A minha situação era a de “estágio profissional”. No primeiro ano fiquei como estagiária do Instituto de Emprego. Tinha a sala e o grupo à minha responsabilidade mas era como se fosse estagiária. Depois em Janeiro, a colega voltou mas eu continuei com o grupo que era dela, o grupo dos três anos. Os pais reivindicaram isso, porque a colega faltava muitas vezes... e então para haver continuidade eu fiquei com o grupo dela até ao fim. Era o grupo dos três anos, depois era suposto seguir com o grupo dos quatro, mas... não! Por questões internas fui para o ATL.

Entretanto... no meu segundo ano de trabalho já tinha um contrato com a instituição.

Ent.- Passaste a fazer parte do quadro da instituição?

Suj.- Passei a fazer parte dos quadros da instituição e estou lá efectiva...

Como ia dizendo... Depois regresssei novamente para uma sala de três anos e fiz o percurso com esse grupo... três, quatro e cinco anos...até à entrada no 1º ciclo...

Depois surgiu a oportunidade de entrar para a Universidade... como supervisora...

Ent.- Pelo que me contaste... acabaste o curso, começaste logo a trabalhar, o que agora seria um pouco difícil...porque há dificuldades de colocação ao nível das educadoras de infância... depois ficaste logo efectiva numa instituição... consideras que isso te deu alguma estabilidade?...

Suj.- Sim. Para mim ter ficado logo efectiva deu-me muita segurança. Eu sou uma pessoa que preciso de segurança. Talvez por isso ainda não me tenha ainda aventurado a ir para o “Estado”, a arriscar a ficar contratada... e no ano a seguir a ficar sem emprego ou sem colocação..., porque ali estou efectiva.

Ent.- Concorrer ao Ministério da Educação?...

Suj.- Sim...

Ent.- Mas arriscaste agora a ir para a ESE... sem te contar o tempo de serviço?...

Suj.- Exactamente. Mas a oportunidade de ir para a ESE... e as aprendizagens que iria fazer compensariam tudo isso. E também dado ao facto de o Presidente me ter colocado à vontade... concedendo-me licença sem vencimento... que se houvesse algum problema poderia interromper... também me deu segurança para assumir este desafio.

Ent.- Foi um risco calculado... Achaste que era importante para ti, enquanto percurso profissional, ires para uma escola de formação, ajudar a formar educadores?...

Suj.- Eu achei que era importante... mais a nível pessoal... todas as riquezas que isto me poderia trazer... esta nova experiência. Primeiro via-a como um desafio... pensei: - será que eu sou capaz?

Porque eu quando saí da Universidade tinha as minhas supervisoras como alguém assim... como hei-de dizer?... alguém que sabia tudo!...

Eu pelo menos, quando acabei a formação inicial via as supervisoras assim: como se fossem as donas da verdade. Então eu nunca imaginei que um dia pudesse passar por lá.

Ent.- Ocupar o lugar que elas ocupavam?

Suj.- Sim. Mas aceitei a ida para a ESE como um desafio.

Ent.- Quiseste mesmo testar se era verdade, se elas eram donas da verdade ou não?

Ambas- (risos)

Suj.- Ou isso... mas, acho que ainda bem que aceitei porque tenho feito grandes aprendizagens. Tanto a nível pessoal como profissional... tem sido um enriquecimento muito, muito grande!

Ent.- Se calhar também achaste que já era altura... na tua vida, já tinham passado seis anos...

Suj.- Também... achei que era altura de mudar...

Ent.- E de fazer outros voos?...

Suj.- Exactamente. Também comecei a achar que ali no Jardim de Infância... as pessoas ficam mais acomodadas... e eu começava a sentir que faltava ali qualquer coisa...

Ent.- E como é que tu te sentias na instituição? Com as colegas... que relacionamento havia?

Suj.- Na instituição, o meu relacionamento pessoal, era só com muito poucas colegas... porque a nível pessoal há algumas divergências... mas a nível profissional eu tentava que houvesse alguma relação... mas... não conseguia com todas... porque algumas colegas são muito fechadas sobre si próprias, sobre o seu trabalho e o seu grupo.

Ent.- Não trabalhavam em equipa...

Suj.- Não. Não havia trabalho de equipa. Eu sentia uma falta dessa partilha...de eu chegar ao pé de alguém e poder discutir alguma ideia... eu sentia que apresentava uma ideia e que ficava por ali, porque ninguém me dava luta. E eu já estava a sentir a falta...

Ent.- De te moveres...

Suj.- Sim. Especialmente depois de ter acabado os Complementos de Formação.

Ent.- Ah, pois... tu fizeste os Complementos... e consideras que isso “mexeu” contigo?

Suj.- Mexeu muito!... Eu tinha três anos de serviço quando fui para os Complementos de Formação e aí também foi a abertura de novas perspectivas... porque... pronto... eu acho que foi bom eu ter ido para o “Pipocas”, ter ficado lá efectiva... mas também não é pelo facto, de frequentar muitas acções de formação que isso dá abertura... porque como as colegas são sempre as mesmas... e acomodaram-se um bocadinho... não dava luta... Então o facto de ter ido para os complementos e ter contactado com outras colegas... com outros professores que não tive na formação inicial... e o facto de ter voltado a aprender mais...

Ent.- Despoletou em ti a vontade de aprender ainda mais?

Suj.- Os Complementos de Formação... o contacto com as colegas e com as suas experiências despoletou em mim a vontade de aprender mais... e querer sempre mais e mais... e talvez por isso agora tenha ido para o Mestrado.

Ent.- Pensas então que estar sempre no mesmo sítio não permite que a pessoa evolua?

Suj.- Acho que sim. Eu já tenho falado isso com uma colega lá da instituição... quando fomos para lá víamos aquilo como o nosso futuro... mas hoje, eu vejo aquela instituição como um degrau na minha carreira... eu já não quero acabar os meus dias ali.

Ambas- (risos).

Suj.- Eu sei que vou voltar para lá, mas ali não sei se ficarei muito tempo... é até que surja outra oportunidade... vou arriscar...

Ficar ao pé de casa pode dar acomodação...

Ent.- A Madre Teresa de Calcutá dizia que “pedras que rolam não criam pó”...

Suj.- É uma grande verdade!

Ent.- Mas também há outras coisas que pesam... por exemplo a nível de segurança... e mesmo o facto de poderes ter um grupo de crianças e segui-lo...

Suj.- Isso é muito importante, o facto de seguirmos um grupo... o facto de eu ter seguido um grupo três anos, para mim foi espectacular.

Ent.- E não só com as crianças...

Suj.- Sim com os pais também. É um relacionamento totalmente diferente. Começa-se com um grupo de três anos, aos quatro já é diferente e aos cinco já há relações de amizade, estamos mais à vontade... há cumplicidade... consegue-se fazer um trabalho mais efectivo com os pais. Não quer dizer que num ano não se consiga, mas o facto de se conhecer os pais já há mais tempo, consegue-se envolvê-los... e também aprendemos com eles...

Ent.- E as próprias exigências actuais do ensino, da educação... fazem com que a pessoa também não possa estagnar, tem que aprender mais...

Suj.- Exacto. Temos que nos manter actualizadas, temos que conhecer o que se passa à nossa volta e não só na instituição... E o facto de eu ter ido para a Universidade como supervisora... acho que fui uma privilegiada por isso... tive que me actualizar... as questões que as alunas me colocavam... tive que ler muito para lhes poder dar resposta. E por outro lado, o facto de ter sido educadora cooperante também me ajudou a manter actualizada. As alunas chegam com ideias diferentes, com nova literatura e essa troca de ideias também é muito importante.

Ent.- As ideias delas são desafiadoras para ti?

Suj.- Sim, sim.

Ent.- Isso quer dizer que tu as ouves...

Suj.- Exacto... (risos).

Eu primeiro ouço-os, depois mostro o meu ponto de vista. E depois... claro tentávamos chegar a um consenso. Mas primeiro ouvia-os sempre a eles.

Ent.- E quando os alunos vêm com uma ideia... o que é que tu pensas à partida? Vou deixá-los experimentar... ou... lá vêm estes com ideias...

Suj.- Não. Eu peço é que me expliquem muito bem o que querem fazer, e que me fundamentem bem, quais os objectivos que têm... porque é que pensam fazer assim... depois se eu vir que não há problema nenhum, deixo-os experimentar. Depois vamos conversar sobre o assunto. Às vezes corre bem, outras menos bem... é importante deixá-los actuar... e depois conversar sobre isso.

Ent.- E pensas que é necessário estabelecer com os alunos alguma relação inicial que permita isso? Como é que costumas fazer?

Suj.- Eu acho que sim. É muito importante estabelecer com eles uma relação de amizade... e de empatia... e tento criar com eles uma relação de à vontade... que eles se sintam à vontade comigo, se tiverem algum problema, qualquer questão... qualquer dúvida... criar uma relação de abertura.

Ent.- Tem de haver um clima...

Suj.- Exactamente. Porque se eles se sentirem inibidos e limitados também não os estou a ajudar e eles não serão eles próprios na prática... e não é isso que se pretende. Para mim quanto mais à vontade eles estiverem melhor... também é mais fácil ver aquilo que eles são enquanto pessoas, isso para mim é um factor muito importante... a relação que estabelecem...

Ent.- O que valorizas mais?

Suj.- Para mim, o que valorizo mais é a relação afectiva, o modo de estar e trabalhar com as crianças.

Ent.- Passa tudo pela relação...

Suj.- Eu costumo dizer que sem uma boa relação afectiva não se consegue trabalhar com as crianças, isso para mim é fundamental. E com os adultos também. Passa tudo pela relação.

Ent.- As relações “móvem montanhas”...

Suj.- Até porque eu acho que um educador transmite mais por aquilo que é, que por aquilo que sabe... porque pode saber muito mas se não se conseguir relacionar... nós trabalhamos com crianças e não com papéis... e com crianças pequeninas... como é que incutimos alguns valores nas crianças se nós próprias não os tivermos?

Ent.- Então comesas por aí... por ver que tipo de pessoa os estagiários são...

Suj.- Sim. Começo por aí... e depois avanço para a vertente profissional.

Ent.- E tu própria pensas possuir algumas características pessoais que facilitam isso? Já falaste da abertura... tentas ser uma pessoa aberta...

Suj.- Eu penso que sim. Tento ser uma pessoa simpática... amigosa... tento pô-los logo à vontade... se precisarem de alguma coisa digam... tento falar com eles não só de aspectos profissionais, aspectos informais... porque às vezes acho que nesses momentos também se aprofundam relações, não falar só da prática pedagógica e das aulas... mas também de outras coisas... por exemplo... de livros, de cinema...

Ent.- E é uma forma de os ires conhecendo...

Suj.- Exacto. E para eles não me verem só como educadora cooperante, mas também como pessoa, que tem outros interesses, que não é só a profissão...

Ent.- Que tem vida própria...

Suj.- Exacto. E o facto de eu ter acabado o curso ainda há pouco tempo... seis anos... ainda me consigo rever no “lado de lá”, no papel de estagiária... compreendo perfeitamente alguns medos que têm, porque ainda os sinto muito próximos!

Ent.- Como assim?

Suj.- Os medos passam muito pelo medo de não ser capaz de corresponder àquilo que nos é pedido... e acho que a postura do próprio supervisor dentro da sala de Jardim de Infância também é importante.

Ent.- Sim...

Suj.- Eu tento chegar a uma sala e interagir com as crianças e com a educadora, com as alunas... e não me ponho a um canto com um bloquinho de apontamentos a apontar as coisas que se vão passando... porque eu acho que se nós interagirmos com eles e com o que se está a passar... acho que os ajudamos mais e os colocamos mais à vontade... nós estamos na acção mas estamos a observar e eles quase que não se apercebem... tento fazer isso porque a mim chocou-me muito quando alguma supervisora se punha a um canto e eu...

Ent.- Ficavas a tremer?

Suj.- Exacto. Então, tento não fazer isso.

Ent.- Já me disseste à pouco que costumavas ouvir as propostas dos alunos, deixá-los agir e depois reflectir...

Suj.- Sim. Aí teve muita influência a postura da minha educadora cooperante do 3º ano, os estágios marcam... e nessa altura era o do 3º ano que marcava mais... marca-nos muito tanto pela positiva, como pela negativa. E a mim marcou-me muito porque a minha educadora cooperante sempre me deixou muito à vontade para fazer... claro que nunca pondo em causa o grupo... dava-me sempre muita liberdade... e isso também me ajudou a “ganhar asas” e a “voar” mais um bocadinho... a ir arriscando... e a sentir que o grupo estava “quase” à minha responsabilidade... e então eu tento fazer isso com os alunos também.

Ent.- Mas depois quando chega o momento da reflexão... meus amigos...

Suj.- Sim. Costumo reflectir com eles. Começo por lhes pedir que digam o que acham que correu bem, o que não correu... ouço-os primeiro a eles.

Ent.- Sim...

Suj.- Eu digo: concordo ou não concordo. E por vezes digo: lamento mas vou ter que lhes apontar algumas coisas que podiam ter sido melhoradas ou ter sido feitas de outra forma.

Ent.- No intuito de que eles vão mais além...

Suj.- Exactamente. Tento que sejam críticas construtivas, que sirvam para aperfeiçoar. As críticas destrutivas não ajudam nada, só servem para os “deitar a baixo”. Critico mas de uma forma que eles possam melhorar. E depois, no fim da reflexão pergunto, fizemos assim, então como é que podíamos fazer de outra forma? Também para que vão percebendo que se pode fazer, não só de uma forma, mas também que há várias formas de o fazer...

Ent.- Uma avaliação prospectiva... e porque se calhar sem ajuda eles não pensariam em todas essas hipóteses...

Suj.- Exactamente, ajudar os alunos a irem mais além.

Ent.- E relativamente à planificação? Costumas colaborar?

Suj.- Normalmente eles fazem a planificação e depois chegam ao pé de mim e mostram. E se estiver tudo bem, ok, vamos pôr tudo em prática, se não..., se houver aspectos a melhorar, melhoramos em conjunto antes de colocar em prática, enriquecemos ou mudamos alguma coisa que mereça ser mudada.

Ent.- Acaba por ser um trabalho de todos?

Suj.- Sim. Pretendo que seja o trabalho de uma equipa, incluindo também a auxiliar... não na planificação mas noutros aspectos.

Ent.- E quando eles acham que não são capazes de fazer determinada coisa? Ou quando tu achas que já está na hora de serem eles a apresentarem as propostas ao grupo...

Suj.- Incentivo os alunos, mas às vezes é difícil... eu tento um pouco colocar-me mais para trás, vou fazendo qualquer coisa na sala... mas estou a ouvir e a ver o que se passa na sala, mas desligando-me aos poucos do grupo... sem intervir muito.

Ent.- Vais “dando-lhes espaço” pouco a pouco...

Suj.- Sim. Claro que quando vejo que as coisas “vão para o mau caminho” intervenho, se não, vou-lhes “deixando espaço” e às vezes até saio da sala e aí terei de confiar depois naquilo que eles me dizem e quando vamos reflectir pergunto o que é que se passou. Mas acho que é importante para eles irem ganhando segurança pouco a pouco e para sentirem as dificuldades que têm que ultrapassar, porque enquanto nós estamos na sala eles sentem-se protegidos.

Incentivo-os sempre a fazerem e se eles dizem que não são capazes, eu digo: claro que é capaz! Mas acha que não é capaz porquê? Vamos lá falar sobre os aspectos que acha que não é capaz?

Ent.- Às vezes só não são capazes de começar...

Suj.- É isso. Eu digo-lhes sempre ponham em prática, experimentem, vão ver que não “dói” nada... vão ver que não é assim tão difícil como pensam...

Ent.- Têm de ser encorajados...

Suj.- Sim, sim, ele têm de ser encorajados. A nossa força ajuda-os a ultrapassar os obstáculos e a irem mais além...

E também valorizo o que eles trazem de novo, eu valorizo porque sou uma pessoa “aberta” a novas experiências... e quanto mais coisas novas e diferentes eles trouxerem melhor é, tanto para mim, com para eles, como para o grupo que é o principal, é para quem nós trabalhamos. Incentivo-os sempre a trazerem coisas novas e diferentes.

Ent.- Às vezes é necessário ajudá-los a tomarem determinadas decisões e a vencer obstáculos, mas nem sempre é fácil...

Suj.- Aí, também depende da receptividade dos alunos, alguns são humildes e reconhecem essas dificuldades, há outros que não. Por muito que nós tentemos dizer a bem, alguns acham que não... e aí o processo é mais complicado...

Ent.- E aí?

Suj.- Quando os alunos não reconhecem as dificuldades, aí tento ser mais dura, por muito que isso me custe... e por vezes tento ir buscar opiniões das pessoas que possam estar por dentro do assunto, e para que eles possam ver que não é só a minha forma de pensar...

Ent.- Confronta-los com várias opiniões?

Suj.- Sim.

Ent.- E leva-los a que na reflexão sejam capazes de auto-criticarem-se?

Suj.- Aí, também tenho ganho com a experiência, pelo facto de primeiro ter sido educadora cooperante e agora estar como supervisora. Antigamente eu dizia: Isto correu bem? Então porquê? E agora vou tentando esmiuçar mais, mas, sem dar a resposta. Vou “puxando” pelos alunos, a ver se eles conseguem chegar onde eu quero..., às vezes penso que estou a ser chata... mas, por outro lado, também penso que os estou a ajudar,

se eles não chegam ao fundo da questão sozinhos, pois terão que ser ajudados... Mas é muito difícil. Eu às vezes penso: se eu falo igual para todos, porque é que alguns chegam tão longe e outros ficam só por aqui? (risos...).

Ent.- Porque são diferentes...

Suj.- Exacto, as pessoas são diferentes... a sua forma de ser, de pensar... e o seu próprio percurso de vida é diferente e reflecte-se na prática. É a tal questão... aquilo que a pessoa é enquanto pessoa... e isso faz a diferença...

Ent.- E tentar ver com os alunos formas de melhorar é muito importante, é fazer crescer... tu costumavas sugerir formas de actuação?

Suj.- Eu, umas vezes sugiro, outras não... e questiono-me muito sobre isso. Às vezes dou-lhes sugestões para colmatar esta ou aquela falha, só que nalguns alunos vejo que a minha ideia é trabalhada e posta em prática, e há outros que aplicam a minha ideia tal como eu a disse, só que eu disse com os alunos, mas depois é necessário ver isso no contexto... Depois fico na dúvida... será que devo sugerir? Será que não devo?... Uma ideia é uma sugestão... não é uma cópia ou uma regra. Será que ao dar-lhes sugestões estou a limitá-los?

Ent.- Mas também se não se lhes dão sugestões, eles por vezes não conseguem ver mais além...

Suj.- Exacto, acho que também lhes devo indicar caminhos... dizer-lhes por onde pesquisar, ou às vezes dar-lhes exemplos práticos... penso que isso também os ajuda, eu às vezes dou-lhes exemplos da minha própria prática, dizendo: olha eu também já tive dificuldades aí... neste aspecto... e eu fiz isto e isto... comigo resultou, não quer dizer que consigo resultar... mostrar-lhes que nós também temos as nossas dificuldades e então esta partilha penso que é muito importante.

Ent.- A partilha é muito importante... nem que seja de um livro, de um artigo...

Suj.- Eu lembro-me que quando eu estava na formação inicial, houve uma professora que ficou escandalizada porque algumas de nós não liamos jornais... e eu não percebi muito bem o porquê daquela reacção. Agora compreendo... porque se nós não estivermos minimamente actualizadas e informadas, como é que podemos responder às perguntas que as crianças nos colocam? Como com os atentados do 11 de Setembro, daí despoletou um projecto com o meu grupo no Jardim de Infância... A conversa surgiu porque eram pessoas más que iam num avião... um avião é um meio de transporte... quais os meios de transporte que nós conhecemos, etc... e daí começou o projecto...

Ent.- A nossa profissão exige uma actualização permanente.

Suj.- A nossa profissão exige uma actualização diária. As crianças são bombardeadas com informação e depois... nem todos os pais conseguem gerir isso da melhor forma...

Ent.- Com as exigências da nossa profissão, tu, neste momento, és uma pessoa que se sente realizada? Como é que te sentes?

Suj.- Ainda não... (risos...).

Eu sinto-me realizada, satisfeita, mas ao mesmo tempo sinto que quero aprender mais para poder aplicar junto das crianças, porque o objectivo do meu trabalho é colocá-lo em prática junto das crianças...

Ent.- Vais portanto, continuar a investir... vou continuar a investir na minha formação (...)

Suj.- Sim, sim...

Ent.- Investiste ao ires para os Complementos de Formação...

Suj.- Sim, e a trabalhar...

Ent.- Agora estás a investir no Mestrado...

Suj.- Sim, é isso que dá luta, que me faz crescer, sentir-me actualizada e sempre em busca de mais, porque, caso contrário, estagnávamos...

Ent.- E ser supervisora também é uma forma de crescermos mais um bocadinho...

Suj.- Eu acho que sim, o facto de estar na supervisão permitiu-me visitar outros locais, outras instituições... e ver outras formas de trabalhar... e também as alunas são de uma grande riqueza... o facto de cada uma delas ser diferente da outra também é uma riqueza...

Ent.- Tu interessas-te pela pessoa de cada aluna...

Suj.- Sim, sim, e vivencio muito os problemas delas... o que às vezes é complicado, porque me envolvo demais e vou para casa a pensar naquilo... e às vezes sinto-me mal com certas situações... quando vejo que elas estão mal enquanto estagiárias e enquanto alunas, enquanto pessoas..., depois fico mal. Fico a sentir-me mal e penso: Será que fui eu que não ajudei tanto como deveria? Será que fui eu que falhei?

Ent.- Elas são capazes de chegar ao pé de ti e contar os seus problemas?

Suj.- Sim, sim, sim... há uma relação de amizade e não só profissional, que também é importante...

Ent.- Isso faz-nos sentir úteis como pessoas, na medida em que somos capazes de ouvir o outro, de escutar...

Suj.- Sim. Há algumas alunas que chegam ao pé de mim e choram, choram... desabafam... e se chegam ao pé de mim é porque se sentem à vontade, e isso para mim já é uma conquista, deixá-las à vontade, tão à vontade que sabem que podem chegar ao pé de mim e contar-me os seus problemas...

Ent.- Também gostas de te sentir nesse papel...

Suj.- Também. Porque em casa, por vezes, os pais não percebem o contexto escolar e também há algumas alunas que estão longe de casa. Tenho uma aluna dos Açores que só vai a casa duas vezes por ano... então temos que ser nós a ouvi-las...

Ent.- És sensível a isso...

Eu penso que a nossa conversa pode ficar por aqui, já tomei bastante do teu tempo... resta-me agradecer a tua entrevista e o contributo que deste ao meu trabalho, foi muito útil. Obrigada.

Suj.- De nada. Conte sempre.

**UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO DA ENTREVISTA À
SUPERVISORA ANA**

1. (...) Acabei o curso em Julho de 1997 (...)
2. (...) comecei a trabalhar em Outubro. Fui logo para o “Pipocas” para fazer a “baixa” de uma colega. A minha situação era a de “estágio profissional”. No primeiro ano fiquei como estagiária do Instituto de Emprego (...)
3. (...) Tinha a sala e o grupo à minha responsabilidade mas era como se fosse estagiária (...) a colega voltou, mas eu continuei com o grupo que era dela, o grupo dos três anos (...)
4. (...) no meu segundo ano de trabalho já tinha um contrato com a instituição (...)
5. (...) Passei a fazer parte dos quadros da instituição e estou lá efectiva (...)
6. (...) Depois regresssei novamente para uma sala de três anos e fiz o percurso com esse grupo... três, quatro e cinco anos... até à entrada no 1º ciclo... (...)
7. (...) Depois surgiu a oportunidade de entrar para a Universidade... como supervisora... (...)
8. (...) ter ficado logo efectiva deu-me muita segurança. Eu sou uma pessoa que preciso de segurança. Talvez por isso ainda não me tenha ainda aventurado a ir para o “Estado”, a arriscar a ficar contratada... e no ano a seguir a ficar sem emprego ou sem colocação (...)

9. (...) Mas a oportunidade de ir para a ESE... e as aprendizagens que iria fazer

compensariam tudo isso. E também dado ao facto de o Presidente me ter colocado à vontade... concedendo-me licença sem vencimento... que se houvesse algum problema poderia interromper... também me deu segurança para assumir este desafio (...)
10. (...) Eu achei que era importante [ser supervisora da ESE]... mais a nível pessoal... todas as riquezas que isto me poderia trazer... esta nova experiência. Primeiro via-a como um desafio... pensei: - será que eu sou capaz? (...)
11. Porque eu quando saí da Universidade tinha as minhas supervisoras como alguém assim... como hei-de dizer?... alguém que sabia tudo!... Eu pelo menos, quando acabei a formação inicial via as supervisoras assim: como se fossem as donas da verdade. Então eu nunca imaginei que um dia pudesse passar por lá (...)
12. (...) Mas aceitei a ida para a ESE como um desafio (...)
13. (...) acho que ainda bem que aceitei porque tenho feito grandes aprendizagens. Tanto a nível pessoal como profissional... tem sido um enriquecimento muito, muito grande! (...)
14. (...) Também... achei que era altura de mudar... (...)
15. (...) Também comecei a achar que ali no Jardim de Infância... as pessoas ficam mais acomodadas... e eu começava a sentir que faltava ali qualquer coisa... (...)

16. (...) Na instituição, o meu relacionamento pessoal, era só com muito poucas colegas... porque a nível pessoal há algumas divergências... mas a nível profissional eu tentava que houvesse alguma relação... (...)
17. (...) mas... não conseguia com todas... porque algumas colegas são muito fechadas sobre si próprias, sobre o seu trabalho e o seu grupo (...)
18. (...) Não, não havia trabalho de equipa. Eu sentia uma falta dessa partilha... de eu chegar ao pé de alguém e poder discutir alguma ideia... eu sentia que apresentava uma ideia e que ficava por ali, porque ninguém me dava luta (...)
19. (...) Eu tinha três anos de serviço quando fui para os Complementos de Formação e aí também foi a abertura de novas perspectivas... (...)
20. (...) mas também não é pelo facto, de frequentar muitas acções de formação que isso dá abertura... porque como as colegas são sempre as mesmas... e acomodaram-se um bocadinho... não dava luta... (...)
21. (...) o facto de ter ido para os complementos e ter contactado com outras colegas... com outros professores que não tive na formação inicial... e o facto de ter voltado a aprender mais...(...)
22. (...) os Complementos de Formação... o contacto com as colegas e com as suas experiências despoletou em mim a vontade de aprender mais... e querer sempre mais e mais... e talvez por isso agora tenha ido para o Mestrado (...)
23. (...) quando fomos para lá [para a instituição] víamos aquilo como o nosso futuro... mas hoje, eu vejo aquela instituição como um degrau na minha carreira... eu já não quero acabar os meus dias ali (...)

24. (...) Eu sei que vou voltar para lá, mas ali não sei se ficarei muito tempo... é até que surja outra oportunidade... vou arriscar... (...)
25. (...) Ficar ao pé de casa pode dar acomodação... (...)
26. (...) é muito importante, o facto de seguirmos um grupo... o facto de eu ter seguido um grupo três anos, para mim foi espectacular (...)
27. (...) Sim com os pais também. É um relacionamento totalmente diferente. Começa-se com um grupo de três anos, aos quatro já é diferente e aos cinco já há relações de amizade, estamos mais à vontade... há cumplicidade... consegue-se fazer um trabalho mais efectivo com os pais (...)
28. (...) Não quer dizer que num ano não se consiga, mas o facto de se conhecer os pais já há mais tempo, consegue-se envolvê-los... e também aprendemos com eles... (...)
29. (...) Temos que nos manter actualizadas, temos que conhecer o que se passa à nossa volta e não só na instituição... e o facto de eu ter ido para a Universidade como supervisora... acho que fui uma privilegiada por isso... tive que me actualizar... as questões que as alunas me colocavam... tive que ler muito para lhes poder dar resposta (...)
30. (...) E por outro lado, o facto de ter sido educadora cooperante também me ajudou a manter actualizada. As alunas chegam com ideias diferentes, com nova literatura e essa troca de ideias também é muito importante (...)
31. (...) Eu primeiro ouço-os [os estagiários] (...)

32. (...) depois mostro o meu ponto de vista. E depois... claro tentávamos chegar a um consenso (...)
33. (...) Mas primeiro ouvia-os sempre a eles (...)
34. (...) Eu peço é que me expliquem muito bem o que querem fazer, e que me fundamentem bem, quais os objectivos que têm... porque é que pensam fazer assim... depois se eu vir que não há problema nenhum, deixo-os experimentar (...)
35. (...) Depois vamos conversar sobre o assunto. Às vezes corre bem, outras menos bem... é importante deixá-los actuar... e depois conversar sobre isso (...)
36. (...) É muito importante estabelecer com eles uma relação de amizade... (...)
37. (...) e de empatia... (...)
38. (...) e tento criar com eles uma relação de à vontade... que eles se sintam à vontade comigo, se tiverem algum problema, qualquer questão... qualquer dúvida... (...)
39. (...) criar uma relação de abertura (...)
40. (...) Porque se eles se sentirem inibidos e limitados também não os estou a ajudar e eles não serão eles próprios na prática... e não é isso que se pretende. Para mim quanto mais à vontade eles estiverem melhor... também é mais fácil ver aquilo que eles são enquanto pessoas, isso para mim é um factor muito importante... a relação que estabelecem... (...)
41. (...) o que valorizo mais é a relação afectiva, o modo de estar e trabalhar com as crianças (...)

42. (...) Eu costumo dizer que sem uma boa relação afectiva não se consegue trabalhar com as crianças, isso para mim é fundamental. E com os adultos também. Passa tudo pela relação (...)
43. (...) Até porque eu acho que um educador transmite mais por aquilo que é, que por aquilo que sabe... porque pode saber muito mas se não se conseguir relacionar... nós trabalhamos com crianças e não com papéis... e com crianças pequeninas... como é que incutimos alguns valores nas crianças se nós próprias não os tivermos? (...)
44. (...) Começo por aí... [pela relação] e depois avanço para a vertente profissional (...)
45. (...) Tento ser uma pessoa simpática... (...)
46. (...) [tenta ser] amistosa... (...)
47. (...) tento pô-los logo à vontade... se precisarem de alguma coisa digam... (...)
48. (...) tento falar com eles não só de aspectos profissionais, aspectos informais... porque às vezes acho que nesses momentos também se aprofundam relações, não falar só da prática pedagógica e das aulas... mas também de outras coisas... por exemplo... de livros, de cinema... (...)
49. (...) é uma forma de os ir conhecendo. E para eles não me verem só como educadora cooperante, mas também como pessoa, que tem outros interesses, que não é só a profissão... (...)
50. (...) E o facto de eu ter acabado o curso ainda há pouco tempo... seis anos... ainda me consigo rever no “lado de lá”, no papel de estagiária... compreendo

perfeitamente alguns medos que têm, porque ainda os sinto muito próximos!
(...)

51. (...) Os medos passam muito pelo medo de não ser capaz de corresponder àquilo que nos é pedido... e acho que a postura do próprio supervisor dentro da sala de Jardim de Infância também é importante (...)
52. (...) Eu tento chegar a uma sala e interagir com as crianças e com a educadora, com as alunas... e não me ponho a um canto com um bloquinho de apontamentos a apontar as coisas que se vão passando... porque eu acho que se nós interagirmos com eles e com o que se está a passar... acho que os ajudamos mais e os colocamos mais à vontade... nós estamos na acção, mas estamos a observar e eles quase que não se apercebem... tento fazer isso porque a mim chocou-me muito quando alguma supervisora se punha a um canto e eu... (...)
53. (...) teve muita influência a postura da minha educadora cooperante do 3º ano, os estágios marcam... (...) dava-me sempre muita liberdade... e isso também me ajudou a “ganhar asas” e a “voar” mais um bocadinho... a ir arriscando... e a sentir que o grupo estava “quase” à minha responsabilidade... e então eu tento fazer isso com os alunos também (...)
54. (...) Costumo reflectir com eles. Começo por lhes pedir que digam o que acham que correu bem, o que não correu... ouço-os primeiro a eles (...)
55. (...) Eu digo: concordo ou não concordo. E por vezes digo: lamento mas vou ter que lhes apontar algumas coisas que podiam ter sido melhoradas ou ter sido feitas de outra forma (...)
56. (...) Tento que sejam críticas construtivas, que sirvam para aperfeiçoar (...)
Critico mas de uma forma que eles possam melhorar (...)

57. (...) E depois, no fim da reflexão pergunto: fizemos assim, então como é que podíamos fazer de outra forma? Também para que vão percebendo que se pode fazer, não só de uma forma, mas também que há várias formas de o fazer... (...)
58. (...) ajudar os alunos a irem mais além (...)
59. (...) Normalmente eles fazem a planificação e depois chegam ao pé de mim e mostram. E se estiver tudo bem, ok, vamos pôr tudo em prática, se não..., se houver aspectos a melhorar, melhoramos em conjunto antes de colocar em prática, enriquecemos ou mudamos alguma coisa que mereça ser mudada (...)
60. (...) Pretendo que seja o trabalho de uma equipa, incluindo também a auxiliar... não na planificação, mas noutros aspectos (...)
61. (...) Incentivo os alunos, mas às vezes é difícil... eu tento um pouco colocar-me mais para trás, vou fazendo qualquer coisa na sala... mas estou a ouvir e a ver o que se passa na sala, mas desligando-me aos poucos do grupo... sem intervir muito (...)
62. (...) quando vejo que as coisas “vão para o mau caminho” intervenho (...)
63. (...) se não, vou-lhes “deixando espaço” e às vezes até saio da sala e aí terei de confiar depois naquilo que eles me dizem e quando vamos reflectir pergunto o que é que se passou (...)
64. (...) Mas acho que é importante para eles irem ganhando segurança pouco a pouco e para sentirem as dificuldades que têm que ultrapassar, porque enquanto nós estamos na sala eles sentem-se protegidos (...)
65. (...) Incentivo-os sempre a fazerem e se eles dizem que não são capazes, eu digo: claro que é capaz! Mas acha que não é capaz porquê? Vamos lá falar sobre os aspectos que acha que não é capaz? (...)

66. (...) Eu digo-lhes sempre ponham em prática, experimentem, vão ver que não “dói” nada... vão ver que não é assim tão difícil como pensam... (...)
67. (...) eles têm de ser encorajados. A nossa força ajuda-os a ultrapassar os obstáculos e a irem mais além... (...)
68. (...) valorizo o que eles trazem de novo (...)
69. (...) sou uma pessoa “aberta” a novas experiências... e quanto mais coisas novas e diferentes eles trouxerem melhor é, tanto para mim, com para eles, como para o grupo (...) Incentivo-os sempre a trazerem coisas novas e diferentes (...)
70. (...) também depende da receptividade dos alunos, alguns são humildes e reconhecem essas dificuldades, há outros que não. Por muito que nós tentemos dizer a bem, alguns acham que não... e aí o processo é mais complicado... (...)
71. (...) Quando os alunos não reconhecem as dificuldades, aí tento ser mais dura, por muito que isso me custe... (...)
72. (...) e por vezes tento ir buscar opiniões das pessoas que possam estar por dentro do assunto, e para que eles possam ver que não é só a minha forma de pensar... (...)
73. (...) também tenho ganho com a experiência, pelo facto de primeiro ter sido educadora cooperante e agora estar como supervisora. Antigamente eu dizia: Isto correu bem? Então porquê? E agora vou tentando esmiuçar mais, mas, sem dar a resposta. Vou “puxando” pelos alunos, a ver se eles conseguem chegar onde eu quero... às vezes penso que estou a ser chata... mas, por outro lado, também penso que os estou a ajudar, se eles não chegam ao fundo da questão sozinhos, pois terão que ser ajudados... Mas é muito difícil (...)

74. (...) as pessoas são diferentes... a sua forma de ser, de pensar... e o seu próprio percurso de vida é diferente e reflecte-se na prática. É a tal questão... aquilo que a pessoa é enquanto pessoa... e isso faz a diferença... (...)
75. (...) umas vezes sugiro, outras não... (...) Às vezes dou-lhes sugestões para colmatar esta ou aquela falha, só que nalguns alunos vejo que a minha ideia é trabalhada e posta em prática, e há outros que aplicam a minha ideia tal como eu a disse, só que eu disse com os alunos, mas depois é necessário ver isso no contexto... (...)
76. (...) acho que também lhes devo indicar caminhos... dizer-lhes por onde pesquisar, ou às vezes dar-lhes exemplos práticos... (...) isso também os ajuda (...)
77. (...) eu às vezes dou-lhes exemplos da minha própria prática, dizendo: olha eu também já tive dificuldades aí... neste aspecto... e eu fiz isto e isto... comigo resultou, não quer dizer que consigo resulte... mostrar-lhes que nós também temos as nossas dificuldades e então esta partilha penso que é muito importante (...)
78. (...) Eu lembro-me que quando eu estava na formação inicial, houve uma professora que ficou escandalizada porque algumas de nós não liamos jornais... e eu não percebi muito bem o porquê daquela reacção. Agora compreendo... porque se nós não estivermos minimamente actualizadas e informadas, como é que podemos responder às perguntas que as crianças nos colocam? (...)
79. (...) A nossa profissão exige uma actualização diária (...)
80. (...) Eu sinto-me realizada (...)
81. (...) [sinto-me] satisfeita (...)

82. (...) mas ao mesmo tempo sinto que quero aprender mais para poder aplicar junto das crianças, porque o objectivo do meu trabalho é colocá-lo em prática junto das crianças... (...)
83. (...) Vou continuar a investir na minha formação (...)
84. (...) [actualmente mestranda] é isso que dá luta, que me faz crescer, sentir-me actualizada e sempre em busca de mais, porque, caso contrário, estagnávamos...
85. (...) o facto de estar na supervisão permitiu-me visitar outros locais, outras instituições... e ver outras formas de trabalhar... e também as alunas são de uma grande riqueza... o facto de cada uma delas ser diferente da outra também é uma riqueza... (...)
86. (...) vivencio muito os problemas delas... [das alunas] o que às vezes é complicado, porque me envolvo demais e vou para casa a pensar naquilo... e às vezes sinto-me mal com certas situações... quando vejo que elas estão mal enquanto estagiárias e enquanto alunas, enquanto pessoas..., depois fico mal. Fico a sentir-me mal e penso: Será que fui eu que não ajudei tanto como deveria? Será que fui eu que falhei? (...)
87. (...) há uma relação de amizade e não só profissional, que também é importante... (...)
88. (...) Há algumas alunas que chegam ao pé de mim e choram, choram... desabafam... e se chegam ao pé de mim é porque se sentem à vontade, e isso para mim já é uma conquista, deixá-las à vontade, tão à vontade que sabem que podem chegar ao pé de mim e contar-me os seus problemas... (...)

89. (...) em casa, por vezes, os pais não percebem o contexto escolar e também há algumas alunas que estão longe de casa. Tenho uma aluna dos Açores que só vai a casa duas vezes por ano... então temos que ser nós a ouvi-las (...)

DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO DA ENTREVISTA À SUPERVISORA ANA

Percurso pessoal/profissional

1. Anos de serviço

(...) Acabei o curso em Julho de 1997 (...) (1)

2. Situação profissional

(...) comecei a trabalhar em Outubro. Fui logo para o “Pipocas” para fazer a “baixa” de uma colega. A minha situação era a de “estágio profissional”. No primeiro ano fiquei como estagiária do Instituto de Emprego (...) (2)

(...) no meu segundo ano de trabalho já tinha um contrato com a instituição (...) (4)

(...) Passei a fazer parte dos quadros da instituição e estou lá efectiva (...) (5)

(...) Depois regresssei novamente para uma sala de três anos e fiz o percurso com esse grupo... três, quatro e cinco anos... até à entrada no 1º ciclo... (...) (6)

(...) Depois surgiu a oportunidade de entrar para a Universidade... como supervisora...
(...) (7)

(...) ter ficado logo efectiva deu-me muita segurança. Eu sou uma pessoa que preciso de segurança. Talvez por isso ainda não me tenha ainda aventurado a ir para o “Estado”, a arriscar a ficar contratada... e no ano a seguir a ficar sem emprego ou sem colocação (...)
(8)

(...) Mas a oportunidade de ir para a ESE... e as aprendizagens que iria fazer compensariam tudo isso. E também dado ao facto de o Presidente me ter colocado à

vontade... concedendo-me licença sem vencimento... que se houvesse algum problema poderia interromper... também me deu segurança para assumir este desafio (...) (9)

(...) quando fomos para lá [para a instituição] víamos aquilo como o nosso futuro... mas hoje, eu vejo aquela instituição como um degrau na minha carreira... eu já não quero acabar os meus dias ali (...) (23)

(...) Eu sei que vou voltar para lá, mas ali não sei se ficarei muito tempo... é até que surja outra oportunidade... vou arriscar... (24)

(...) Ficar ao pé de casa pode dar acomodação... (...) (25)

3. Relacionamento

3.1- Com as crianças

(...) Tinha a sala e o grupo à minha responsabilidade mas era como se fosse estagiária
(...) a colega voltou, mas eu continuei com o grupo que era dela, o grupo dos três anos
(...) (3)

(...) é muito importante, o facto de seguirmos um grupo... o facto de eu ter seguido um grupo três anos, para mim foi espectacular (...) (26)

3.2- Com os pais

(...) Sim com os pais também. É um relacionamento totalmente diferente. Começa-se com um grupo de três anos, aos quatro já é diferente e aos cinco já há relações de amizade, estamos mais à vontade... há cumplicidade... consegue-se fazer um trabalho mais efectivo com os pais (...) (27)

(...) Não quer dizer que num ano não se consiga, mas o facto de se conhecer os pais já há mais tempo, consegue-se envolvê-los... e também aprendemos com eles... (...) (28)

3.3- Com os colegas

(...) Na instituição, o meu relacionamento pessoal, era só com muito poucas colegas... porque a nível pessoal há algumas divergências... mas a nível profissional eu tentava que houvesse alguma relação... (...) (16)

(...) mas... não conseguia com todas... porque algumas colegas são muito fechadas sobre si próprias, sobre o seu trabalho e o seu grupo (...) (17)

(...) Não, não havia trabalho de equipa. Eu sentia uma falta dessa partilha... de eu chegar ao pé de alguém e poder discutir alguma ideia... eu sentia que apresentava uma ideia e que ficava por ali, porque ninguém me dava luta (...) (18)

3.4- Com a comunidade

Não verificada.

4. Atitude profissional

4.1- Coordenação institucional

Não verificada.

4.2- Trabalho com as crianças

(...) mas ao mesmo tempo sinto que quero aprender mais para poder aplicar junto das crianças, porque o objectivo do meu trabalho é colocá-lo em prática junto das crianças... (...) (82)

4.3- Formação

(...) Eu tinha três anos de serviço quando fui para os Complementos de Formação e aí também foi a abertura de novas perspectivas... (...) (19)

(...) mas também não é pelo facto, de frequentar muitas acções de formação que isso dá abertura... porque como as colegas são sempre as mesmas... e acomodaram-se um bocadinho... não dava luta... (20)

(...) o facto de ter ido para os complementos e ter contactado com outras colegas... com outros professores que não tive na formação inicial... e o facto de ter voltado a aprender mais... (...) (21)

(...) os Complementos de Formação... o contacto com as colegas e com as suas experiências despoletou em mim a vontade de aprender mais... e querer sempre mais e mais... e talvez por isso agora tenha ido para o Mestrado (...) (22)

(...) Temos que nos manter actualizadas, temos que conhecer o que se passa à nossa volta e não só na instituição... e o facto de eu ter ido para a universidade como supervisora... acho que fui uma privilegiada por isso... tive que me actualizar... as questões que as alunas me colocavam... tive que ler muito para lhes poder dar resposta (...) (29)

(...) E por outro lado, o facto de ter sido educadora cooperante também me ajudou a manter actualizada. As alunas chegam com ideias diferentes, com nova literatura e essa troca de ideias também é muito importante (...) (30)

(...) Eu lembro-me que quando eu estava na formação inicial, houve uma professora que ficou escandalizada porque algumas de nós não liamos jornais... e eu não percebi muito bem o porquê daquela reacção. Agora compreendo... porque se nós não estivermos minimamente actualizadas e informadas, como é que podemos responder às perguntas que as crianças nos colocam? (...) (78)

(...) A nossa profissão exige uma actualização diária (...) (79)

(...) Vou continuar a investir na minha formação (...) (83)

(...) o facto de estar na supervisão permitiu-me visitar outros locais, outras instituições... e ver outras formas de trabalhar... e também as alunas são de uma grande riqueza... o facto de cada uma delas ser diferente da outra também é uma riqueza... (...) (85)

4.4- Investimento profissional

(...) Eu achei que era importante [ser supervisora da ESE]... mais a nível pessoal... todas as riquezas que isto me poderia trazer... esta nova experiência. Primeiro via-a como um desafio... pensei: - será que eu sou capaz? (10)

(...) Porque eu quando saí da Universidade tinha as minhas supervisoras como alguém assim... como hei-de dizer?... alguém que sabia tudo!... Eu pelo menos, quando acabei a formação inicial via as supervisoras assim: como se fossem as donas da verdade. Então eu nunca imaginei que um dia pudesse passar por lá (...) (11)

(...) Mas aceitei a ida para a ESE como um desafio (...) (12)

(...) acho que ainda bem que aceitei porque tenho feito grandes aprendizagens. Tanto a nível pessoal como profissional... tem sido um enriquecimento muito, muito grande! (...) (13)

(...) Também... achei que era altura de mudar... (...) (14)

(...) Também comecei a achar que ali no Jardim de Infância... as pessoas ficam mais acomodadas... e eu começava a sentir que faltava ali qualquer coisa... (...) (15)

(...) [actualmente mestranda] é isso que dá luta, que me faz crescer, sentir-me actualizada e sempre em busca de mais, porque, caso contrário, estagnávamos... (...)

(84)

5. Satisfação/insatisfação profissional

5.1- Satisfação

(...) Eu sinto-me realizada (...) **(80)**

(...) [sinto-me] satisfeita (...) **(81)**

5.2- Insatisfação

Não verificada.

Estilo de Supervisão

1. Características pessoais

(...) Tento ser uma pessoa simpática... (...) **(45)**

(...) [tenta ser] amistosa... (...) **(46)**

(...) sou uma pessoa “aberta” a novas experiências... e quanto mais coisas novas e diferentes eles trouxerem melhor é, tanto para mim, com para eles, como para o grupo
(...) Incentivo-os sempre a trazerem coisas novas e diferentes (...) **(69)**

2. Modos de actuação característicos do estilo

1. Avaliar

Não verificada.

2. Criticar

(...) Eu digo: concordo ou não concordo. E por vezes digo: lamento mas vou ter que lhes apontar algumas coisas que podiam ter sido melhoradas ou ter sido feitas de outra forma (...) (55)

(...) Tento que sejam críticas construtivas, que sirvam para aperfeiçoar (...) Critico mas de uma forma que eles possam melhorar (...) (56)

(...) também depende da receptividade dos alunos, alguns são humildes e reconhecem essas dificuldades, há outros que não. Por muito que nós tentemos dizer a bem, alguns acham que não... e aí o processo é mais complicado... (...) (70)

(...) Quando os alunos não reconhecem as dificuldades, aí tento ser mais dura, por muito que isso me custe... (...) (71)

(...) e por vezes tento ir buscar opiniões das pessoas que possam estar por dentro do assunto, e para que eles possam ver que não é só a minha forma de pensar... (...) (72)

3. Informar

(...) depois mostro o meu ponto de vista. E depois... claro tentávamos chegar a um consenso (...) (32)

4. Liderar

(...) quando vejo que as coisas “vão para o mau caminho” intervenho (...) (62)

5. Demonstrar

(...) acho que também lhes devo indicar caminhos... dizer-lhes por onde pesquisar, ou às vezes dar-lhes exemplos práticos... (...) isso também os ajuda (...) (76)

6. Corrigir

Não verificada.

7. Ensinar

Não verificada.

8. Exigir

Não verificada.

9. Sugerir

(...) umas vezes sugiro, outras não... (...) Às vezes dou-lhes sugestões para colmatar esta ou aquela falha, só que nalguns alunos vejo que a minha ideia é trabalhada e posta em prática, e há outros que aplicam a minha ideia tal como eu a disse, só que eu disse com os alunos, mas depois é necessário ver isso no contexto... (...) (75)

10. Questionar

(...) E depois, no fim da reflexão pergunto: fizemos assim, então como é que podíamos fazer de outra forma? Também para que vão percebendo que se pode fazer, não só de uma forma, mas também que há várias formas de o fazer... (...) (57)

(...) também tenho ganho com a experiência, pelo facto de primeiro ter sido educadora cooperante e agora estar como supervisora. Antigamente eu dizia: Isto correu bem? Então porquê? E agora vou tentando esmiuçar mais, mas, sem dar a resposta. Vou “puxando” pelos alunos, a ver se eles conseguem chegar onde eu quero... às vezes penso

que estou a ser chata... mas, por outro lado, também penso que os estou a ajudar, se eles não chegam ao fundo da questão sozinhos, pois terão que ser ajudados... Mas é muito difícil (...) (73)

11. Interagir

(...) É muito importante estabelecer com eles uma relação de amizade... (...) (36)

(...) e de empatia... (...) (37)

(...) e tento criar com eles uma relação de à vontade... que eles se sintam à vontade comigo, se tiverem algum problema, qualquer questão... qualquer dúvida... (...) (38)

(...) criar uma relação de abertura (...) (39)

(...) o que valorizo mais é a relação afectiva, o modo de estar e trabalhar com as crianças (...) (41)

(...) Eu costumo dizer que sem uma boa relação afectiva não se consegue trabalhar com as crianças, isso para mim é fundamental. E com os adultos também. Passa tudo pela relação (...) (42)

(...) Até porque eu acho que um educador transmite mais por aquilo que é, que por aquilo que sabe... porque pode saber muito mas se não se conseguir relacionar... nós trabalhamos com crianças e não com papéis... e com crianças pequeninas... como é que incutimos alguns valores nas crianças se nós próprias não os tivermos? (...) (43)

(...) Começo por aí... [pela relação] e depois avanço para a vertente profissional (...) (44)

(...) tento falar com eles não só de aspectos profissionais, aspectos informais... porque às vezes acho que nesses momentos também se aprofundam relações, não falar só da

prática pedagógica e das aulas... mas também de outras coisas... por exemplo... de livros, de cinema... (...) (48)

(...) é uma forma de os ir conhecendo. E para eles não me verem só como educadora cooperante, mas também como pessoa, que tem outros interesses, que não é só a profissão... (...) (49)

(...) Eu tento chegar a uma sala e interagir com as crianças e com a educadora, com as alunas... e não me ponho a um canto com um bloquinho de apontamentos a apontar as coisas que se vão passando... porque eu acho que se nós interagirmos com eles e com o que se está a passar... acho que os ajudamos mais e os colocamos mais à vontade... nós estamos na acção, mas estamos a observar e eles quase que não se apercebem... tento fazer isso porque a mim chocou-me muito quando alguma supervisora se punha a um canto e eu... (...) (52)

(...) vivencio muito os problemas delas... [das alunas] o que às vezes é complicado, porque me envolvo demais e vou para casa a pensar naquilo... e às vezes sinto-me mal com certas situações... quando vejo que elas estão mal enquanto estagiárias e enquanto alunas, enquanto pessoas..., depois fico mal. Fico a sentir-me mal e penso: Será que fui eu que não ajudei tanto como deveria? Será que fui eu que falhei? (...) (86)

(...) há uma relação de amizade e não só profissional, que também é importante... (...) (87)

(...) Há algumas alunas que chegam ao pé de mim e choram, choram... desabafam... e se chegam ao pé de mim é porque se sentem à vontade, e isso para mim já é uma conquista, deixá-las à vontade, tão à vontade que sabem que podem chegar ao pé de mim e contar-me os seus problemas... (...) (88)

(...) em casa por vezes, os pais não percebem o contexto escolar e também há algumas alunas que estão longe de casa. Tenho uma aluna dos Açores que só vai a casa duas vezes por ano... então temos que ser nós a ouvi-las (...) (89)

12. Comunicar

(...) E o facto de eu ter acabado o curso ainda há pouco tempo... seis anos... ainda me consigo rever no “lado de lá”, no papel de estagiária... compreendo perfeitamente alguns medos que têm, porque ainda os sinto muito próximos! (...) (50)

(...) eu às vezes dou-lhes exemplos da minha própria prática, dizendo: olha eu também já tive dificuldades aí... neste aspecto... e eu fiz isto e isto... comigo resultou, não quer dizer que consigo resulte... mostrar-lhes que nós também temos as nossas dificuldades e então esta partilha penso que é muito importante (...) (77)

13. Orientar

Não verificada.

14. Escutar

(...) Eu primeiro ouço-os [os estagiários] (...) (31)

(...) Mas primeiro ouvia-os sempre a eles (...) (33)

(...) Eu peço é que me expliquem muito bem o que querem fazer, e que me fundamentem bem, quais os objectivos que têm... porque é que pensam fazer assim... depois se eu vir que não há problema nenhum, deixo-os experimentar (...) (34)

15. Reflectir

(...) Depois vamos conversar sobre o assunto. Às vezes corre bem, outras menos bem... é importante deixá-los actuar... e depois conversar sobre isso (...) (35)

(...) Costumo reflectir com eles. Começo por lhes pedir que digam o que acham que correu bem, o que não correu... ouço-os primeiro a eles (...) (54)

16. Ajudar

(...) Porque se eles se sentirem inibidos e limitados também não os estou a ajudar e eles não serão eles próprios na prática... e não é isso que se pretende. Para mim quanto mais à vontade eles estiverem melhor... também é mais fácil ver aquilo que eles são enquanto pessoas, isso para mim é um factor muito importante... a relação que estabelecem... (...) (40)

(...) tento pô-los logo à vontade... se precisarem de alguma coisa digam... (...) (47)

(...) ajudar os alunos a irem mais além (...) (58)

17. Encorajar

(...) Incentivo os alunos, mas às vezes é difícil... eu tento um pouco colocar-me mais para trás, vou fazendo qualquer coisa na sala... mas estou a ouvir e a ver o que se passa na sala, mas desligando-me aos poucos do grupo... sem intervir muito (...) (61)

(...) Incentivo-os sempre a fazerem e se eles dizem que não são capazes, eu digo: claro que é capaz! Mas acha que não é capaz porquê? Vamos lá falar sobre os aspectos que acha que não é capaz? (...) (65)

(...) Eu digo-lhes sempre ponham em prática, experimentem, vão ver que não “dói” nada... vão ver que não é assim tão difícil como pensam... (...) (66)

(...) eles têm de ser encorajados. A nossa força ajuda-os a ultrapassar os obstáculos e a irem mais além... (...) (67)

18. Motivar

(...) Os medos passam muito pelo medo de não ser capaz de corresponder àquilo que nos é pedido... e acho que a postura do próprio supervisor dentro da sala de Jardim de Infância também é importante (...) (51)

19. Cooperar

(...) Pretendo que seja o trabalho de uma equipa, incluindo também a auxiliar... não na planificação, mas noutros aspectos (...) (60)

20. Aconselhar

(...) Normalmente eles fazem a planificação e depois chegam ao pé de mim e mostram. E se estiver tudo bem, ok, vamos pôr tudo em prática, se não..., se houver aspectos a melhorar, melhoramos em conjunto antes de colocar em prática, enriquecemos ou mudamos alguma coisa que mereça ser mudada (...) (59)

21. Apoiar

Não verificada.

22. Conhecer

(...) as pessoas são diferentes... a sua forma de ser, de pensar... e o seu próprio percurso de vida é diferente e reflecte-se na prática. É a tal questão... aquilo que a pessoa é enquanto pessoa... e isso faz a diferença... (...) (74)

23. Valorizar

(...) teve muita influência a postura da minha educadora cooperante do 3º ano, os estágios marcam... (...) dava-me sempre muita liberdade... e isso também me ajudou a “ganhar asas” e a “voar” mais um bocadinho... a ir arriscando... e a sentir que o grupo estava “quase” à minha responsabilidade... e então eu tento fazer isso com os alunos também (...) **(53)**

(...) se não, vou-lhes “deixando espaço” e às vezes até saio da sala e aí terei de confiar depois naquilo que eles me dizem e quando vamos reflectir pergunto o que é que se passou (...) **(63)**

(...) Mas acho que é importante para eles irem ganhando segurança pouco a pouco e para sentirem as dificuldades que têm que ultrapassar, porque enquanto nós estamos na sala eles sentem-se protegidos (...) **(64)**

(...) valorizo o que eles trazem de novo (...) **(68)**

ANEXO V

**Protocolo e tratamento dos dados da entrevista à supervisora
Joana**

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À SUPERVISORA JOANA

Ent. – Obrigada por teres acedido ao pedido de colaboração para o meu estudo, já conversámos acerca dos objectivos do mesmo... Já sabes que as declarações são confidenciais... então agora gostaria que começássemos a falar no teu percurso na carreira.... és uma pessoa que já tem alguns anos de serviço...

Suj. – No total... são nove anos de serviço.

Ent. – Oito.... já são uns aninhos...

Suj. – Trabalhei dois meses, aqueles dois meses que eu tive da baixa da... da Liliana.

Ent. – Sim...

Suj. – Depois fui para a Altamira, não contabilizaram. Mas assim directos nesta instituição, faz nove anos.

Ent. – Mas começaste a trabalhar numa instituição logo... após a conclusão do curso de educadora...

Suj. – A primeira vez foi na Altamira...

Ent. – Não conta nada, nada?

Suj. – Não, a primeira vez que trabalhei não contou o tempo de serviço, eles não tinham alvará. Eu não tinha descontos. Ele pagou-me aquilo que quis, portanto não contaram para todos os efeitos os três meses que estive lá.

Ent. – Serviu de experiência..

Suj. – Serviu!

Ambas. – (risos)

Suj. – Uma experiência, foi uma experiência!

Ent. – São sempre duras essas experiências... mas... portanto, a partir daí ingressaste aqui nesta instituição?

Suj. – Sim. Depois fui ali para o Montesol, para o lugar da Adelaide e depois do Montesol para aqui. Portanto, a minha contagem dos oito anos já está entre o Montesol e aqui, sem haver interrupção, porque pertencem os dois Jardins de Infância ao mesmo...

Ent. – E... um percurso constrói-se ... e tu tens vindo a construir um percurso no mesmo sítio, não é?

Suj. – Sim.

Ent. – Porquê?

Suj. – No mesmo sítio?

Ent. – Sim, porque é que tens optado por estar sempre no mesmo sítio? Por... se bem que tenhas continuado a investir em formação... não é?

Suj. – Sim, sim, sim.

Ent. – De várias maneiras, mas... mas sempre no mesmo local?

Suj. – No mesmo local. Bom isto é assim: agora no presente é porque a aposta é grande, não é? Pela coordenação que estou aqui a fazer e acho que esta instituição também merecia.

Ent. – Pois. Porque chegaste até à coordenação. É um percurso que te levou à coordenação.

Suj. – E agora acho que a aposta... depois de tomar este cargo, acho que, apesar dos aspectos negativos e positivos que isto tem, acho que a instituição já merecia um encaminhamento mais positivo a nível de algumas dinâmicas.

Ent. – Achas que tens responsabilidades neste momento nisso, não é?

Suj. – Muita, tenho muita responsabilidade. Não sou só eu, é uma equipa, mas acho que sim, sem dúvida alguma. Agora o porquê, eu podia subir, não é? Subir desta posição, mas se calhar ainda há alguns receios perante a rede pública, isso é verdade. O facto de eu concorrer, se calhar, à rede pública. Podia concorrer, podia ficar a trabalhar. Mas, se calhar, podia não ficar tão bem...

Ent. – Naturalmente...

Suj. – E as responsabilidades pessoais são outras. E se calhar estou aqui a ganhar o tal “calo” a nível de anos de serviço, ter já uma boa contagem de anos de serviço e aí penso que arranco para outros desafios.

Ent. – Não és mulher de ficar parada?

Suj. – Não, por isso não quero ficar aqui uma vida inteira.

Ent. – Mas o factor pessoal contou?

Suj. – Contou, contou, o factor pessoal contou, porque há muitas responsabilidades. Aqui eu sei, como efectiva, sei que posso contar com o meu trabalho todos os anos.

Ent. – Isto dá-te estabilidade.

Suj. – Exactamente! Isto dá-me estabilidade.

Ent. –É a estabilidade que faz falta...

Suj. – A nível da rede pública, quando eu concorrer e vir que a minha estabilidade também pode andar por lá, não importa se hoje estou aqui e amanhã estou lá.... Tenho é que trabalhar... tenho é que trabalhar, não é?

Ent. – Pois, mas é importante também criar umas certas raízes no mesmo sítio, não é?

Suj. – Eu acho que sim.

Ent. – Uma pessoa começa a “fazer uma casa”...

Suj. – Sim.

Ent. – Eu acho que o que aconteceu foi isso, foi...

Suj. – Eu acho que sim.

Ent. – E vieste para aqui aprender...

Suj. – Sim, eu vim para aqui para aprender...

Ent. – Mas foste aprendendo a “construir uma casa”...

Suj. – E agora acho que é... tem sido uma “construção”...

Ent. – E agora ... isto já é um bocadinho teu...

Suj. - ... Há muita coisa que... eu olho para aqui, para esta instituição e sou eu, é a minha identificação.

Ent. – Exactamente.

Suj. - Sei que até aqui fui eu que cheguei ou seja fui eu que fiz isto chegar a aqui...
Daqui para a frente...

Ent. – E também vais tendo cada vez mais objectivos...

Suj. – Sim, acho que sim.

Ent. – E que tem a ver com o trabalho de equipa, não é?

Suj. – Muito, muito mesmo, tem muito a ver com o trabalho de equipa...

Ent. – Já consegues ter a equipa que tu querias?

Suj.– Ahh, a minha equipa... quer dizer... ainda não está tudo com a presente equipa.. porque fazem falta alterações a nível superior.. a nível das educadoras, gosto da equipa que está. Pronto... Ahh, a Madalena é uma pessoa que me faz muita falta, a Selma também. Às vezes há alturas que me sinto aqui muito sozinha.

Ent. – Quando é que ela volta?

Suj. – A Selma volta já em Janeiro.

Ent.- Ahh, então está quase.

Suj. – Eram pessoas que, sem que eu lhes pedisse ajuda, elas já estavam onde eu queria. “Vê lá, vê lá o que é preciso, vê lá isto...” Nesta altura de Natal eu...

Ent. – Pois.

Suj.– São alturas... eu não paro e sei que elas davam...

Ent. – Pois, é difícil gerires as duas coisas, a coordenação e o teu grupo, não é? Mas não se prevê que passes só para uma das funções?

Suj. – Pois, isto é assim, eu quando não me posso mexer no trabalho, em que não consigo virar-me para lado nenhum...

Ent. – Apetece-te...

Suj. – Apetece-me ter uma coisa só. Mas é assim, quando estou mais tranquila... Eu não me apetece deixar os meninos... eles fazem parte do meu trabalho. A coordenação é um investimento na instituição, mas aquele contacto directo com as crianças faz-me falta... aquilo...

Ent. – É o re-alimentar da acção...

Suj. – É. Com as crianças eu cresço com elas... aquelas crianças que nos dão mais luta, aquelas estratégias que são necessárias arranjar...

Ent. –É o teu investimento a nível das crianças. Desde que acabaste o curso até agora...

Suj. – Tem sido um permanente investimento nas crianças... é assim: aquelas crianças que a gente lê nos livros, nem sempre são aquela criança de carne e osso...

Ent.- Especialmente aquelas que nos dizem na formação inicial, não é?

Ambas. – (risos)

Suj.– Exactamente. Aquela criança de carne e osso que nós temos ali na sala. E depois... dentro de uma sala de 25 crianças há sempre uma meia dúzia que nós, ahh... é um investimento desde que nós começamos a estar com elas, até saírem...

Ent. – Claro.

Suj.– É muito investimento... e há sempre uma criança que faz com que... mesmo a nível da família, contactar muito com a família, saber o porquê dos comportamentos... Por exemplo, agora tenho uma criança, que tem dois anos, debati muito com a mãe, lá consegui agora ter uma entrevista com uma psicóloga. Este tipo de trabalho com os pais a nível das necessidades dos filhos é muito importante. E a criança já foi à entrevista e a psicóloga agora, marcou uma reunião, gostaria que eu fosse, e eu vou. Esta criança é uma menina que... entrar no mundo dela é difícil e não se pode entrar sem estratégias...

Ent. – Mas pronto, vai-se ganhando experiência com as situações...

Suj. – Vai-se ganhando experiência.

Ent. – Mas é preciso também investir muito?

Suj. – É necessário investir muito.

Ent. – Tu ganhares confiança... ganhares espaço...

Suj. – E mesmo a nível da bibliografia, continuar a pesquisar...

Ent. – Podemos também falar disso... a aprendizagem na prática, aprende-se muito, não é?

Suj. – Exactamente. Aprende-se muito com a prática.

Ent. – Pelo menos com esses casos difíceis, que somos forçados a ir à procura, a ler, a pesquisar e depois... a outra parte, o investir na nossa profissão a nível académico.

Suj. – Exactamente.

Ent. – Como é que tens feito isso?

Suj. – Sabemos que tirámos aquela formação e o que foi aprendido... mas muita coisa vai sendo acrescentada...

Ent. – Sim.

Suj. - ...Que vai sendo acrescentado nas novas correntes, que vão enriquecer aquilo que já sabemos...

Ent. – É necessária uma actualização?

Suj. – Muito, muito, muito necessária a actualização!

Ent. – Os desafios actuais... as mudanças que a educação está a ter neste momento...

Suj.– Eu acho que sim, eu acho que sim. Mesmo... a toda a hora... e mesmo que nós possamos ouvir, que é o que eu às vezes oiço, por exemplo, quando eu ouvi falar muito em *portfolio*, aquela grande palavra, “o que é que elas querem?”, ahh...

Ent. – Depois desmontar aquilo...

Suj. – Já comprei um livrinho sobre o *portfolio*, vemos o que é que eles lá dizem, mesmo que ele não esteja direccionado ao ensino pré-escolar, porque geralmente nunca está... mas temos que ser nós as primeiras a lá chegar, a procurar, a investigar...

Ent. – Mas isso também é bom, porque depois desmontamos e adaptamos à nossa realidade, com o nosso cunho pessoal...

Suj. – Exactamente. O facto de às vezes nós lermos e ver “olha, realmente isto parece-me um grande trabalho, mas isto tem sentido, trabalhar assim...”, o agarrarmos logo, vemos quais as aprendizagens, as avaliações da criança, do educador. Eu acho que sim.

Ent. – Contribui...

Suj. – Muito, contribui muito para a nossa formação, para a nossa permanente aprendizagem.

Ent. – E para além disso, fizeste os Complementos de Formação...

Suj. – É isso mesmo que eu ia dizer. Eu fiz uns Complementos de Formação que, foram dar uma grande dinâmica à minha...

Ent. – À tua vida...

Suj. – Sim, os Complementos de Formação deram uma dinâmica à minha vida... ahh... o facto de, por exemplo, de andar aqui a fazer uma contextualização do trabalho, uma caracterização disto ou daquilo, não importa o que é que seja. O facto de...

Ent. – Ganhaste com o curso?

Suj. – Ganhei o fluir das frases, o fluir da escrita, aquela imagem ahh...

Ent. – Do pensamento...

Suj. - ... aquela imagem mental... É a gente parar, querer pôr a tal palavra, que só é aquela e não é mais nenhuma, e...

Ent. – E no princípio, quando nós levamos horas para escrever uma frase! Por isso não se deve parar.

Suj.– É verdade. Não se pode parar...

Ambas. – (risos)

Suj. – Foi isso que eu senti... e senti eu e via que as colegas falavam nisso também, não estava sozinha e via que, se eu... Porque isto também é perder qualquer coisa, a gente também tem que saber avaliar. Se eu estava neste estado então, se calhar, não estava a praticar muito a escrita nalgum sentido. Ou era falta de mais leituras. Porque a leitura também ajuda a exercitar.

Ent. – Também ajuda muito, também ajuda... e a aprendizagem com os colegas?

Suj. – Pois. É assim, já que fala nessa vertente, é assim, eu quando cheguei aqui a esta instituição, trabalhei no ATL, ninguém pedia projectos, ninguém pedia nada. Trabalhei na sala dos três anos, ninguém pedia nada, e depois é assim, não nos pedem a gente também não faz.

Ent. – A política é essa?

Suj. – Quer dizer, eu não descurei muito... Esta parte não foi muito descurada por mim, porque eu quando tinha estagiárias, obrigatoriamente eu tinha que estar e tinha que ter..

Ent. – Ahh! Então, actualizaste-te?

Suj. – Sim, actualizei-me.

Ent. – Achas que isso é...

Suj. – É muito importante, eu acho que é muito importante mantermo-nos actualizadas!

Ent. – Consideras que os estagiários também contribuem para a nossa formação?

Suj. – Muito! Eu acho que sim. É porque, é assim... nós não podemos estar... ou seja, as estagiárias quando começam a ter uma conversa connosco, ou sobre o que se pretende com o projecto, ou o que as professoras da Universidade pretendem, eu acho que nós, tanto a cooperante como a estagiária, devemos estar ao mesmo nível. Não é elas estarem a falar uma linguagem e eu saber que elas, neste caso, estão acima numa forma de estar na educação que eu já não estou. Porquê? Ou porque não tive estagiárias durante um tempo, ou porque não me actualizei, ou porque acomodei-me, ou porque ninguém me pede isto. E então é assim, quando comecei a coordenar, comecei a ter também outro perfil...

Ent. – Outra postura...

Suj. - ...Uma postura... e então agora vamos regularizar o que eu antes não achava que estava correcto.

Ent. – Voltando ainda às estagiárias... acabaste o curso e tiveste estagiárias após quantos anos?

Suj. – Quatro, cinco anos depois de ter começado a trabalhar...

Ent. – Foi difícil começar com a ter estagiárias, ou não?

Suj. – Eu não achei muito difícil...

Ent. – Mas, neste momento, como supervisora, és diferente daquilo que eras quando começaste?

Suj.– Sim, sem dúvida, sem dúvida! Agora sou diferente de quando comecei a ser cooperante.

Ent. – Como é que foi o início?

Suj. – É assim, eu no início estava muito na pele delas, porque eu também era uma profissional muito recente, tinha bem presente a posição delas como estagiárias.

Ent. – Não te esqueceste?

Suj.– Não, não me esqueci de quando era estagiária.

Ent. – É que há pessoas que acabam o curso e já não se lembram que foram estagiárias.

Ambas. – (risos)

Suj. – Não me esqueci, porque é assim, houve estágios que eu me senti mais à vontade, houve outros que me senti menos à vontade, mas quero-me lembrar daqueles que me senti muito melhor, não é?

Ent. – E isso marcou-te?

Suj. – E isso marcou-me. Também me marcou aqueles que não me senti muito bem.

Ent. – Claro.

Suj. – Mas os que me senti bem... E foi isso que eu tentei passar às meninas, é elas também estarem bem no contexto onde elas estão. Acho que é muito importante!

Ent. – Hum, hum.

Suj. – Ahh, não me senti muito atrapalhada no sentido do trabalho com elas, porque eu achava sempre que era um processo de aprendizagem, eu/elas, elas/comigo e eu com elas.

Ent. – Achavas que as estagiárias eram uma mais valia... mas as estagiárias dão muito trabalho...

Suj. – Dão muito trabalho!

Ent. – Mas ajudamos a crescer... e nós?

Suj. – E nós também crescemos!

Ent. – Mas, pronto... De qualquer maneira, há aspectos que no início são muito difíceis. Eu estou a pensar na avaliação, na reflexão, naquelas coisas que no início...

Suj. – Pois. E há outra coisa, nós, por vezes, temos tendência para ver as pessoas à nossa imagem, e também temos que tentar ver que, pode ser por aí em alguns casos, mas não forçarmos demasiado. Cada um é como é. Elas já têm o perfil delas, já...

Ent. – Como é que tu fazes, em relação à avaliação?

Suj. – À avaliação?

Ent. – E à reflexão... costumavas reflectir com as estagiárias?

Suj. – Sim, todos os dias nós nos sentamos, e vimos... não é só os aspectos negativos, mas também os positivos. Elas têm que ser valorizadas e... exigem muito, ahh... aceitam muito bem a parte que não fazem bem, a “parte negativa”, mas noto que elas têm necessidade de eu lhes dizer sempre “Olha, acho que fizeram muito bem, é para continuar, força... Esta mensagem...

Ent. – Um incentivo.

Suj. – Muito! Elas necessitam muito de serem incentivadas, valorizadas. Mas, isto há aqui uma coisa por trás. Isto tem sempre alguma coisa por trás. No ano passado, não havia nada disto para dizer.

Ent. – Ai não?

Suj. – Era a parte negativa que era sempre a mais realçada e as pessoas, sem querer...

Ent. – Mas as alunas estavam onde?

Suj. – Ahh, acho que era no colégio.

Ent. – Hum...

Suj. – Faziam a limpeza das salas, punham sopas, faziam isto, faziam aquilo... Elas não estavam habituadas a serem valorizadas.

Ent. – Claro! ...elas têm necessidade que tu valorizes os aspectos positivos e... mas tu não deixas de criticar por causa disso?

Suj. – Não, não! Sei criticar... apontar os aspectos negativos... e positivos...

Ent. – Sim...

Suj. – Eu gosto muito também que as estagiárias façam a avaliação delas, achar por exemplo que... o que é que estava ali, portanto, levá-las também a perceber o porquê que deviam ter feito daquela maneira e fizeram de outra. E se elas não chegarem lá, depois reflectimos: se acham que sim, se acham que não e depois elas até acabam por dizer: “Olhe, realmente...”.

Ent. – Pois. Tu dás o teu ponto de vista.

Suj. – Sim, e elas depois... analisamos e vimos, pronto... qual a melhor forma se fizermos assim, será que iremos ter aquele resultado? Vamos tentar...

Ent. – Pões sempre hipóteses com vista a que elas melhorem...

Suj. – Exactamente.

Ent. – E achas que é importante dares-lhes algumas... algumas sugestões...

Suj. – Orientações? Eu acho que sim, acho que sim, que se devem dar orientações...

Ent. – Ou por exemplo, numa situação qualquer, estás a falar “Olha, se fizessemos assim...” e elas estão assim, sem parecer perceber... e tu dizes: “espera aí, ou olha, é melhor eu... querem que eu faça para vocês verem?” no início do estágio...

Suj. – Sim, descortinar um bocadinho qualquer situação e...

Ent. - Não ter medo de demonstrar como é que se faz?

Suj. – Não, não tenho medo de demonstrar como se faz, por vezes isso é necessário.

Ent. – Achas que há alturas em que isso é importante?

Suj. – Tem que ser importante, porque é assim, elas podem não estar a ver com os meus olhos aquilo que eu quero demonstrar. E se eu acho que aquilo é válido e tem que ser, tenho que lhes dar a elas e tenho que descortinar aquilo que elas não... Posso não decodificar todo o processo, não é? Para que elas também caminhem com os pés delas, mas tentar dar uma indicação.

Ent. – Mas exemplificar, por exemplo, é muito importante?

Suj. – Muito importante! Eu acho que sim, exemplificar é muito importante.

Ent. – Especialmente no quê, no início?

Suj. – No início, por exemplo, aqui com o projecto curricular...

Ent. – Humm!

Suj. – ...Por exemplo com o projecto curricular, que a gente vê... quando elas chegaram já eu tinha o projecto mais ou menos traçado ahh, elas ahh, foram guiadas, mas nunca tinham pegado num projecto. Nós sentámo-nos aqui, as três e dividimos tarefas. Portanto... a parte como nasceu o projecto ficou para mim...

Ent. – Claro!

Suj. - ... Porque quando elas chegaram cá, já eu cá estava, tentei dar algumas tarefas mas elas não conseguiam, porque nunca tinham visto, nunca tinham feito, com medo de estarem a cometer erros, já a acharem que estavam a ser avaliadas e eu a tentar... “Não, estamos aqui a trabalhar em equipa, o projecto, se vocês chegam nesta altura do ano, e diz no vosso programa que vocês devem-se integrar no projecto curricular que ainda não está feito, eu vou-vos dar a vocês estas partes para fazer. Estão a ser avaliadas, mas não nesse aspecto que vocês... estão a achar. Estamos a trabalhar em equipa. Tentar... e

depois disse... devem tocar aqui, abrir uns parêntesis nisto, isto e isto. Mas também fiz com que elas fossem à pesquisa das tais situações e...

Ent. – Encaminhaste.

Suj.– Exactamente, encaminhei. Mas vi que isto as ajudou a não...

Ent. – A dar o “pontapé de saída”...

Suj. – Exactamente! E conseguiram fazer. E já mostrámos à supervisora e ela também já fez as correcções...

Ent. – Eu também quero ver...

Ambas. – (risos)

Suj. – Já está pronto ahh... e é o primeiro... esse...

Ent. – Temos falado da avaliação, e da reflexão e da necessidade de ser crítico em relação às atitudes das alunas. Tu és capaz de lhes dizer, pronto, se elas fizerem qualquer coisa és capaz de lhes dizer “Olha, acho que aquela atitude não foi a mais correcta, devias fazer de outra maneira...”

Suj. – Isso é também é uma das tarefas que se desenvolve enquanto cooperante. Nós podemos ter alguns limites, não querer dizer para não... Mas aqui não, ou nós temos feito e temos uma postura, uma atitude para conseguir, porque há pessoas que não conseguem dizer ao outro. Aqui ou desenvolve-se ou tem-se.

Ent. – Tu achas que tens...

Suj. – Sim.



Ent. – Consideras, que é ter características pessoais...

Suj. – Sim, sim.

Ent. - ... Para ser supervisor?

Suj. – Porque a gente não se pode passar ao lado de coisas que achamos que é importante as alunas desenvolverem, ou desenvolverem atitudes, posturas... comportamentos perante as crianças.

Ent. – Hum, hum.

Suj. – Ou se eu não digo é porque... se eu não digo é porque não tenho nada a dizer, não é, agora se...

Ent. – Se houver razões...

Suj. - ... Se eu vejo razões, ou eu vejo coisas que acho que é conveniente modificar, comportamentos, maneiras de pensar e de agir, aí tenho que realmente... dizer.

Ent. – Tens que dizer.

Suj. – Tenho que dizer e reflectimos sobre isso, se elas não estão a ver com os olhos delas, têm que passar a ver com os meus, ou perguntam, investigam... porque há muita coisa que elas também... a prática não se lê nos livros, não é?

Ent. – Ahh... tive um professor que dizia: “Só se aprende a cavalgar em cima do cavalo”...

Suj. – Eu tenho muitas estratégias com o meu grupo, por exemplo, que isso a gente pode não encontrar nos livros, mas quando eu faço as apresentações com as estagiárias,

quero que elas também sigam aquilo a que as crianças já estão habituadas, aquelas regras eu quero que elas, não quero que as desfaçam. Podemos criar novas, se forem convenientes, mas por exemplo, o facto de nós ouvirmos uma história, o facto de nós sentarmos os meninos para a conversa, eu gosto, por exemplo, de sentar um menino e uma menina, um menino e uma menina, um menino e uma menina, e explico porquê. Digo-lhes logo “Olha é assim, há alturas que a gente se senta como quer, mas neste momento que eu pretendo aqui um momento de concentração, um momento de ouvirmos o outro, um momento do outro nos ouvir a nós, se eu sentar dois meninos, eles podem começar a ter comportamentos, a ter comportamentos de menino. As meninas é mexem no cabelo... agora, se eu cortar e puser, por exemplo, aqueles meninos que facilmente se distraem, facilmente destabilizam, entre crianças mais calmas, mais serenas, estou a dar ali um “corte”, que a própria criança não se apercebe...

Ent. – E funciona...

Suj. - ...E funciona e eu gosto disto e quero que elas sigam este tipo de... de...

Ent. – São estratégias que tu utilizas e que...

Suj. – Estratégias que utilizo e que gosto que elas as tenham.

Ent. - ...E passas essa informação?

Suj. – E esta informação também vai abrir, se calhar, mais horizontes para elas “Olha, se calhar nunca tinha pensado assim...”

Ent. – Sim...

Suj. – ...Se calhar as crianças sempre escolheram os sítios.” Podem escolher noutras alturas, mas há alturas que nós achamos que não é para escolher, não se escolhe.

Quando o grupo é realmente um grupo que tanto faz, não destabilizam, ou... pronto, não temos este tipo de estratégia, mas eu desde que trabalho sempre tive, porque então...

Ent. – Mas achas que é importante dar informações às estagiárias?

Suj. – Muito! Acho que sim, é muito importante dar-lhes informações...

Ent. – Achas que isso orienta?

Suj. – Orienta muito, faz com que elas dêem continuidade também ao saber delas e àquilo que elas também já têm adquirido...

Ent. – Humm, humm...

Suj. - ...Porque a prática é a tal ponte que se faz...

Ent. – E por exemplo, especialmente no início, tu és uma pessoa que toma a iniciativa de fazer algum tipo de actividade, moderando uma acção, ou deixas que sejam elas a fazer, ou umas vezes é de uma maneira e outras vezes é de outra... como é que é?

Suj. – Pois, isso também tem a ver com os objectivos, ou o ano que elas estão, por exemplo no estágio, não é? Se elas estiverem se calhar no primeiro ano, que elas vêm se calhar para observar o trabalho do educador, e ver, e como é que o educador desenvolve, ou como é que actua perante o grupo, individual, em pequeno grupo... Agora, se elas já estão no quarto ano, pois elas têm já que ter um perfil de educadora, mas sempre que seja necessário haver qualquer situação que o educador tem que intervir para enriquecer... para ajudar, para que qualquer coisa não vá por água abaixo, uma coisa que é importante não ir...

Ent. – Não te coíbes de intervir...

Suj. – Não. Entro delicadamente, para que elas até não se sintam... que a gente não destabilize realmente as raparigas, entro delicadamente, intervenho de forma a que elas também se apercebam “Olha, estávamos a precisar desta muleta.” E depois saio para que elas conduzam o resto do processo. Tento fazer assim.

Ent. – É aquela ajudinha que às vezes é um saltinho...

Suj. – Às vezes aquela ajudinha, o “jogar a mão” é fundamental... é fundamental, é verdade. Quem está de fora consegue ver se calhar essa...

Ent. – Essa perspectiva. Mas, por exemplo, elas estão... às vezes estão a propor uma actividade e estão a tentar explicar ao grupo o que é que vão fazer, e levam muito tempo... têm dificuldade...

Suj. – Pois, é o tal empurrão, eu intervenho e ajudo.

Ent. – E às vezes é preciso estar de fora, mas a ver e chegar ali e dizer “Olha, se calhar é melhor fazerem...”

Suj. – Mas isso também se reflecte depois no final da prática. O que me está a dizer, depois no final do dia também é uma forma de reflectirmos, aquela situação ali, se calhar andaram ali, o porquê, também saber o porquê, o porquê que elas andaram ali a “patinar” e não conseguiram chegar ao outro patamar, não é? Às vezes... saber qual foi a insegurança...

Ent. – Mas tu às vezes deixas, mesmo vendo que elas não saem dali?

Suj. – Não.

Ent. – ...Ou não és capaz?

Suj. – Ai não sou capaz!

Ambas. – (risos)

Suj. – Pode haver uma vez ou outra que eu diga assim “Vamos lá ver o que é que vai acontecer, deixa lá ver se elas agora se vão aperceber que... o que não estão a fazer bem, a origem que isto teve, o que é que deu ao grupo, ou o que é que o grupo fez com esta confusão que foi gerada por elas. Também podemos passar por esses momentos. Mas... geralmente não.

Ent. – Tu és mais capaz, se elas não chegarem lá, de pegares naquilo e demonstras como é que se faz?

Suj. – Pois tem que ser, porque aqui é um trabalho de equipa. Eu acho que sim.

Ent. – Porque se não...

Suj. – Porque as crianças também se começam a aperceber se houver muito...

Ent. – Aquelas falhas...

Suj. – Aquelas falhas.... e se houver aquelas falhas as crianças apercebem-se...

Ent. –Tu tens essa percepção que, os erros que elas cometerem, estão a prejudicar as crianças...

Suj. – Sim.

Ent. – Portanto, tens ali duas responsabilidades: é o crescimento das estagiárias e é o crescimento dos meninos.

Suj. – Porque nós não podemos esquecer que os meninos se apercebem destas coisas todas. Porque eles apercebem-se do papel da educadora, da auxiliar e daquelas meninas com aquele nome de estagiárias que podem estar cá o ano inteiro, mas eles sabem o papel de cada um e até se apercebem destas ajudas, destas coisas...

Ent. – Pois!

Suj. – E eles apercebem-se dessas coisas todas.

Ent. – Mas independentemente disso, depois também é o que as alunas deixarem de fazer é aquilo que os meninos deixam de... de crescer, não é?

Suj. – Exactamente! Pronto, se é uma situação que eu acho... não vou desperdiçá-la, porque ela pode não se voltar a repetir, porque aquele momento foi único e elas não estão ali a ver aquilo, aí...

Ent. – Entras-lhes na acção...

Suj. – Entro na acção...

Ent. – E também não te inibes de ensinar como se faz?

Suj. – Não, não, não me inibo e ensino como se faz...

Ent. – Por exemplo, as alunas às vezes dizem “Ah, eu gostava de fazer...” (uma técnica qualquer) ...

Suj. – Estas meninas aqui vieram perguntar no princípio do ano como se fazia “massa de cores”, não sabiam fazer uma “digitinta.” Eu disse-lhes: “Meninas, isso são técnicas, vamos fazê-las”. Na altura certa...

Ent. – Ensinas como se faz...

Suj. – Ensinei como se faz. A primeira vez fizemos dois dias seguidos, ou seja, a massa de cores, depois a digitinta, é só acrescentar mais um bocadinho de água...

Ent. – Pois.

Suj. – Então eu fiz a massa de cores, passado dois ou três dias quando se pensou em fazer a digitinta, foram elas que fizeram. Porque é assim, às vezes os modelos não se dão, mas às vezes é necessário ver-se para se fazer. Então, depois deixamos que o processo siga... porque sempre... Eu gostei muito sempre de ser eu também a mexer, ver os outros mas depois ser eu a pôr as mãos na massa.

Ent. – A pôr a” mãozinha na massa”...

Suj. – É como no computador “Olha, vais aqui...”, alguém estar a explicar-me “...vais além, tiras daqui pões além...” e eu digo “Então espera lá, dá lá aí o rato e diz-me o que é que eu tenho que fazer, vou aqui (risos), agora vou ali...” mas ser eu a ir dar o clique. Assim é...

Ent. – É importante! Por outro lado, pronto, tu tens essa parte de dar às estagiárias, de saber dar às estagiárias, mas também exiges?

Suj.– Exijo...

Ambas. – (risos)

Suj. - ...Exijo, por exemplo, no sentido... quando nós reflectimos sobre aquilo que devia ter sido feito e que não foi, ou numa situação, vejam bem, que são os meninos que lhes estão a dar as coisas “Então vocês querem agarrar...os meninos estão a dar... e vocês deixam passar isto”. Por exemplo, “ora vocês têm que receber essas situações dos

meninos e depois, mesmo que vocês não consigam ir um bocadinho mais além, depois reflectem nesse sentido”. Agora, “com isto que nós temos o que é que nós podemos fazer? Por exemplo.” Agora, quando é para... Qual é a pergunta que fez?

Ent. – Se também exiges?

Suj. – Quando nós reflectimos, sobre isto, ou aquilo e vejo que elas passam ao lado, aí começo a ser uma pessoa mais exigente. “Já falámos, já reflectimos e vocês continuam sempre a fazer a mesma coisa, o que é que se está a passar, porque é que...”

Ent. – Também adequas à estagiária que tens, ou às estagiárias que tens?

Suj. – Exactamente! Adequo às estagiárias.

Ent. – Com algumas se calhar até não és tão exigente?

Suj. – Não. Isso também tem a ver com as alunas...

Ent. – Pois, com os comportamentos delas, com as atitudes. Mas às vezes é necessário dizer “Não meninas, a partir de agora vocês têm que fazer assim”, não é?

Suj. – Sim, sim, sim.

Ent. – Há um certo grau de exigência que é importante, até para elas irem crescendo, não é?

Suj. – Pois, o grau de exigência é como eu te dizia ainda à pouco, depois também tem a ver com o ano com que estamos a trabalhar, com aquilo que é exigido às raparigas e também deixá-las que elas caminhem por elas mesmas e isso dá alguma autonomia, mas que elas vejam que eu estou sempre presente.

Ent. – Pois, isso é muito importante, tu estares sempre presente e és uma pessoa muito presente, estás sempre com o “olho” em cima de tudo (risos). Não escapa nada.

Suj. – Eu às vezes, acho graça quando vou ali chamar à sala, que eu saio...

Ent. – Até dá jeito, saíres um bocadinho.

Suj. – Dá, dá.

Ent. – E para não sentirem sempre “as costas quentes”...

Suj. – É. Mas elas comigo estão bem porque eu aceito o desafio.

Ent. – Ahh, já falámos nas críticas, pronto, nas tuas críticas aos formandos também analisas e interpretas o tipo de comportamento que eles têm, não é... se vires que eles tiveram um comportamento menos adequado és capaz de lhes dizer “Olha, não se faz isso, ou...”...

Suj. – Sim, sim, sim, sim, digo-lhes, quer em relação às crianças, em relação mesmo aos pais, auxiliares...

Ent. – Pois, com a instituição.

Suj. – Exactamente, porque... o respeito pela instituição... por aquilo que eu defendo... Se nós trabalhamos, arrumamos, lavamos os materiais, se não fazem eu chamo à atenção.

Ent. – Sim...

Suj. – Eu há coisas que... a auxiliar que trabalha comigo, tem que saber que eu gosto, hoje usámos os pincéis, mesmo que amanhã voltemos a fazer as mesma pintura,

limpamos aquilo tudo, porque os pincéis não são para enferrujar dentro dos copos. E isso é...

Suj. – Elas entenderam. Não, há coisas que eu... temos tantas reservas com os materiais, eu nada desperdiço.

Ent. – Claro.

Suj. – Eu tenho caixinhas, de sapatos e camisas, que têm retalhinhos de... papel autocolante... está ali, tenho uma caixinha das lãs, tenho uma caixinha daquilo, tenho uma...ou seja, nas outras salas quando não há elas sabem qual é a sala que tem, só que é logo assim: “Utilizas, quando não precisares... volta para o lugar.”

Ent. – Voltas a pôr no sítio.

Suj. - ...Em nenhuma posição que eu tive de educadora, de estagiária, de formadora, de... de coordenadora, eu sempre lavei os meus materiais, eu se a auxiliar de momento não pode e sou eu que posso. E é isso que eu faço às minhas estagiárias, e elas não fazem, porque eu... isso faço logo... nos primeiros momentos que falo com as estagiárias e digo logo “as regras eu quero que sejam feitas ali na sala: os materiais não ficam sujos, as tesouras arrumam-se, os papéis assim... ou seja, a sala pode estar um alvoroço enquanto estamos a trabalhar... acabou-se o trabalho, arrumou”. Porque isto é passar aos meninos a mesma coisa, porque se nós dizemos aos meninos... eu fico doente quando entro aqui numa sala, olho as bancadas...eu fico doente. É batas, é malas, é montes de bonecos, montes... Não há uma caixinha para se pôr as coisas. Eu acho que isso passa um bocadinho pela organização.

Ent. – É uma questão de organização. Como é que se passa...

Suj. – Eu lembro-me da Elisa, dizia “Esta ainda é pior do que eu.”

Ambas. – (risos)

Suj. - “No sítio que eu souber que é o agrafador, é para aqui que ele vem sempre, se eu sei que ele é aqui, ele não tem que estar em cima das bancadas...”

Ent. – Mas aprendeste isso com a tua educadora cooperante?

Suj. – Exactamente, também aprendi com a minha educadora cooperante.

Ent. – Também te passou essa mensagem.

Suj. – Porque depois as estagiárias fazem-se à imagem das pessoas que temos na sala e as auxiliares também, então se a educadora tem as bancadas todas desarrumadas, se aquilo está sempre desarrumado...

Ent. – Que exemplo é que está a dar! Por isso tu também, por exemplo, se as alunas fizerem alguma coisa que tu não concordas, tu também sugeres alternativas, não é?

Suj. – Sim.

Ent. – Por exemplo, quando reflectem ou isso, também dizes “Olha, isto não correu muito bem, pensem lá...”, se elas não chegarem lá, achas que é importante dar um contributo?

Suj. – Tenho que dar, porque se elas não chegam... se eu já estou dizendo qualquer coisa “Olha, ou não chegaram lá, ou deviam...ou fizeram.”, e se elas não chegam por elas mesmas, então tenho que chegar àquilo que eu inicialmente pretendo que elas cheguem.

Ent. – Portanto, fazes sempre em função da interpretação, das situações, não é? Há uma situação qualquer e tu tentas “desmontar” aqui... e interpretar porque é que aquilo aconteceu, vamos analisar isto, este ponto e este, o que é que pretendes...

Suj. – Sim, Sim. Tentar que elas também pensem por elas mesmas... não dar também todo o processo, senão também não estou a fazer pessoas reflexivas sobre aquilo que se pretende, não é? Mas pronto, se elas não chegarem lá, tentar fazer com que elas cheguem lá.

Ent. – Achas que é bom fazer os outros reflectir? Nós também estamos a reflectir quando estamos a fazer os outros reflectirem e isso também faz parte do nosso percurso, nós aprendemos a reflectir...

Suj. – Ora bem! Ao pretendermos fazer uma reflexão com as estagiárias estamos a reflectir...

Suj. – Agora, com as raparigas, da formação, perguntei assim “Ó meninas...”, disse a todas...

Ent. – Qual formação?

Suj. – Do Instituto.

Ent. – Ah, porque tu és formadora também.

Suj. – Sim, também sou formadora. Disse-lhes “...já está na hora de perguntar...” pois, mas elas é que não sabem porque é que eu disse isto “Já está na hora meninas, de perguntarem às educadoras das salas acerca do projecto, pergunte lá a elas o tema do projecto, o que é que se está pensando trabalhar com os meninos, desenvolver-se...”

Ent. – Vamos terminar a nossa entrevista. Ahh, como tu és uma pessoa que nunca pára e que está em permanente desenvolvimento, quais são as perspectivas de continuidade? Neste momento és formadora do Instituto... e isso também é importante para ti...

Suj. – É muito sim, foi importante e foi uma experiência muito positiva porque, mais uma vez fez com que eu passasse novamente a investigar, se calhar não tão profundamente como na Licenciatura...

Ent. – Pois.

Suj. - ...A tal pesquisa científica, mas o pegar naquilo que tinha, o pedir emprestado a amigos...

Ambas. – (risos)

Suj. - ...Reforçar, o tentar ler...

Ent. – E adaptar a esta nova realidade.

Suj. - ...Adaptar, fazer depois um texto com base no que ali está porque, não são educadoras que eu estou formando, são auxiliares, o nível delas é diferente do meu, mas se por exemplo, lá se pede dar a conhecer às alunas o que é dramatizar uma história, eu tenho que o fazer, tenho que dar textos para elas lerem, temos que fazer a dramatização com os meninos... Ora, isto enriqueceu muito ainda mais a minha pesquisa. Há coisas que eu... há coisas que se calhar até não tinha que me debruçar tanto, debrucei-me porque lia muito, passei a ler muito...

Ent. – E isso também tem aquele carácter teórico e prático.

Suj. – Exactamente.

Ent. – Tens que estar em constante adaptação à prática.

Suj. – Exactamente.

Ent. – É o teu investimento neste momento...

Suj. – Agora é o meu investimento neste momento. Agora, não quero parar a nível da minha formação pessoal. Quero, pronto... acabei a Licenciatura o ano passado e quero continuar, não sei... não sei se é amanhã, se é para o ano, mas quero... não quero parar.

Ent. – Este ano não foi logo porque...

Suj. – Este ano não foi logo...

Ent. - ...Fizeste uma pausazinha...

Suj. – Pois o meu filho, mas...

Ent. – ...De apoio à família.

Suj. – Mas quero, quero continuar.

Ent. – Eu acho que sim.

Suj. – Quero tirar o Mestrado, quero investir...

Ent. – Acho que tu desenvolves...

Suj. – Porque me sinto muito bem a ...

Ent. – A aprender?

Suj. – É assim, o meu mal, é sentir-me muito bem a ter muita coisa para fazer...

Ent. – Também o meu... (risos)

Suj. - ...Eu não posso explicar isto, por exemplo, ao meu marido... mas eu gosto de estar muito ocupada, porque é assim, agora de noite à terça e sexta-feira, segunda, terça e sexta estou tirando um curso de computadores à noite... depois às quintas feiras estou num curso de pintura, à noite...

Ent. – Ahh!

Suj. – Então é assim, o meu marido fica assim a olhar para mim, “Mas tu não podes parar um bocadinho?” e eu digo assim “Não, parar não...”

Ent. – As noites estão todas ocupadas?

Suj. – Estão todas ocupadas. Pronto, eu tenho necessidade de pensar “Segunda e terça para aqui, quarta e quinta...” eu gosto de estar ocupada.

Ent. – Mas o importante é continuar e estar sempre em acção...

Suj. – Eu acho que sim.

Ent. - Muito obrigada por esta conversa.

Suj. – De nada.

**UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO DA ENTREVISTA À
SUPERVISORA JOANA**

1. (...) No total... são nove anos de serviço (...)
2. (...) assim directos nesta instituição, faz nove anos (...)
3. (...) Depois fui ali para o Montesol (...) e depois do Montesol para aqui. Portanto, a minha contagem dos oito anos já está entre o Montesol e aqui, sem haver interrupção, porque pertencem os dois Jardins de Infância ao mesmo... (...)
4. (...) [o percurso] No mesmo local. Bom isto é assim: agora no presente é porque a aposta é grande, não é? Pela coordenação que estou aqui a fazer e acho que esta instituição também merecia (...)
5. (...) depois de tomar este cargo, acho que, apesar dos aspectos negativos e positivos que isto tem, acho que a instituição já merecia um encaminhamento mais positivo a nível de algumas dinâmicas (...)
6. (...) tenho muita responsabilidade. Não sou só eu, é uma equipa, mas acho que sim, sem dúvida alguma (...)
7. (...) Agora o porquê, eu podia subir (...) Subir desta posição, mas se calhar ainda há alguns receios perante a rede pública (...) O facto de eu concorrer, se calhar, à rede pública. Podia concorrer, podia ficar a trabalhar. Mas, se calhar, podia não ficar tão bem... (...)
8. (...) Não [é uma mulher de ficar parada], por isso não quero ficar aqui uma vida inteira (...)

9. (...) o factor pessoal contou, porque há muitas responsabilidades. Aqui eu sei, como efectiva (...) que posso contar com o meu trabalho todos os anos (...)
10. (...) Isto dá-me estabilidade (...)
11. (...) A nível da rede pública, quando eu concorrer e vir que a minha estabilidade também pode andar por lá, não importa se hoje estou aqui e amanhã estou lá.... (...)
12. (...) Uma pessoa começa a “fazer uma casa”... (...)
13. (...) eu vim para aqui para aprender... (...)
14. (...) tem sido uma “construção”... [do Jardim de Infância] (...)
15. (...) Há muita coisa que... eu olho para aqui, para esta instituição e sou eu, é a minha identificação (...)
16. (...) fui eu que fiz isto chegar a aqui... (...)
17. (...) tem muito a ver com o trabalho de equipa... (...)
18. (...) a minha equipa (...) ainda não está tudo com a presente equipa.. porque fazem falta alterações a nível superior.. a nível das educadoras, gosto da equipa que está (...)
19. (...) a Madalena é uma pessoa que me faz muita falta, a Selma também [educadoras]. Às vezes há alturas que me sinto aqui muito sozinha.
20. (...) Eram pessoas que, sem que eu lhes pedisse ajuda, elas já estavam onde eu queria (...)

21. (...) São alturas... [o Natal] eu não paro e sei que elas davam... (...)
22. (...) eu quando não me posso mexer no trabalho, em que não consigo virar-me para lado nenhum... [assume a coordenação e a uma sala de Jardim de Infância] (...) Apetece-me ter uma coisa só (...) quando estou mais tranquila... Eu não me apetece deixar os meninos... eles fazem parte do meu trabalho (...)
23. (...) A coordenação é um investimento na instituição (...)
24. (...) mas aquele contacto directo com as crianças faz-me falta (...)
25. (...) Com as crianças eu cresço com elas... aquelas crianças que nos dão mais luta, aquelas estratégias que são necessárias arranjar... (...)
26. (...) Tem sido um permanente investimento nas crianças (...) aquelas crianças que a gente lê nos livros, nem sempre são aquela criança de carne e osso... (...)
27. (...) dentro de uma sala de 25 crianças (...) é um investimento desde que nós começamos a estar com elas, até saírem... (...)
28. (...) mesmo a nível da família, contactar muito com a família, saber o porquê dos comportamentos... Por exemplo, agora tenho uma criança, que tem dois anos, debati muito com a mãe, lá consegui agora ter uma entrevista com uma psicóloga. Este tipo de trabalho com os pais a nível das necessidades dos filhos é muito importante (...)
29. (...) Vai-se ganhando experiência [com as situações] (...)
30. (...) É necessário investir muito (...)
31. (...) E mesmo a nível da bibliografia, continuar a pesquisar... (...)

32. (...) Aprende-se muito com a prática (...)
33. (...) Sabemos que tirámos aquela formação e o que foi aprendido... mas muita coisa vai sendo acrescentada... (...)
34. (...) que vai sendo acrescentado nas novas correntes, que vão enriquecer aquilo que já sabemos... (...)
35. (...) muito necessária a actualização! (...)
36. (...) quando eu ouvi falar muito em *portfolio*, aquela grande palavra, “o que é que elas querem?” (...)
37. (...) Já comprei um livrinho sobre o *portfolio*, vemos o que é que eles lá dizem, mesmo que ele não esteja direccionado ao ensino pré-escolar, porque geralmente nunca está... mas temos que ser nós as primeiras a lá chegar, a procurar, a investigar... (...)
38. (...) O facto de às vezes nós lermos e ver (...) o agarrarmos logo, vemos quais as aprendizagens, as avaliações da criança, do educador (...)
39. (...) contribui muito para a nossa formação, para a nossa permanente aprendizagem (...)
40. (...) Eu fiz uns Complementos de Formação (...)
41. (...) os Complementos de Formação deram uma dinâmica à minha vida... (...)
42. (...) [com os complementos] Ganhei o fluir das frases, o fluir da escrita (...)

43. (...) aquela imagem mental... (...)
44. (...) Não se pode parar... (...)
45. (...) Foi isso eu senti... [que não se pode parar] (...) se calhar, não estava a praticar muito a escrita nalgum sentido. Ou era falta de mais leituras. Porque a leitura também ajuda a exercitar (...)
46. (...) eu quando cheguei aqui a esta instituição, trabalhei no ATL, ninguém pedia projectos, ninguém pedia nada. Trabalhei na sala dos três anos, ninguém pedia nada, e depois é assim, não nos pedem a gente também não faz (...)
47. (...) Quer dizer, eu não descurei muito... Esta parte não foi muito descurada por mim, porque eu quando tinha estagiárias, obrigatoriamente eu tinha que estar e tinha que ter... (...)
48. (...) actualizei-me (...)
49. (...) eu acho que é muito importante mantermo-nos actualizadas! (...)
50. (...) as estagiárias quando começam a ter uma conversa connosco, ou sobre o que se pretende com o projecto, ou o que as professoras da Universidade pretendem, eu acho que nós, tanto a cooperante como a estagiária, devemos estar ao mesmo nível. Não é elas estarem a falar uma linguagem e eu saber que elas, neste caso, estão acima numa forma de estar na educação que eu já não estou (...)
51. (...) quando comecei a coordenar, comecei a ter também outro perfil... (...)
52. (...) Uma postura... e então agora vamos regularizar o que eu antes não achava que estava correcto (...)

53. (...) Quatro, cinco anos depois de ter começado a trabalhar... [recebeu estagiárias pela 1ª vez] (...) Eu não achei muito difícil... (...)
54. (...) Agora sou diferente de quando comecei a ser cooperante (...)
55. (...) eu no início estava muito na pele delas, porque eu também era uma profissional muito recente, tinha bem presente a posição delas como estagiárias (...)
56. (...) não me esqueci de quando era estagiária (...)
57. (...) E foi isso que eu tentei passar às meninas, é elas também estarem bem no contexto onde elas estão. Acho que é muito importante! (...)
58. (...) Não me senti muito atrapalhada no sentido do trabalho com elas, porque eu achava sempre que era um processo de aprendizagem, eu/elas, elas/comigo e eu com elas (...)
59. (...) E nós também crescemos! [com as estagiárias] (...)
60. (...) nós, por vezes, temos tendência para ver as pessoas à nossa imagem, e também temos que tentar ver que, pode ser por aí em alguns casos, mas não forçarmos demasiado. Cada um é como é. Elas já têm o perfil delas, já... (...)
61. (...) [reflexão/avaliação] todos os dias nós nos sentamos, e vimos... não é só os aspectos negativos, mas também os positivos. Elas [as estagiárias] têm que ser valorizadas e... exigem muito, ahh... aceitam muito bem a parte que não fazem bem, a “parte negativa”, mas noto que elas têm necessidade de eu lhes dizer sempre “Olha, acho que fizeram muito bem, é para continuar, força... Esta mensagem... (...)
62. (...) Elas [as estagiárias] necessitam muito de serem incentivadas, valorizadas (...)

63. (...) Elas [as estagiárias] não estavam habituadas a serem valorizadas [em estágios anteriores] (...)
64. (...) Sei criticar... apontar os aspectos negativos... e positivos... (...)
65. (...) Eu gosto muito também que as estagiárias façam a avaliação delas (...) levá-las também a perceber o porquê que deviam ter feito daquela maneira e fizeram de outra. E se elas não chegarem lá, depois reflectimos: se acham que sim, se acham que não e depois elas até acabam por dizer: “Olhe, realmente...” (...)
66. (...) analisamos e vimos (...) qual a melhor forma se fizermos assim, será que iremos ter aquele resultado? Vamos tentar... (...)
67. (...) acho que sim, que se devem dar orientações... (...)
68. (...) não tenho medo de demonstrar como se faz, por vezes isso é necessário (...)
69. (...) elas podem não estar a ver com os meus olhos aquilo que eu quero demonstrar. E se eu acho que aquilo é válido e tem que ser, tenho que lhes dar a elas e tenho que descortinar aquilo que elas não... (...)
70. (...) Posso não descodificar todo o processo (...) Para que elas também caminhem com os pés delas, mas tentar dar uma indicação (...)
71. (...) exemplificar é muito importante (...)
72. (...) [a importância de exemplificar] No início, (...) aqui com o projecto curricular... (...)

73. (...) com o projecto curricular, (...) quando elas chegaram já eu tinha o projecto mais ou menos traçado (...) elas (...) foram guiadas, mas nunca tinham pegado num projecto. Nós sentámo-nos aqui, as três e dividimos tarefas (...)
74. (...) quando elas chegaram cá, já eu cá estava, tentei dar algumas tarefas mas elas não conseguiam, porque nunca tinham visto, nunca tinham feito, com medo de estarem a cometer erros, já a acharem que estavam a ser avaliadas e eu a tentar... (...)
75. (...) estamos aqui a trabalhar em equipa, o projecto (...)
76. (...) Estamos a trabalhar em equipa. Tentar... e depois disse (...) devem tocar aqui, abrir uns parêntesis nisto, isto e isto. Mas também fiz com que elas fossem à pesquisa das tais situações (...)
77. (...) encaminhei. Mas vi que isto as ajudou (...)
78. (...) Já está pronto [o projecto curricular] (...) e é o primeiro... (...)
79. (...) Isso é também é uma das tarefas que se desenvolve enquanto cooperante [ser crítico em relação às atitudes das alunas]. Nós podemos ter alguns limites, não querer dizer para não... Mas (...) ou nós temos feito e temos uma postura, uma atitude para conseguir, porque há pessoas que não conseguem dizer ao outro. Aqui ou desenvolve-se ou tem-se (...)
80. (...) Porque (...) não se pode passar ao lado de coisas que achamos que é importante as alunas desenvolverem, ou desenvolverem atitudes, posturas... comportamentos perante as crianças (...)
81. (...) se eu não digo é porque não tenho nada a dizer (...)

82. (...) Se eu vejo razões, ou eu vejo coisas que acho que é conveniente modificar, comportamentos, maneiras de pensar e de agir, aí tenho que realmente... dizer (...)
83. (...) Tenho que dizer e reflectimos sobre isso, se elas não estão a ver com os olhos delas, têm que passar a ver com os meus, ou perguntam, investigam... porque há muita coisa que elas também... a prática não se lê nos livros (...)
84. (...) Eu tenho muitas estratégias com o meu grupo (...) que isso a gente pode não encontrar nos livros, mas quando eu faço as apresentações com as estagiárias, quero que elas também sigam aquilo a que as crianças já estão habituadas, aquelas regras (...) não quero que as desfaçam. Podemos criar novas, se forem convenientes (...)
85. (...) eu gosto disto e quero que elas sigam este tipo de [estratégia] (...)
86. (...) Estratégias que utilizo e que gosto que elas [as estagiárias] as tenham (...)
87. (...) E esta informação também vai abrir, se calhar, mais horizontes para elas [estagiárias]
88. (...) é muito importante dar-lhes informações... [às estagiárias] (...)
89. (...) Orienta muito, faz com que elas dêem continuidade também ao saber delas e àquilo que elas também já têm adquirido... (...)
90. (...) [o tipo de intervenção da cooperante] isso também tem a ver com os objectivos, ou o ano que elas estão (...) Se elas estiverem se calhar no primeiro ano, que elas vêm se calhar para observar o trabalho do educador (...) ver (...) como é que actua perante o grupo, individual, em pequeno grupo... Agora, se elas já estão no quarto ano, pois elas têm já que ter um perfil de educadora, mas sempre que seja necessário haver qualquer situação que o educador tem que intervir para enriquecer... para

ajudar, para que qualquer coisa não vá por água a baixo, uma coisa que é importante não ir... (...)

91. [intervém] (...) Entro delicadamente, para que elas até não se sintam... que a gente não destabilize realmente as raparigas, intervenho de forma a que elas também se apercebam “Olha, estávamos a precisar desta muleta.” E depois saio para que elas conduzam o resto do processo. Tento fazer assim (...)
92. (...) Às vezes aquela ajudinha, o “jogar a mão” é fundamental... (...)
93. (...) é o tal empurrão, eu intervenho e ajudo (...)
94. (...) depois no final do dia também é uma forma de reflectirmos, aquela situação ali, se calhar andaram ali, o porquê, também saber o porquê, o porquê que elas andaram ali a “patinar” e não conseguiram chegar ao outro patamar (...) saber qual foi a insegurança... (...)
95. (...) Ai não sou capaz! [de não intervir se considera necessário] (...)
96. (...) Pode haver uma vez ou outra que eu diga assim “Vamos lá ver o que é que vai acontecer, deixa lá ver se elas agora se vão aperceber que... o que não estão fazer bem, a origem que isto teve, o que é que deu ao grupo, ou o que é que o grupo fez com esta confusão que foi gerada por elas. Também podemos passar por esses momentos. Mas... geralmente não (...)
97. (...) aqui é um trabalho de equipa (...)
98. (...) Porque nós não podemos esquecer que os meninos se apercebem destas coisas todas. Porque eles apercebem-se do papel da educadora, da auxiliar e daquelas meninas com aquele nome de estagiárias que podem estar cá o ano inteiro, mas eles sabem o papel de cada um e até se apercebem destas ajudas, destas coisas... (...)

99. (...) E eles apercebem-se dessas coisas todas (...)
100. (...) se é uma situação que eu acho... não vou desperdiçá-la, porque ela pode não se voltar a repetir, porque aquele momento foi único e elas não estão ali a ver aquilo (...)
101. (...) Entro na acção... [quando considera pertinente] (...)
102. (...) não me inibo e ensino como se faz... (...)
103. (...) Estas meninas [estagiárias] (...) vieram perguntar no princípio do ano como se fazia “massa de cores”, não sabiam fazer uma “digitinta.” Eu disse-lhes: “Meninas, isso são técnicas, vamos fazê-las”. Na altura certa... (...)
104. (...) Ensinei como se faz. A primeira vez fizemos (...)
105. (...) passado dois ou três dias (...) foram elas que fizeram. Porque é assim, às vezes os modelos não se dão, mas às vezes é necessário ver-se para se fazer. Então, depois deixamos que o processo siga (...) Eu gostei muito sempre de ser eu também a mexer, ver os outros mas depois ser eu a pôr as mãos na massa (...)
106. (...) É como no computador “(...) vais aqui...”, alguém estar a explicar-me “...vais além, tiras daqui pões além...” e eu digo “Então espera lá, dá lá aí o rato e diz-me o que é que eu tenho que fazer, vou aqui (...) agora vou ali...” mas ser eu a ir dar o clique. Assim é... (...)
107. (...) Exijo (...) no sentido... quando nós reflectimos sobre aquilo que devia ter sido feito e que não foi (...)

108. (...) Quando nós reflectimos, sobre isto, ou aquilo e vejo que elas passam ao lado, aí começo a ser uma pessoa mais exigente. “Já falámos, já reflectimos e vocês continuam sempre a fazer a mesma coisa, o que é que se está a passar, porque é que...” (...)
109. (...) Adequo às estagiárias [a intervenção] (...)
110. (...) [a exigência] também tem a ver com as alunas... (...)
111. (...) o grau de exigência é como eu te dizia (...) depois também tem a ver com o ano com que estamos a trabalhar, com aquilo que é exigido às raparigas e também deixá-las que elas caminhem por elas mesmas e isso dá alguma autonomia, mas que elas vejam que eu estou sempre presente (...)
112. [relativamente às críticas] (...) digo-lhes, quer em relação às crianças, em relação mesmo aos pais, auxiliares... (...)
113. (...) o respeito pela instituição... por aquilo que eu defendo... Se nós trabalhamos, arrumamos, lavamos os materiais, se não fazem eu chamo à atenção (...)
114. (...) há coisas que... a auxiliar que trabalha comigo, tem que saber que eu gosto, hoje usámos os pincéis, mesmo que amanhã voltemos a fazer as mesma pintura, limpamos aquilo tudo, porque os pincéis não são para enferrujar dentro dos copos (...)
115. (...) Elas [as estagiárias] entenderam (...) temos tantas reservas com os materiais, eu nada desperdiço (...)
116. (...) Eu tenho caixinhas (...) que têm retalhinhos de... papel autocolante... está ali, tenho uma caixinha das lãs (...) nas outras salas quando não há elas sabem qual é a

sala que tem, só que é logo assim: “Utilizas, quando não precisares... volta para o lugar” (...)

117. (...) em nenhuma posição que eu tive de educadora, de estagiária, de formadora, (...) de coordenadora, eu sempre lavei os meus materiais (...) E é isso que eu faço às minhas estagiárias (...) nos primeiros momentos que falo com as estagiárias e digo logo “as regras eu quero que sejam feitas ali na sala: os materiais não ficam sujos, as tesouras arrumam-se, os papéis assim... ou seja, a sala pode estar um alvoroço enquanto estamos a trabalhar... acabou-se o trabalho, arrumou”. Porque isto é passar aos meninos a mesma coisa, porque se nós dizemos aos meninos... eu fico doente quando entro aqui numa sala, olho as bancadas (...) Eu acho que isso passa um bocadinho pela organização (...)
118. (...) “No sítio que eu souber que é o agrafador, é para aqui que ele vem sempre, se eu sei que ele é aqui, ele não tem que estar em cima das bancadas... (...)
119. (...) também aprendi com a minha educadora cooperante [a organização] (...)
120. (...) Porque depois as estagiárias fazem-se à imagem das pessoas que temos na sala e as auxiliares também (...)
121. (...) se eu já estou a dizendo qualquer coisa “Olha, ou não chegaram lá, ou deviam...ou fizeram.”, e se elas não chegam por elas mesmas, então tenho que chegar àquilo que eu inicialmente pretendo que elas cheguem (...)
122. (...) Tentar que elas [as estagiárias] também pensem por elas mesmas... não dar também todo o processo, senão também não estou a fazer pessoas reflexivas (...) Mas (...) se elas não chegarem lá, tentar fazer com que elas cheguem lá (...)
123. (...) Ao pretendermos fazer uma reflexão com as estagiárias estamos a reflectir... (...)

124. (...) também sou formadora [do instituto] (...)
125. (...) [ser formadora do instituto] foi importante e foi uma experiência muito positiva porque, mais uma vez fez com que eu passasse novamente a investigar, se calhar não tão profundamente como na Licenciatura... (...)
126. (...) mas o pegar naquilo que tinha, o pedir emprestado a amigos... (...)
127. (...) Reforçar, o tentar ler... (...)
128. (...) há coisas que se calhar até não tinha que me debruçar tanto, debrucei--me porque lia muito, passei a ler muito... (...)
129. (...) Agora é o meu investimento neste momento [como formadora]. Agora, não quero parar a nível minha formação pessoal (...) acabei a Licenciatura o ano passado e quero continuar (...) não sei se é amanhã, se é para o ano, mas quero... não quero parar (...)
130. (...) quero continuar (...)
131. (...) Quero tirar o Mestrado, quero investir... (...)
132. (...) o meu mal, é sentir-me muito bem a ter muita coisa para fazer... (...)
133. (...) Eu não posso explicar isto, por exemplo, ao meu marido... mas eu gosto de estar muito ocupada, porque é assim, agora de noite à terça e sexta-feira, segunda, terça e sexta estou tirando um curso de computadores à noite... depois às quintas feiras estou num curso de pintura, à noite... (...)

134. (...) o meu marido fica assim a olhar para mim, “Mas tu não podes parar um bocadinho?” e eu digo assim “Não, parar não... (...)
135. (...) eu tenho necessidade de pensar “Segunda e terça para aqui, quarta e quinta...” eu gosto de estar ocupada (...)

DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO DA ENTREVISTA À SUPERVISORA JOANA

Percurso pessoal/profissional

1. Anos de serviço

(...) No total... são nove anos de serviço (...) (1)

(...) assim directos nesta instituição, faz nove anos (...) (2)

(...) Depois fui ali para o Montesol (...) e depois do Montesol para aqui. Portanto, a minha contagem dos oito anos já está entre o Montesol e aqui, sem haver interrupção, porque pertencem os dois Jardins de Infância ao mesmo... (...) (3)

2. Situação profissional

(...) [o percurso] No mesmo local. Bom isto é assim: agora no presente é porque a aposta é grande, não é? Pela coordenação que estou aqui a fazer e acho que esta instituição também merecia (...) (4)

(...) depois de tomar este cargo, acho que, apesar dos aspectos negativos e positivos que isto tem, acho que a instituição já merecia um encaminhamento mais positivo a nível de algumas dinâmicas (...) (5)

(...) tenho muita responsabilidade. Não sou só eu, é uma equipa, mas acho que sim, sem dúvida alguma (...) (6)

(...) Agora o porquê, eu podia subir (...) Subir desta posição, mas se calhar ainda há alguns receios perante a rede pública (...) O facto de eu concorrer, se calhar, à rede

pública. Podia concorrer, podia ficar a trabalhar. Mas, se calhar, podia não ficar tão bem... (...) (7)

(...) Não [é uma mulher de ficar parada], por isso não quero ficar aqui uma vida inteira (...) (8)

(...) o factor pessoal contou, porque há muitas responsabilidades. Aqui eu sei, como efectiva (...) que posso contar com o meu trabalho todos os anos (...) (9)

(...) Isto dá-me estabilidade (...) (10)

(...) A nível da rede pública, quando eu concorrer e vir que a minha estabilidade também pode andar por lá, não importa se hoje estou aqui e amanhã estou lá... (...) (11)

(...) Uma pessoa começa a “fazer uma casa”... (...) (12)

3. Relacionamento

3.1- Com as crianças

(...) Com as crianças eu cresço com elas... aquelas crianças que nos dão mais luta, aquelas estratégias que são necessárias arranjar... (...) (25)

(...) Tem sido um permanente investimento nas crianças (...) aquelas crianças que a gente lê nos livros, nem sempre são aquela criança de carne e osso... (...) (26)

(...) dentro de uma sala de 25 crianças (...) é um investimento desde que nós começamos a estar com elas, até saírem... (...) (27)

(...) Porque nós não podemos esquecer que os meninos se apercebem destas coisas todas. Porque eles apercebem-se do papel da educadora, da auxiliar e daquelas meninas

com aquele nome de estagiárias que podem estar cá o ano inteiro, mas eles sabem o papel de cada um e até se apercebem destas ajudas, destas coisas... (...) (98)

(...) E eles apercebem-se dessas coisas todas (...) (99)

3.2- Com os pais

(...) mesmo a nível da família, contactar muito com a família, saber o porquê dos comportamentos... Por exemplo, agora tenho uma criança, que tem dois anos, debati muito com a mãe, lá consegui agora ter uma entrevista com uma psicóloga. Este tipo de trabalho com os pais a nível das necessidades dos filhos é muito importante (...) (28)

3.3- Com os colegas

(...) tem muito a ver com o trabalho de equipa... (...) (17)

(...) a minha equipa (...) ainda não está tudo com a presente equipa.. porque fazem falta alterações a nível superior.. a nível das educadoras, gosto da equipa que está (...) (18)

(...) a Madalena é uma pessoa que me faz muita falta, a Selma também [educadoras]. Às vezes há alturas que me sinto aqui muito sozinha (...) (19)

(...) Eram pessoas que, sem que eu lhes pedisse ajuda, elas já estavam onde eu queria (...) (20)

(...) São alturas... [o Natal] eu não paro e sei que elas davam... (...) (21)

4. Atitude profissional

4.1- Coordenação institucional

(...) fui eu que fiz isto chegar a aqui... (...) (16)

(...) A coordenação é um investimento na instituição (...) (23)

(...) quando comecei a coordenar, comecei a ter também outro perfil... (...) (51)

(...) Uma postura... e então agora vamos regularizar o que eu antes não achava que estava correcto (...) (52)

(...) também sou formadora [do instituto] (...) (124)

(...) [ser formadora do instituto] foi importante e foi uma experiência muito positiva porque, mais uma vez fez com que eu passasse novamente a investigar, se calhar não tão profundamente como na Licenciatura... (...) (125)

4.2- Trabalho com as crianças

(...) mas aquele contacto directo com as crianças faz-me falta (...) (24)

(...) eu quando não me posso mexer no trabalho, em que não consigo virar-me para lado nenhum... [assume a coordenação e a uma sala de Jardim de Infância] (...) Apetece-me ter uma coisa só (...) quando estou mais tranquila... Eu não me apetece deixar os meninos... eles fazem parte do meu trabalho (...) (22)

4.3- Formação

(...) Vai-se ganhando experiência [com as situações] (...) (29)

(...) E mesmo a nível da bibliografia, continuar a pesquisar... (...) (31)

(...) Aprende-se muito com a prática (...) (32)

(...) Sabemos que tirámos aquela formação e o que foi aprendido... mas muita coisa vai sendo acrescentada... (...) (33)

(...) que vai sendo acrescentado nas novas correntes, que vão enriquecer aquilo que já sabemos... (...) (34)

(...) muito necessária a actualização! (...) (35)

(...) quando eu ouvi falar muito em *portfolio*, aquela grande palavra, “o que é que elas querem?” (...) (36)

(...) Já comprei um livrinho sobre o *portfolio*, vemos o que é que eles lá dizem, mesmo que ele não esteja direccionado ao ensino pré-escolar, porque geralmente nunca está... mas temos que ser nós as primeiras a lá chegar, a procurar, a investigar... (...) (37)

(...) O facto de às vezes nós lermos e ver (...) o agarrarmos logo, vemos quais as aprendizagens, as avaliações da criança, do educador (...) (38)

(...) contribui muito para a nossa formação, para a nossa permanente aprendizagem (...) (39)

(...) Eu fiz uns Complementos de Formação (...) (40)

(...) os Complementos de Formação deram uma dinâmica à minha vida... (...) (41)

(...) [com os complementos] Ganhei o fluir das frases, o fluir da escrita (...) (42)

(...) aquela imagem mental... (...) (43)

(...) Não se pode parar... (...) (44)

(...) Foi isso eu senti... [que não se pode parar] (...) se calhar, não estava a praticar muito a escrita nalgum sentido. Ou era falta de mais leituras. Porque a leitura também ajuda a exercitar (...) **(45)**

(...) actualizei-me (...) **(48)**

(...) eu acho que é muito importante mantermo-nos actualizadas! (...) **(49)**

(...) as estagiárias quando começam a ter uma conversa connosco, ou sobre o que se pretende com o projecto, ou o que as professoras da Universidade pretendem, eu acho que nós, tanto a cooperante como a estagiária, devemos estar ao mesmo nível. Não é elas estarem a falar uma linguagem e eu saber que elas, neste caso, estão acima numa forma de estar na educação que eu já não estou (...) **(50)**

(...) mas o pegar naquilo que tinha, o pedir emprestado a amigos... (...) **(126)**

(...) Reforçar, o tentar ler... (...) **(127)**

(...) há coisas que se calhar até não tinha que me debruçar tanto, debrucei--me porque lia muito, passei a ler muito... (...) **(128)**

(...) Agora é o meu investimento neste momento [como formadora]. Agora, não quero parar a nível minha formação pessoal (...) acabei a Licenciatura o ano passado e quero continuar (...) não sei se é amanhã, se é para o ano, mas quero... não quero parar (...) **(129)**

(...) quero continuar (...) **(130)**

(...) Quero tirar o Mestrado, quero investir... (...) **(131)**

(...) Eu não posso explicar isto, por exemplo, ao meu marido... mas eu gosto de estar muito ocupada, porque é assim, agora de noite à terça e sexta-feira, segunda, terça e sexta estou tirando um curso de computadores à noite... depois às quintas feiras estou num curso de pintura, à noite... (...) (133)

(...) o meu marido fica assim a olhar para mim, “Mas tu não podes parar um bocadinho?” e eu digo assim “Não, parar não... (...) (134)

(...) eu tenho necessidade de pensar “Segunda e terça para aqui, quarta e quinta...” eu gosto de estar ocupada (...) (135)

4.4- Investimento profissional

(...) eu vim para aqui para aprender... (...) (13)

(...) tem sido uma “construção”... [do Jardim de Infância] (...) (14)

(...) Há muita coisa que... eu olho para aqui, para esta instituição e sou eu, é a minha identificação (...) (15)

(...) É necessário investir muito (...) (30)

(...) eu quando cheguei aqui a esta instituição, trabalhei no ATL, ninguém pedia projectos, ninguém pedia nada. Trabalhei na sala dos três anos, ninguém pedia nada, e depois é assim, não nos pedem a gente também não faz (...) (46)

(...) Quer dizer, eu não descurei muito... Esta parte não foi muito descurada por mim, porque eu quando tinha estagiárias, obrigatoriamente eu tinha que estar e tinha que ter... (...) (47)

5. Satisfação/insatisfação profissional

5.1. Satisfação

(...) Quatro, cinco anos depois de ter começado a trabalhar... [recebeu estagiárias pela 1ª vez] (...) Eu não achei muito difícil... (...) (53)

(...) Agora sou diferente de quando comecei a ser cooperante (...) (54)

(...) Já está pronto [o projecto curricular] (...) e é o primeiro... (...) (78)

5.2. Insatisfação

(...) o meu mal, é sentir-me muito bem a ter muita coisa para fazer... (...) (132)

Estilo de Supervisão

1- Características pessoais

(...) É como no computador “(...) vais aqui...”, alguém estar a explicar-me “...vais além, tiras daqui pões além...” e eu digo “Então espera lá, dá lá aí o rato e diz-me o que é que eu tenho que fazer, vou aqui (...) agora vou ali...” mas ser eu a ir dar o clique. Assim é... (...) (106)

(...) o respeito pela instituição... por aquilo que eu defendo... Se nós trabalhamos, arrumamos, lavamos os materiais, se não fazem eu chamo à atenção (...) (113)

(...) há coisas que... a auxiliar que trabalha comigo, tem que saber que eu gosto, hoje usámos os pincéis, mesmo que amanhã voltemos a fazer as mesma pintura, limpamos aquilo tudo, porque os pincéis não são para enferrujar dentro dos copos (...) (114)

(...) Elas [as estagiárias] entenderam (...) temos tantas reservas com os materiais, eu nada desperdiço (...) (115)

(...) Eu tenho caixinhas (...) que têm retalhinhos de... papel autocolante... está ali, tenho uma caixinha das lãs (...) nas outras salas quando não há elas sabem qual é a sala que tem, só que é logo assim: “Utilizas, quando não precisares... volta para o lugar” (...) (116)

(...) “No sítio que eu souber que é o agrafador, é para aqui que ele vem sempre, se eu sei que ele é aqui, ele não tem que estar em cima das bancadas... (...) (118)

(...) também aprendi com a minha educadora cooperante [a organização] (...) (119)

2- Modos de actuação característicos do estilo

1- Avaliar

(...) [reflexão/avaliação] todos os dias nós nos sentamos, e vimos... não é só os aspectos negativos, mas também os positivos. Elas [as estagiárias] têm que ser valorizadas e... exigem muito, ahh... aceitam muito bem a parte que não fazem bem, a “parte negativa”, mas noto que elas têm necessidade de eu lhes dizer sempre “Olha, acho que fizeram muito bem, é para continuar, força... Esta mensagem... (...) (61)

2- Criticar

(...) Sei criticar... apontar os aspectos negativos... e positivos... (...) (64)

(...) Isso é também é uma das tarefas que se desenvolve enquanto cooperante [ser crítico em relação às atitudes das alunas]. Nós podemos ter alguns limites, não querer dizer para não... Mas (...) ou nós temos feito e temos uma postura, uma atitude para

conseguir, porque há pessoas que não conseguem dizer ao outro. Aqui ou desenvolve-se ou tem-se (...) (79)

[relativamente às críticas] (...) digo-lhes, quer em relação às crianças, em relação mesmo aos pais, auxiliares... (...) (112)

3- Informar

(...) E esta informação também vai abrir, se calhar, mais horizontes para elas [estagiárias] (87)

(...) é muito importante dar-lhes informações... [às estagiárias] (...) (88)

(...) Orienta muito, faz com que elas dêem continuidade também ao saber delas e àquilo que elas também já têm adquirido... (...) (89)

4- Liderar

(...) eu gosto disto e quero que elas sigam este tipo de [estratégia] (...) (85)

(...) Estratégias que utilizo e que gosto que elas [as estagiárias] as tenham (...) (86)

(...) [o tipo de intervenção da cooperante] isso também tem a ver com os objectivos, ou o ano que elas estão (...) Se elas estiverem se calhar no primeiro ano, que elas vêm se calhar para observar o trabalho do educador (...) ver (...) como é que actua perante o grupo, individual, em pequeno grupo... Agora, se elas já estão no quarto ano, pois elas têm já que ter um perfil de educadora, mas sempre que seja necessário haver qualquer situação que o educador tem que intervir para enriquecer... para ajudar, para que qualquer coisa não vá por água a baixo, uma coisa que é importante não ir... (...) (90)

(...) Pode haver uma vez ou outra que eu diga assim “Vamos lá ver o que é que vai acontecer, deixa lá ver se elas agora se vão aperceber que... o que não estão fazer bem, a origem que isto teve, o que é que deu ao grupo, ou o que é que o grupo fez com esta confusão que foi gerada por elas. Também podemos passar por esses momentos. Mas... geralmente não (...) (96)

(...) se é uma situação que eu acho... não vou desperdiçá-la, porque ela pode não se voltar a repetir, porque aquele momento foi único e elas não estão ali a ver aquilo (...) (100)

(...) Estas meninas [estagiárias] (...) vieram perguntar no princípio do ano como se fazia “massa de cores”, não sabiam fazer uma “digitinta.” Eu disse-lhes: “Meninas, isso são técnicas, vamos fazê-las”. Na altura certa... (...) (103)

(...) passado dois ou três dias (...) foram elas que fizeram. Porque é assim, às vezes os modelos não se dão, mas às vezes é necessário ver-se para se fazer. Então, depois deixamos que o processo siga (...) Eu gostei muito sempre de ser eu também a mexer, ver os outros mas depois ser eu a pôr as mãos na massa (...) (105)

5- Demonstrar

(...) não tenho medo de demonstrar como se faz, por vezes isso é necessário (...) (68)

(...) elas podem não estar a ver com os meus olhos aquilo que eu quero demonstrar. E se eu acho que aquilo é válido e tem que ser, tenho que lhes dar a elas e tenho que descortinar aquilo que elas não... (...) (69)

(...) exemplificar é muito importante (...) (71)

(...) [a importância de exemplificar] No início, (...) aqui com o projecto curricular... (...) (72)

(...) Tenho que dizer e reflectimos sobre isso, se elas não estão a ver com os olhos delas, têm que passar a ver com os meus, ou perguntam, investigam... porque há muita coisa que elas também... a prática não se lê nos livros (...) (83)

(...) Ai não sou capaz! [de não intervir se considera necessário] (...) (95)

(...) Entro na acção... [quando considera pertinente] (...) (101)

(...) não me inibo e ensino como se faz... (...) (102)

(...) Porque depois as estagiárias fazem-se à imagem das pessoas que temos na sala e as auxiliares também (...) (120)

(...) se eu já estou a dizendo qualquer coisa “Olha, ou não chegaram lá, ou deviam...ou fizeram.”, e se elas não chegam por elas mesmas, então tenho que chegar àquilo que eu inicialmente pretendo que elas cheguem (...) (121)

6- Corrigir

(...) Porque (...) não se pode passar ao lado de coisas que achamos que é importante as alunas desenvolverem, ou desenvolverem atitudes, posturas... comportamentos perante as crianças (...) (80)

(...) Se eu vejo razões, ou eu vejo coisas que acho que é conveniente modificar, comportamentos, maneiras de pensar e de agir, aí tenho que realmente... dizer (...) (82)

[intervém] (...) Entro delicadamente, para que elas até não se sintam... que a gente não destabilize realmente as raparigas, intervenho de forma a que elas também se apercebam “Olha, estávamos a precisar desta muleta.” E depois saio para que elas conduzam o resto do processo. Tento fazer assim (...) (91)

(...) Às vezes aquela ajudinha, o “jogar a mão” é fundamental... (...) (92)

7- Ensinar

(...) Ensinei como se faz. A primeira vez fizemos (...) (104)

8- Exigir

(...) Eu tenho muitas estratégias com o meu grupo (...) que isso a gente pode não encontrar nos livros, mas quando eu faço as apresentações com as estagiárias, quero que elas também sigam aquilo a que as crianças já estão habituadas, aquelas regras (...) não quero que as desfaçam. Podemos criar novas, se forem convenientes (...) (84)

(...) Exijo (...) no sentido... quando nós reflectimos sobre aquilo que devia ter sido feito e que não foi (...) (107)

(...) Quando nós reflectimos, sobre isto, ou aquilo e vejo que elas passam ao lado, aí começo a ser uma pessoa mais exigente. “Já falámos, já reflectimos e vocês continuam sempre a fazer a mesma coisa, o que é que se está a passar, porque é que...” (...) (108)

(...) Adequo às estagiárias [a intervenção] (...) (109)

(...) [a exigência] também tem a ver com as alunas... (...) (110)

(...) o grau de exigência é como eu te dizia (...) depois também tem a ver com o ano com que estamos a trabalhar, com aquilo que é exigido às raparigas e também deixá-las que elas caminhem por elas mesmas e isso dá alguma autonomia, mas que elas vejam que eu estou sempre presente (...) (111)

(...) em nenhuma posição que eu tive de educadora, de estagiária, de formadora, (...) de coordenadora, eu sempre lavei os meus materiais (...) E é isso que eu faço às minhas

estagiárias (...) nos primeiros momentos que falo com as estagiárias e digo logo “as regras eu quero que sejam feitas ali na sala: os materiais não ficam sujos, as tesouras arrumam-se, os papéis assim... ou seja, a sala pode estar um alvoroço enquanto estamos a trabalhar... acabou-se o trabalho, arrumou”. Porque isto é passar aos meninos a mesma coisa, porque se nós dizemos aos meninos... eu fico doente quando entro aqui numa sala, olho as bancadas (...) Eu acho que isso passa um bocadinho pela organização (...) (117)

9- Sugerir

(...) quando elas chegaram cá, já eu cá estava, tentei dar algumas tarefas mas elas não conseguiam, porque nunca tinham visto, nunca tinham feito, com medo de estarem a cometer erros, já a acharem que estavam a ser avaliadas e eu a tentar... (...) (74)

10- Questionar

Não verificada.

11- Interagir

Não verificada.

12- Comunicar

Não verificada.

13- Orientar

(...) acho que sim, que se devem dar orientações... (...) (67)

(...) encaminhei. Mas vi que isto as ajudou (...) (77)

14- Escutar

Não verificada.

15- Reflectir

(...) Eu gosto muito também que as estagiárias façam a avaliação delas (...) levá-las também a perceber o porquê que deviam ter feito daquela maneira e fizeram de outra. E se elas não chegarem lá, depois reflectimos: se acham que sim, se acham que não e depois elas até acabam por dizer: “Olhe, realmente...” (...) (65)

(...) analisamos e vimos (...) qual a melhor forma se fizermos assim, será que iremos ter aquele resultado? Vamos tentar... (...) (66)

(...) depois no final do dia também é uma forma de reflectirmos, aquela situação ali, se calhar andaram ali, o porquê, também saber o porquê, o porquê que elas andaram ali a “patinar” e não conseguiram chegar ao outro patamar (...) saber qual foi a insegurança... (...) (94)

(...) Ao pretendermos fazer uma reflexão com as estagiárias estamos a reflectir... (...) (123)

16- Ajudar

(...) Posso não descodificar todo o processo (...) Para que elas também caminhem com os pés delas, mas tentar dar uma indicação (...) (70)

(...) é o tal empurrão, eu intervenho e ajudo (...) (93)

(...) Tentar que elas [as estagiárias] também pensem por elas mesmas... não dar também todo o processo, senão também não estou a fazer pessoas reflexivas (...) Mas (...) se elas não chegarem lá, tentar fazer com que elas cheguem lá (...) **(122)**

17- Encorajar

Não verificada.

18- Motivar

(...) E foi isso que eu tentei passar às meninas, é elas também estarem bem no contexto onde elas estão. Acho que é muito importante! (...) **(57)**

(...) Elas [as estagiárias] necessitam muito de serem incentivadas, valorizadas (...) **(62)**

19- Cooperar

(...) Não me senti muito atrapalhada no sentido do trabalho com elas, porque eu achava sempre que era um processo de aprendizagem, eu/elas, elas/comigo e eu com elas (...) **(58)**

(...) E nós também crescemos! [com as estagiárias] (...) **(59)**

(...) com o projecto curricular, (...) quando elas chegaram já eu tinha o projecto mais ou menos traçado (...) elas (...) foram guiadas, mas nunca tinham pegado num projecto. Nós sentámo-nos aqui, as três e dividimos tarefas (...) **(73)**

(...) estamos aqui a trabalhar em equipa, o projecto (...) **(75)**

(...) Estamos a trabalhar em equipa. Tentar... e depois disse (...) devem tocar aqui, abrir uns parêntesis nisto, isto e isto. Mas também fiz com que elas fossem à pesquisa das tais situações (...) **(76)**

(...) aqui é um trabalho de equipa (...) (97)

20- Aconselhar

Não verificada.

21- Apoiar

Não verificada.

22- Conhecer

Não verificada.

23- Valorizar

(...) eu no início estava muito na pele delas, porque eu também era uma profissional muito recente, tinha bem presente a posição delas como estagiárias (...) (55)

(...) não me esqueci de quando era estagiária (...) (56)

(...) nós, por vezes, temos tendência para ver as pessoas à nossa imagem, e também temos que tentar ver que, pode ser por aí em alguns casos, mas não forçarmos demasiado. Cada um é como é. Elas já têm o perfil delas, já... (...) (60)

(...) Elas [as estagiárias] não estavam habituadas a serem valorizadas [em estágios anteriores] (...) (63)

ANEXO VI

**Protocolo e tratamento dos dados da entrevista à supervisora
Inês**

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À SUPERVISORA INÊS

Ent.- Depois de ter explicado os objectivos do meu trabalho, quero agradecer-te por vires contribuir para ele, uma vez que sem o vosso contributo eu não o conseguiria fazer.

Então, vamos conversar um pouco acerca do teu percurso... Começaste a receber estagiárias há muitos anos...

Suj.- Desde 1989. Em 1989 acabei o curso...

Ent.- Acabaste o curso de promoção de auxiliares... mas, já trabalhavas com meninos, desde quando?

Suj.- Já, já, desde... eu já trabalho há 27 anos.

Ent.- Tanto tempo... e sempre trabalhaste aqui nesta instituição?

Suj.- Sim, sempre trabalhei aqui.

Ent.- Quando eu fiz estágio aqui, já tu cá estavas, isso sabia eu, mas não sabia se primeiro tinhas trabalhado noutra local...

Suj.- Não. Quando abriram isto, vim como ajudante, depois fui ficando... e veio aquele curso para fazer, pois aproveitei...

Ent.- O curso de promoção de auxiliares a educadoras de infância...

Suj.- Fiz eu, a Maria e Gertrudes...

Ent.- E depois continuaram aqui...

Suj.- Depois continuámos... depois elas concorreram a outros lugares, mas eu fiquei aqui...

Ent.- E porque é que ficaste?

Suj.- (risos...) Dava-me jeito... tinha a casa aqui perto do emprego, tinha os miúdos pequenos e devido também à minha saúde, porque eu tenho tido sempre problemas de saúde.

Ent.- Não te aventuraste a ir para outro sítio...

Suj.- Não, não me aventurei... podia calhar muito longe...

Ent.- Também é uma questão de estabilidade... a pessoa sente-se perto de casa, dá apoio à família...

Suj.- Sim, dá mais estabilidade, porque na minha casa ninguém faz nada e não podia ser eu ir para fora e deixar tudo por fazer... e então continuei.

Ent.- Foste ficando por aqui... conheces todas as pessoas desta instituição...

Suj.- Sim... (risos...).

Ent.- E em termos de formação? Quando foi o curso de formação de auxiliares a educadoras foste fazê-lo, mas agora, tem havido os complementos de formação, mas tu não te aventuraste...

Suj.- Não, eu tenho tido muitos problemas...

Ent.- De saúde?

Suj.- De cabeça... e então já não dava nada. Mesmo os médicos aconselharam-me a não fazer. Até os computadores eu não posso fazer...

Estou a fazer uma grande medicação com o médico de Faro... estou muito gasta...

Ambas- (risos)

Ent.- Achas que é melhor descansares um bocadinho...

Suj.- Pois... a minha vida tem sido um bocado atribulada, e então...

Ent.- O teu marido também teve problemas de saúde, não foi?

Suj.- Foi. Teve aqueles problemas, teve aqueles meses todos no hospital...

Ent.- Isso abala muito uma pessoa...

Suj.- Se abala... perturba muito... e muitos anos de serviço a trabalhar com crianças, já se sabe o que é...

Ent.- Sempre no directo...

Suj.- Sim, sempre no directo é muito cansativo... e depois quando surgem problemas de família também... fico um bocado em baixo...

Ent.- E nunca tiveste hipóteses de deixar de trabalhar com os meninos e fazer outro serviço, sem ser no directo?

Suj.- Não. Ainda não combinei com a directora. O neurologista diz que como eu tenho o cérebro, está muito difícil continuar...

Ent.- E este ano estás com os pequeninos...

Suj.- Mas, olha estou melhor com os pequeninos, mais descansada, não tenho metido atestados, nem nada...

Ent.- Achas ? Dão-te mais trabalho fisicamente, mas...

Suj.- Mas, para a cabeça é melhor... o médico diz que... como ele tem visto este ano a diferença, era bom que eu pudesse continuar na Creche, tenho que falar com a directora. O médico diz que nota diferença do ano passado para este.

Ent.- Trabalhar com os meninos crescidos, para ti, já era muito cansativo?

Suj.- Já era. O que eu era e o que eu sou... (as lágrimas brilham nos olhos).

Ent.- O que fazias com eles antigamente...

Suj.- Ai, o que eu fazia com eles antigamente... o ano passado, eu tive muita, muita dificuldade... aquele grupo...

Ent.- Era um grupo difícil?

Suj.- Deram-me muito trabalho. Eles não paravam um minuto sentados...

Ent.- E ao longo dos anos, nós também vamos perdendo...

Suj.- Ai, eu às vezes ponho-me a pensar: Ai meu Deus, o que eu fazia e o que eu faço agora... nota-se a diferença... por eu ter este problema na cabeça... que isto é muito cansaço também, as pessoas excluem-me um pouco, também.

Ent.- Mas... na instituição?

Suj.- Sim, acho que pensam que a pessoa está maluca, ou coisa parecida... mas, não é... é o desgaste...

Ent.- Mas quem? As colegas ?

Suj.- Se a pessoa mete um atestado, começam a falar...

Ent.- Bom, já disseste que não tinhas feito os complementos de formação, porque não podias, mas as exigências da nossa profissão faz com que tenhamos que procurar outro tipo de formação...

Suj.- Eu procuro ir às acções de formação. Sempre que posso vou às acções de formação, para não ficar...

Ent.- Desactualizada ?

Suj.- Sim... eu noto pelas outras colegas... que já faz muita diferença do que eu aprendi no meu curso, agora já é diferente... eu noto essa diferença... se eu andasse a tirar outro curso agora, já era diferente... mas, tento ir às acções de formação para me actualizar.

Ent.- E vocês aqui, umas com as outras, não aprendem? Não trocam experiências?

Suj.- Não.

Ent.- Às vezes, a própria instituição podia criar o hábito de se reunirem uma vez por semana, trocarem propostas de actividades, fazerem uma formação em equipa...

Suj.- Pois, mas não. Houve uma reunião no princípio do ano, mas nunca mais houve mais nenhuma.

Ent.- E este ano estás na Creche, também não tens estagiárias...

Suj.- Não, não tenho estagiárias. Estava um bocado cansada. O ano passado estava muito cansada.

Ent.- Mas, foi por causa daquela estagiária que tiveste? Ela também te deu muito trabalho...

Suj.- Também me deu um bocadinho... os problemas entre ela e a auxiliar... houve uns atritos... e isso fazia-me muito mal à cabeça...

Ent.- Tu é que tinhas que gerir esses conflitos...Mas, contigo não havia problemas, porque tu és uma pessoa de trato fácil...

Ambas- (risos).

Suj.- Se calhar era isso...

Ent.- Mas, voltando à estagiária... ela era uma pessoa difícil...

Suj.- Pois. Ela era uma pessoa que se fazia um bocado de vítima, tinha sempre desculpas para isto, para aquilo...

Ent.- Mas, eu acho que a tua atitude até era um bocado condescendente, não concordas?

Suj.- Eu entendia-a...

Ent.- Se calhar, é essa uma das tuas características como cooperante, que ajuda no processo de supervisão...

Suj.- Pois, eu acho que sou capaz de entender. Eu quando tinha estagiárias punha-me muito “na pele” delas.

Ent.- Lembravas-te de quando eras observada?

Suj.- É isso, é.

Ent.- Mas há educadoras que se esquecem depressa...

Suj.- Mas eu não. Eu lembro-me muito bem de quando era estagiária. Às vezes era mais condescendente, porque pensava naquilo que eu tinha sentido quando andava a tirar o curso. Mas a minha orientadora era uma pessoa acessível.

Ent.- Mas vocês também já eram profissionais... eram auxiliares...

Suj.- Sim, já éramos... eu já trabalhava há 12 anos com crianças quando tirei o curso...

Ent.- Se calhar o que aprenderam mais foi teoria, porque prática já tinham...

Suj.- Sim. Nós não sabíamos planificar... mas a directora do Jardim de Infância, na altura, mandava-nos fazer como nós sabíamos, depois, reuníamos todas as semanas e víamos. Havia muita troca. Sinto muitas saudades.

Ent.- A instituição também era mais pequena, na altura. Eu lembro-me...

Suj.- Sim, éramos poucas, agora...

Ent.- Sentes-te um bocado desamparada...

Suj.- Sim, sinto-me um pouco desamparada.

Ent.- Sentes falta de acompanhamento? Se calhar é por isso que gostavas de ter estagiárias...

Suj.- Se calhar... as estagiárias fazem companhia.

Ent.- E também trazem coisas novas... e gostam de experimentar. E tu, deixa-las experimentar?

Suj.- Eu deixo-as à vontade para elas fazerem.

Ent.- E não questionas porque é que elas querem fazer assim?

Suj.- Sim, sim, isso faço. Mas eu dou-lhes “carta branca”. Elas de manhã chegam, dizem o que querem fazer... ou então trazem a planificação para a semana e pronto...

Ent.- E tu vias a planificação com as estagiárias?

Suj.- Eu via com elas e se houvesse alguma coisa que não estava bem dizia: isto aqui podia ser de outra maneira, dava-lhe uma sugestão, não é?

Ent.- Mas elas nem sempre aceitam bem...

Suj.- Não, nem sempre aceitam. Uma vez fazem, outras vezes não fazem, é conforme.

Ent.- E se elas não fizerem, tu chamas à atenção?

Suj.- Não, não chamo à atenção. Dou a ideia, dou a minha opinião, mas se elas não fazem...

Ent.- O problema é delas, é menos isso que aprenderam...

Ambas- (risos).

Suj.- Já é alguma coisa eu dar a minha opinião, dizer o que é que eu penso daquilo... se elas querem continuar a fazer assim, também não lhes digo para não fazerem...

Ent.- Mas dentro da sala, tu és uma pessoa que estás muito com as alunas...

Suj.- Interajo com elas, estou a par com elas a fazer as coisas...

Ent.- Não tens aquela atitude de te colocares de fora, só a observar?

Suj.- Aquela de “eu sou a educadora e ponho-me a observar” não. Deixo-as à vontade, mas colaboro a fazer as actividades.

Ent.- Mas, tu conheces o grupo melhor do que as estagiárias, e vais sugerindo...

Suj.- Sim, dou sugestões, falo sobre esta ou aquela criança... quando elas chegam, no início do estágio, dou-lhes a conhecer o grupo...

Ent.- Para que elas saibam como agir?

Suj.- Pois, e à medida que vamos avançando, vamos trocando impressões sobre as crianças, sobre o grupo, sobre as actividades... vamos sempre falando.

Ent.- Sobre as suas ideias?

Suj.- Pois.

Ent.- Tu comunicas muito com elas...

Suj.- Elas dizem sempre, quando estão comigo, que eu as ponho à vontade... há educadoras que não as põem à vontade, porque se põem de lado a olhar... de fora...

parece que só estão observando o que elas estão fazendo... eu não. Eu ajudo e interajo com elas, faço as coisas com elas.

Ent.- E se elas não souberem fazer alguma coisa, és capaz de demonstrar como se faz?

Suj.- Pois, exactamente, é isso. Se elas têm uma dúvida, perguntam. Elas têm à vontade suficiente para perguntar. Quando elas chegam, eu digo-lhes logo: quando tiverem dúvidas perguntem, porque eu não sei o que vai nas vossas cabeças... perguntem, estejam à vontade, porque não há problema nenhum em fazerem perguntas... não é por isso que sabemos menos.

Ent.- E quando vês que as alunas estão a fazer uma coisa que achas que não está bem, és capaz de chamar à atenção?

Suj.- Falo. Digo as coisas para não as magoar a elas, gosto de dizer as coisas, mas sentir-me bem também comigo própria. Dizer as coisas de maneira a que as pessoas não pensem assim: “ela é que sabe tudo...”, não gosto de melindrar as pessoas, mas digo..., digo a bem, digo com jeito...

Ent.- Porque achas que isso melhora...

Suj.- Sim. Melhora a acção, porque se as pessoas falam com elas de qualquer maneira, pois elas nem se sentem bem na sala assim.

Ent.- Também gostas de conhecer as ideias delas...

Suj.- Também, também... é uma coisa que eu gosto bastante, até, é conhecer as ideias delas. Gosto de saber as opiniões, as ideias, elas têm ideias novas, eu também aprendo com elas, não é? (risos). A gente tem o curso, mas aprendemos sempre, estamos sempre a aprender.

Ent.- As alunas trazem sempre qualquer coisa...

Suj.- Sim, trazem sempre algo de novo.

Ent.- Mas, por vezes, também há alguns problemas que resolver com elas... por vezes querem fazer coisas que são descabidas... e nós temos que perguntar porque é que o querem fazer...

Suj.- Sim. Quando é para fazer os relatórios... os projectos... eu... eu para mim... elas devem fazer sozinhas essas coisas... o projecto, a planificação... e depois vêm ter comigo e falamos... mas, era uma coisa que eu via, não sei se era eu que estava errada, uma colega sentava-se as manhãs, ali na mesa, com as estagiárias a fazer os projectos com elas, era tudo em conjunto. Também não sei se eu estava fazendo mal, pô-la à vontade para ela fazer, depois conversávamos e eu dava a minha opinião...

Ent.- Isso depende das educadoras...

Suj.- E foi mais por isso é que eu dei valor e mais nota à estagiária.

Ent.- Mas combinaram esse processo desde o início?

Suj.- Falámos as duas... e ela disse que concordava em fazer em casa e depois mostrava-me... e falava-mos na hora em que os meninos estavam a dormir.

Ent.- Tu achas que assim é melhor ?

Suj.- Eu acho que assim é melhor.

Ent.- Porque dá mais liberdade à estagiária?

Suj.- Sim, dá mais liberdade para elas estarem à vontade, e depois fala-se sobre aquilo.

Ent.- Assim têm mais autonomia ?

Suj.- Sim, caso contrário ficam dependentes da educadora cooperante. Mais por isso é que eu dei uma nota alta à minha estagiária. As outras não faziam nada sem a educadora. Ela fazia tudo sozinha e depois vinha para cá e mostrava-me, estávamos ali um bocado a ver e tal... e se houvesse qualquer coisa que eu achasse que não estava bem... que se tinha que alterar... eu dizia o que era, ela apontava com o lápis para depois emendar...

Ent.- Se calhar isso tem mesmo a ver com a tua própria maneira de estar...

Suj.- Sim, deve ser isso... eu gosto de deixá-las à vontade.

Ent.- Dás-lhes espaço...

Suj.- Sim, elas também precisam de espaço. Eu gosto mais de trabalhar assim.

Ent.- Estamos a chegar ao fim da nossa conversa, penso que o essencial já referiste. Gostei muito.

Suj.- Conversar também faz bem.

Ent.- Perspectivas de continuidade ?

Suj.- Só acções de formação.

Ent.- E há alguma agora ?

Suj.- Houve agora uma, mas era em Portimão, chegávamos a casa lá para as nove da noite... eu não podia ir... chegava muito tarde a casa e tinha a miúda também...

Ent.- Logo vais a outra. Então obrigada por este nosso encontro, pelo teu contributo e até à próxima!

**UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO DA ENTREVISTA À
SUPERVISORA INÊS**

1. (...) Em 1989 acabei o curso... (...)
2. (...) eu já trabalho há 27 anos (...)
3. (...) sempre trabalhei aqui (...)
4. (...) Quando abriram isto, vim como ajudante, depois fui ficando... e veio aquele curso para fazer, pois aproveitei... (...)
5. (...) Depois continuámos... depois elas concorreram a outros lugares, mas eu fiquei aqui... (...)
6. (...) Dava-me jeito... tinha a casa aqui perto do emprego, tinha os miúdos pequenos e devido também à minha saúde, porque eu tenho tido sempre problemas de saúde(...)
7. (...) não me aventurei... podia calhar muito longe... (...)
8. (...) dá mais estabilidade, porque na minha casa ninguém faz nada e não podia ser eu ir para fora e deixar tudo por fazer... e então continuei (...)
9. (...) eu tenho tido muitos problemas... (...)
10. [problemas] (...) De cabeça... e então já não dava nada. Mesmo os médicos aconselharam-me a não fazer [os Complementos de Formação]. Até os computadores eu não posso fazer... Estou a fazer uma grande medicação com o médico de Faro... estou muito gasta... (...)

11. (...) a minha vida tem sido um bocado atribulada (...)
12. (...) Teve aqueles problemas [o marido], teve aqueles meses todos no hospital...
(...)
13. (...) Se abala... perturba muito... [a falta de saúde de familiares] e muitos anos de serviço a trabalhar com crianças, já se sabe o que é... (...)
14. (...) sempre no directo é muito cansativo... (...)
15. (...) e depois quando surgem problemas de família também... fico um bocado em baixo... (...)
16. (...) O neurologista diz que como eu tenho o cérebro, está muito difícil continuar... [a trabalhar com crianças] (...)
17. (...) estou melhor com os pequeninos, mais descansada, não tenho metido atestados, nem nada... (...)
18. (...) para a cabeça é melhor... [trabalhar na creche] o médico diz que... como ele tem visto este ano a diferenças, era bom que eu pudesse continuar na Creche, tenho que falar com a directora. O médico diz que nota diferença do ano passado para este (...)
19. (...) Já era [muito cansativo trabalhar com os meninos mais crescidos]. O que eu era e o que eu sou... (as lágrimas brilham nos olhos) (...)
20. (...) Ai, o que eu fazia com eles antigamente... o ano passado, eu tive muita, muita dificuldade... aquele grupo... (...)

21. (...) Deram-me muito trabalho. Eles não paravam um minuto sentados... [o grupo dos 5 anos] (...)
22. (...) Ai, eu às vezes ponho-me a pensar: Ai meu Deus, o que eu fazia e o que eu faço agora... nota-se a diferença... por eu ter este problema na cabeça... que isto é muito cansaço também (...)
23. (...) as pessoas excluem-me um pouco, também (...)
24. (...) acho que pensam que a pessoa está maluca, ou coisa parecida... mas, não é... é o desgaste... (...) Se a pessoa mete um atestado, começam a falar... (...)
25. (...) Eu procuro ir às acções de formação. Sempre que posso vou às acções de formação, para não ficar... (...)
26. (...) eu noto pelas outras colegas... que já faz muita diferença do que eu aprendi no meu curso, agora já é diferente... eu noto essa diferença... se eu andasse a tirar outro curso agora, já era diferente... mas, tento ir às acções de formação para me actualizar (...)
27. (...) não [existem reuniões para partilhar]. Houve uma reunião no princípio do ano, mas nunca mais houve mais nenhuma (...)
28. (...) não tenho estagiárias. Estava um bocado cansada. O ano passado estava muito cansada (...)
29. (...) Também me deu um bocadinho... [de trabalho] os problemas entre ela [estagiária] e a auxiliar... houve uns atritos... e isso fazia-me muito mal à cabeça... (...)

30. (...) Ela [a estagiária] era uma pessoa que se fazia um bocado de vítima, tinha sempre desculpas para isto, para aquilo... (...)
31. (...) Eu entendia-a... (...)
32. (...) eu acho que sou capaz de entender. Eu quando tinha estagiárias punha-me muito “na pele” delas (...)
33. (...) Eu lembro-me muito bem de quando era estagiária. Às vezes era mais condescendente, porque pensava naquilo que eu tinha sentido quando andava a tirar o curso. Mas a minha orientadora era uma pessoa acessível (...)
34. (...) eu já trabalhava há 12 anos com crianças quando tirei o curso... (...)
35. (...) Nós não sabíamos planificar... mas a directora do Jardim de Infância, na altura, mandá-va-nos fazer como nós sabíamos, depois, reuníamos todas as semanas e víamos. Havia muita troca. Sinto muitas saudades (...)
36. (...) éramos poucas, agora... (...)
37. (...) sinto-me um pouco desamparada (...)
38. (...) as estagiárias fazem companhia (...)
39. (...) Eu deixo-as à vontade para elas fazerem (...)
40. (...) Mas eu dou-lhes “carta branca”. Elas de manhã chegam, dizem o que querem fazer... ou então trazem a planificação para a semana e pronto... (...)
41. (...) Eu via com elas e se houvesse alguma coisa que não estava bem dizia: isto aqui podia ser de outra maneira, dava-lhe uma sugestão (...)

42. (...) nem sempre aceitam [as críticas]. Uma vez fazem, outras vezes não fazem, é conforme (...)
43. (...) não chamo à atenção. Dou a ideia, dou a minha opinião, mas se elas não fazem... (...)
44. (...) Já é alguma coisa eu dar a minha opinião, dizer o que é que eu penso daquilo... se elas querem continuar a fazer assim, também não lhes digo para não fazerem... (...)
45. (...) Interajo com elas, estou a par com elas a fazer as coisas... (...)
46. (...) Aquela de “eu sou a educadora e ponho-me a observar” não. Deixo-as à vontade, mas colaboro a fazer as actividades (...)
47. (...) dou sugestões, falo sobre esta ou aquela criança... quando elas chegam, no início do estágio, dou-lhes a conhecer o grupo... (...)
48. (...) à medida que vamos avançando, vamos trocando impressões sobre as crianças, sobre o grupo, sobre as actividades... vamos sempre falando (...)
49. (...) Elas dizem sempre, quando estão comigo, que eu as ponho à vontade... há educadoras que não as põem à vontade, porque se põem de lado a olhar... de fora... parece que só estão observando o que elas estão fazendo... eu não (...)
50. (...) Eu ajudo (...)
51. (...) e interajo com elas, faço as coisas com elas (...)
52. (...) Se elas têm uma dúvida, perguntam. Elas têm à vontade suficiente para perguntar. Quando elas chegam, eu digo-lhes logo: quando tiverem dúvidas

perguntem, porque eu não sei o que vai nas vossas cabeças... perguntem, estejam à vontade, porque não há problema nenhum em fazerem perguntas... não é por isso que sabemos menos (...)

53. (...) Falo. Digo as coisas para não as magoar a elas, gosto de dizer as coisas, mas sentir-me bem também comigo própria. Dizer as coisas de maneira a que as pessoas não pensem assim: “ela é que sabe tudo...”, não gosto de melindrar as pessoas, mas digo..., digo a bem, digo com jeito... (...)
54. (...) é uma coisa que eu gosto bastante, até, é conhecer as ideias delas. Gosto de saber as opiniões, as ideias, elas têm ideias novas, eu também aprendo com elas, não é? (risos). A gente tem o curso, mas aprendemos sempre, estamos sempre a aprender (...)
55. (...) Quando é para fazer os relatórios... os projectos... eu... eu para mim... elas devem fazer sozinhas essas coisas... o projecto, a planificação... e depois vêm ter comigo e falamos... (...) Também não sei se eu estava fazendo mal, pô-la à vontade para ela fazer, depois conversávamos e eu dava a minha opinião... (...)
56. (...) E foi mais por isso [a estagiária fazer tudo sozinha] é que eu dei valor e mais nota à estagiária (...)
57. (...) Falámos as duas... [cooperante e estagiária] e ela disse que concordava em fazer em casa e depois mostrava-me... e faláva-mos na hora em que os meninos estavam a dormir (...)
58. (...) dá mais liberdade para elas estarem à vontade [a estagiária planificar sozinha], e depois fala-se sobre aquilo (...)
59. (...) Ela [uma estagiária] fazia tudo sozinha e depois vinha para cá e mostrava-me, estávamos ali um bocado a ver e tal... e se houvesse qualquer coisa que eu

achasse que não estava bem... que se tinha que alterar... eu dizia o que era, ela apontava com o lápis para depois emendar... (...)

60. (...) eu gosto de deixá-las à vontade (...)

61. (...) elas também precisam de espaço. Eu gosto mais de trabalhar assim (...)

62. (...) [perspectivas de continuidade] Só acções de formação (...)

63. (...) Houve agora uma [acção de formação], mas era em Portimão, chegávamos a casa lá para as nove da noite... eu não podia ir... chegava muito tarde a casa e tinha a miúda também... (...)

DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO DA ENTREVISTA À SUPERVISORA INÊS

Percurso pessoal/profissional

1. Anos de Serviço

(...) Em 1989 acabei o curso... (...) (1)

(...) eu já trabalho há 27 anos (...) (2)

2. Situação profissional

(...) sempre trabalhei aqui (...) (3)

(...) Quando abriram isto, vim como ajudante, depois fui ficando... e veio aquele curso para fazer, pois aproveitei... (...) (4)

(...) Depois continuámos... depois elas concorreram a outros lugares, mas eu fiquei aqui... (...) (5)

(...) Dava-me jeito... tinha a casa aqui perto do emprego, tinha os miúdos pequenos e devido também à minha saúde, porque eu tenho tido sempre problemas de saúde(...) (6)

(...) não me aventurei... podia calhar muito longe... (...) (7)

(...) dá mais estabilidade, porque na minha casa ninguém faz nada e não podia ser eu ir para fora e deixar tudo por fazer... e então continuei (...) (8)

(...) eu tenho tido muitos problemas... (...) (9)

[problemas] (...) De cabeça... e então já não dava nada. Mesmo os médicos aconselharam-me a não fazer [os Complementos de Formação]. Até os computadores eu não posso fazer... Estou a fazer uma grande medicação com o médico de Faro... estou muito gasta... (...) (10)

(...) a minha vida tem sido um bocado atribulada (...) (11)

(...) Teve aqueles problemas [o marido], teve aqueles meses todos no hospital... (...) (12)

3. Relacionamento

3.1- Com as crianças

(...) Ai, o que eu fazia com eles antigamente... o ano passado, eu tive muita, muita dificuldade... aquele grupo... (...) (20)

(...) Deram-me muito trabalho. Eles não paravam um minuto sentados... [o grupo dos 5 anos] (...) (21)

3.2- Com os pais

Não verificada.

3.3- Com os colegas

Não verificada.

3.4- Com a comunidade

Não verificada.

4. Atitude profissional

4.1- Coordenação institucional

(...) não tenho estagiárias. Estava um bocado cansada. O ano passado estava muito cansada (...) (28)

(...) Também me deu um bocadinho... [de trabalho] os problemas entre ela [estagiária] e a auxiliar... houve uns atritos... e isso fazia-me muito mal à cabeça... (...) (29)

(...) eu já trabalhava há 12 anos com crianças quando tirei o curso... (...) (34)

4.2- Trabalho com as crianças

Não verificada.

4.3- Formação

(...) Eu procuro ir às acções de formação. Sempre que posso vou às acções de formação, para não ficar... (...) (25)

(...) eu noto pelas outras colegas... que já faz muita diferença do que eu aprendi no meu curso, agora já é diferente... eu noto essa diferença... se eu andasse a tirar outro curso agora, já era diferente... mas, tento ir às acções de formação para me actualizar (...) (26)

(...) não [existem reuniões para partilhar]. Houve uma reunião no princípio do ano, mas nunca mais houve mais nenhuma (...) (27)

(...) [perspectivas de continuidade] Só acções de formação (...) (62)

(...) Houve agora uma [acção de formação], mas era em Portimão, chegávamos a casa lá para as nove da noite... eu não podia ir... chegava muito tarde a casa e tinha a miúda também... (...) (63)

4.4- Investimento profissional

Não verificada.

5. Satisfação/insatisfação profissional

5.1- Satisfação

(...) estou melhor com os pequeninos, mais descansada, não tenho metido atestados, nem nada... (...) (17)

(...) para a cabeça é melhor... [trabalhar na creche] o médico diz que... como ele tem visto este ano a diferenças, era bom que eu pudesse continuar na Creche, tenho que falar com a directora. O médico diz que nota diferença do ano passado para este (...) (18)

5.2- Insatisfação

(...) Se abala... perturba muito... [a falta de saúde de familiares] e muitos anos de serviço a trabalhar com crianças, já se sabe o que é... (...) (13)

(...) sempre no directo é muito cansativo... (...) (14)

(...) e depois quando surgem problemas de família também... fico um bocado em baixo... (...) (15)

(...) O neurologista diz que como eu tenho o cérebro, está muito difícil continuar... [a trabalhar com crianças] (...) (16)

(...) Já era [muito cansativo trabalhar com os meninos mais crescidos]. O que eu era e o que eu sou... (as lágrimas brilham nos olhos) (...) (19)

(...) Ai, eu às vezes ponho-me a pensar: Ai meu Deus, o que eu fazia e o que eu faço agora... nota-se a diferença... por eu ter este problema na cabeça... que isto é muito cansaço também (...) (22)

(...) as pessoas excluem-me um pouco, também (...) (23)

(...) acho que pensam que a pessoa está maluca, ou coisa parecida... mas, não é... é o desgaste... (...) Se a pessoa mete um atestado, começam a falar... (...) (24)

(...) Nós não sabíamos planificar... mas a directora do Jardim de Infância, na altura, mandáva-nos fazer como nós sabíamos, depois, reuníamos todas as semanas e víamos. Havia muita troca. Sinto muitas saudades (...) (35)

(...) éramos poucas, agora... (...) (36)

(...) sinto-me um pouco desamparada (...) (37)

Estilo de supervisão

1. Características pessoais

(...) eu acho que sou capaz de entender. Eu quando tinha estagiárias punha-me muito “na pele” delas (...) (32)

2. Modos de actuação característicos do estilo

1. Avaliar

Não verificada.

2. Criticar

(...) nem sempre aceitam [as críticas]. Umhas vezes fazem, outras vezes não fazem, é conforme (...) **(42)**

3. Informar

Não verificada.

4. Liderar

Não verificada.

5. Demonstrar

Não verificada.

6. Corrigir

Não verificada.

7. Ensinar

Não verificada.

8. Exigir

Não verificada.

9. Sugerir

(...) Eu via com elas e se houvesse alguma coisa que não estava bem dizia: isto aqui podia ser de outra maneira, dava-lhe uma sugestão (...) (41)

(...) não chamo à atenção. Dou a ideia, dou a minha opinião, mas se elas não fazem... (...) (43)

(...) Já é alguma coisa eu dar a minha opinião, dizer o que é que eu penso daquilo... se elas querem continuar a fazer assim, também não lhes digo para não fazerem... (...) (44)

(...) dou sugestões, falo sobre esta ou aquela criança... quando elas chegam, no início do estágio, dou-lhes a conhecer o grupo... (...) (47)

10. Questionar

Não verificada.

11. Interagir

(...) Interajo com elas, estou a par com elas a fazer as coisas... (...) (45)

(...) dá mais liberdade para elas estarem à vontade [a estagiária planificar sozinha], e depois fala-se sobre aquilo (...) (58)

12. Comunicar

(...) as estagiárias fazem companhia (...) (38)

13. Orientar

Não verificada.

14. Escutar

(...) é uma coisa que eu gosto bastante, até, é conhecer as ideias delas. Gosto de saber as opiniões, as ideias, elas têm ideias novas, eu também aprendo com elas, não é? (risos). A gente tem o curso, mas aprendemos sempre, estamos sempre a aprender (...) (54)

(...) Se elas têm uma dúvida, perguntam. Elas têm à vontade suficiente para perguntar. Quando elas chegam, eu digo-lhes logo: quando tiverem dúvidas perguntem, porque eu não sei o que vai nas vossas cabeças... perguntem, estejam à vontade, porque não há problema nenhum em fazerem perguntas... não é por isso que sabemos menos (...) (52)

15. Reflectir

Não verificada.

16. Ajudar

(...) Eu lembro-me muito bem de quando era estagiária. Às vezes era mais condescendente, porque pensava naquilo que eu tinha sentido quando andava a tirar o curso. Mas a minha orientadora era uma pessoa acessível (...) (33)

(...) Eu ajudo (...) (50)

17. Encorajar

(...) Eu deixo-as à vontade para elas fazerem (...) (39)

18. Motivar

Não verificada.

19. Cooperar

(...) Aquela de “eu sou a educadora e ponho-me a observar” não. Deixo-as à vontade, mas colabo a fazer as actividades (...) (46)

(...) à medida que vamos avançando, vamos trocando impressões sobre as crianças, sobre o grupo, sobre as actividades... vamos sempre falando (...) (48)

(...) Elas dizem sempre, quando estão comigo, que eu as ponho à vontade... há educadoras que não as põem à vontade, porque se põem de lado a olhar... de fora... parece que só estão observando o que elas estão fazendo... eu não (...) (49)

(...) e interajo com elas, faço as coisas com elas (...) (51)

(...) Falámos as duas... [cooperante e estagiária] e ela disse que concordava em fazer em casa e depois mostrava-me... e faláva-mos na hora em que os meninos estavam a dormir (...) (57)

(...) Ela [uma estagiária] fazia tudo sozinha e depois vinha para cá e mostrava-me, estávamos ali um bocado a ver e tal... e se houvesse qualquer coisa que eu achasse que não estava bem... que se tinha que alterar... eu dizia o que era, ela apontava com o lápis para depois emendar... (...) (59)

20. Aconselhar

(...) Falo. Digo as coisas para não as magoar a elas, gosto de dizer as coisas, mas sentir-me bem também comigo própria. Dizer as coisas de maneira a que as pessoas não pensem assim: “ela é que sabe tudo...”, não gosto de melindrar as pessoas, mas digo..., digo a bem, digo com jeito... (...) (53)

21. Apoiar

(...) Mas eu dou-lhes “carta branca”. Elas de manhã chegam, dizem o que querem fazer... ou então trazem a planificação para a semana e pronto... (...) (40)

22. Conhecer

(...) Ela [a estagiária] era uma pessoa que se fazia um bocado de vítima, tinha sempre desculpas para isto, para aquilo... (...) (30)

(...) Eu entendia-a... (...) (31)

23. Valorizar

(...) Quando é para fazer os relatórios... os projectos... eu... eu para mim... elas devem fazer sozinhas essas coisas... o projecto, a planificação... e depois vêm ter comigo e falamos... (...) Também não sei se eu estava fazendo mal, pô-la à vontade para ela fazer, depois conversávamos e eu dava a minha opinião... (...) (55)

(...) E foi mais por isso [a estagiária fazer tudo sozinha] é que eu dei valor e mais nota à estagiária (...) (56)

(...) eu gosto de deixá-las à vontade (...) (60)

(...) elas também precisam de espaço. Eu gosto mais de trabalhar assim (...) (61)

ANEXO VII

**Protocolo e tratamento dos dados da entrevista à supervisora
Matilde**

PROTOCOLO DA ENTREVISTA À SUPERVISORA MATILDE

Ent.- Depois de te ter explicado os objectivos do trabalho que pretendo realizar, quero agradecer o teu contributo e gostava de conversar um bocadinho contigo, acerca do teu percurso como educadora de infância...

Suj.- Eu tirei o curso em 1983...

Ent.- Tens 20 anos de serviço...

Suj.- Na Maria Eurich... uma escola de formação muito conceituada na altura e ainda hoje é... considero que foi um belo curso. Depois... acabei o curso em 1983...

Ent.- Começaste logo a trabalhar?

Suj.- Logo, comecei logo a trabalhar. Naquela altura era assim. Fui para o monte da Carregação.

Ent.- Mas, começaste logo a trabalhar no oficial?

Suj.- Sim, no estado... no Jardim de Infância do Ministério da Educação... estive lá um ano... foi muito difícil... porque... sozinha, 25 meninos... a pessoa sai da escola de formação, mas não sabe praticamente nada... a nível de legislação, burocracia... quando eu queria faltar eu não sabia como havia de fazer os papéis...

Ent.- Pois, ainda hoje, ninguém ensina a fazer isso...

Suj.- Mas foi um ano de muita aprendizagem....

Ent.- E mesmo com as crianças e com as famílias...

Suj.- Sim. A pessoa quer pôr em prática tudo aquilo que aprendeu... mas pronto... tirando aquele primeiro mês, que é o mais difícil... porque eu morava em Mouchão... ganhava 17 contos por mês e pagava de casa 24... o meu pai ainda tinha que me dar o resto...

Ambas- (risos).

Ent.- E longe da família...

Suj.- Estava assim... muito triste... muito triste. Depois comprei um carrinho...

Ent.- Ah, isso é que foi...

Suj.- Aí, arranjei umas colegas que trabalhavam ali na zona e a partir daí foi uma maravilha!

Ent.- Ias e vinhas, todos os dias?

Suj.- Sim, íamos e vínhamos todos os dias. Demorava uma hora. Mas eu gostei muito desse ano, foi um ano de descoberta, de aprendizagem... de tudo. Depois fui 4 anos para Montiria.

Ent.- Eu lembro-me disso...

Suj.- Naquele barracão... todo destruído... aquelas casas de banho horríveis... a Câmara, naquela altura não ligava nenhuma ao Jardim de Infância, por mais que nós solicitássemos... aquele vereador, que eu já não me lembro o nome... por mais que nós pedíssemos... não conseguíamos nada... mas tive lá 4 anos e também gostei...

Ent.- E o contacto com as famílias?

Suj.- Ah, impecável! Gostei. Não tive problemas absolutamente nenhuns. Uma maravilha. Adorava.

Ah... entretanto casei... depois fiquei grávida e abortei. Então ainda tive 3 semanas deitada, telefonavam-me para casa... a perguntar quando é que eu ia...

Ent.- O relacionamento com os pais foi bom...

Suj.- Eu, de maneira geral, dou-me bem com as pessoas... não entro em conflito, quando vejo que as pessoas são um bocado conflituosas, tento dar a volta à situação... olha, a colega do lado tinha problemas... ela tinha um feitio difícil, mas eu com ela nunca tive problemas. Havia ali um choque entre ela e as pessoas... a forma como ela dizia as coisas...

Ent.- Talvez fosse isso...

Suj.- Depois vim para aqui... e vim para ficar...

Ambas- (risos).

Ent.- Já estás aqui, há...

Suj.- Há 15 anos, este é o 16º ano...

Ent.- Já fazes parte da casa...

Suj.- Já, já... o 1º ano fiquei como agregada... e depois foi aquele nosso projecto "Educação e Culturas", um projecto de intercâmbio com a França... e fui tendo destacamentos.

Ent.- Começaste a envolver-te em alguns projectos aqui...

Suj.- Sim, tivemos sempre muitos projectos...

Ent.- Isso era uma necessidade que vocês sentiam? Desenvolverem projectos era uma forma de se sentirem mais activas? Porque não és só tu que estás aqui há muitos anos...

Suj.- Não, eu e a Luisa... éramos as duas, porque éramos as únicas educadoras e naquela altura havia uma grande separação entre educadoras e professoras... e a forma de nos envolvermos todos com as outras colegas era através da realização de projectos... Depois passou a área escolar e começou aquela dinâmica toda...

Ent.- Sempre me lembro de ter conhecimento dos projectos que aqui se realizam...

Suj.- Ah ! foi aquele pioneiro... que foi sobre o computador no Jardim de Infância... fizemos aquela grande quermesse... até apareceu lá a inspecção toda...

Ent.- Vocês sentiram essa necessidade de se envolverem com a comunidade...

Suj.- Sentíamos e gostávamos muito... também era tudo mais familiar...

Ent.- Mas, apesar de Jardim de Infância ir crescendo, vocês continuaram, quase sempre, envolvidas em projectos...

Suj.- Continuamos. Temos uma boa equipa e isso também é importante.

Ent.- Isso, isso... Mas há alguém que incentive mais? Ou são todas ...

Suj.- Somos todas de uma forma geral a trabalhar no mesmo sentido.

Ent.- Não há ninguém que crie conflitos...

Suj.- Não. É a nossa sorte... principalmente para trabalhar em grupo, depende da equipa...

Ent.- E agora começaste os complementos de formação...

Suj.- (risos)... agora comecei esta grande aventura... ao fim de 20 anos parada...

Ent.- Parada ? A fazer coisas que têm a ver mais com a prática...

Suj.- Sim, mais com a prática. Uma pessoa não está habituada... olha, começou pela terminologia... palavras que eu nunca tinha ouvido... andava sempre de dicionário na mão...

Ent.- Mas, adaptaste-te à situação...

Suj.- Ah, agora estou “peixinho na água”...

Ambas- (risos).

Ent.- E vais ver que daqui para a frente...

Suj.- Uma pessoa adquire um ritmo... o trabalho final é que vai ser mais difícil... porque é tudo à distância, por telefone... só há uma reunião... é o ensino à distância! Mas certamente que me vão surgir muitas dúvidas... nessa altura telefono-te...

Ent.- Estás à vontade... Então, depois destes anos todos de serviço, só agora decidiste fazer a licenciatura...

Suj.- Não, já tinha... tinha decidido, então entrei no 1º CESE da ESE...

Ent.- Esse foi o meu...

Suj.- Entrei, mas tive aquele grande problema de saúde... de coluna... e tive que sair... e eu só me meti na Universidade Aberta por causa da minha coluna, porque eu não aguentava ir todas as noites para Faro, nem ir para Lisboa aos fins-de-semana... eu bem sei como é que eu faço as coisas às vezes...

Ent.- Mas tu querias fazer...

Suj.- Queria... e quando houve esta oportunidade... só tenho pena de não ter sabido mais cedo... quando ouvi esta , disse: “está aqui a minha salvação!”

Ambas- (risos).

Ent.- Porque tu sempre tiveste esta vontade de continuar...

Suj.- Era o que eu gostava... era de continuar...

Ent.- O que é que tu ambicionavas com a licenciatura ?

Suj.- Sei lá... novos conhecimentos...

Ent.- Nesta modalidade de formação, a pessoa tem que se organizar sozinha... mas, tu és uma pessoa organizada...

Suj.- Sim, sim, sim. Às vezes perguntam-me como é que eu consigo, eu respondo que me tento organizar. Tudo passa pela nossa organização em casa. Eu tenho tudo contabilizado... tudo apontadinho... dia tal é para isto... faço ali um esquemazinho de tudo e não pode falhar! E a minha colega de curso é exactamente igual a mim...

Ent.- Mas, mesmo para além dessa necessidade interior da pessoa progredir, as próprias necessidades do dia-a-dia exigem que estejamos actualizadas...

Suj.- Nós vamos às acções todas! Agora acabámos uma do Centro de Formação, tão gira... era “O ensino experimental e as Ciências”. Toda prática. Só experiências, muito gira! Dividimo-nos em grupos e fomos pesquisar experiências e apresentar às colegas. Foram 50 horas, acabámos agora. Foi muito giro.

Ent.- Quer dizer que continuas a investir...

Suj.- Continuo a investir na minha formação.

Ent.- E estás satisfeita?

Suj.- Estou satisfeita. Tenho estado muito entusiasmada com isto tudo. Tenho tido boas notas, e quando sai uma boa nota, nós ficamos todas babadas... nós pensávamos que já não éramos capazes...

Ent.- E talvez o facto de gostares de aprender, terá sido um dos motivos que te levou a receber estagiárias?

Suj.- Eu gosto muito de ter estagiárias, eu aprendo muito com elas. Têm passado por aqui raparigas impecáveis...

Ent.- Mas também dá muito trabalho...

Suj.- Sim, dá muito trabalho ter estagiárias... o ano passado foi uma maravilha...

Ent.- Investiste?

Suj.- Sim, investi nas alunas e elas eram muito humildes...

Ent.- As outras, do outro ano, eram difíceis...

Suj.- Eram “puxadas”... eram difíceis...

Ent.- Tu trabalhaste muito com elas...

Suj.- Eu punha-as à vontade e falava tanto com elas... tanto, tanto... elas não aceitavam a crítica, uma crítica construtiva, mas elas não aceitavam isso... elas achavam que faziam tudo muito bem.

Ent.- Tu criticavas... mas, era necessário...

Suj.- É necessário... Eu também achei que naquele ano, o meu grupo perdeu muito... em termos de aprendizagem...

Ent.- Porque também chegou uma certa altura em que tu deixaste...

Suj.- Não havia nada a fazer... chega a um ponto em que uma pessoa está saturada... é uma coisa impressionante... e porque se juntaram as duas também... as duas eram exactamente a mesma coisa... o mesmo estilo, a mesma acomodação... muita pressão...

Ent.- Sim, porque tu não és uma pessoa de deixar as coisas assim...

Suj.- Mas nem pensar ! E depois foi o confronto com as outras salas... as outras alunas eram todas jeitosas... e a minha sala é que era a minha desgraça... (risos).

Ent.- E elas comparavam-se umas às outras?

Suj.- E achavam que eram boas... o problema era esse... a pessoa achar-se que era boa...

Ent.- No início levaste um certo tempo a dizer-lhes como é que elas deveriam fazer... tu davas-lhes informações...

Suj.- Pois, tudo. Eu dizia-lhes como deveriam fazer. Nós preparávamos sempre o dia seguinte em conjunto com elas, como eu vi que elas tinham aquela grande dificuldade... dizia-lhes: façam assim... reunam o grupo assim... lancem a actividade assim... tudo, tudo, tudo... mas, elas não conseguiam, ou não queriam, não sei!

Ent.- Às vezes notava-se que as alunas estavam a liderar as acções e tu... estavas a ver que aquilo não ia levar a lado nenhum... tinhas necessidade de intervir...

Suj.- Eu dizia: não pode ser assim, porque não era só o facto de não estarem a fazer bem, era principalmente, porque estavam a prejudicar o grupo...

Ent.- Tu és uma pessoa que tens sempre o grupo muito organizado...

Suj.- Sempre! (risos) O meu grupo está sempre organizado. E depois também tenho uma boa auxiliar...

Ent.- Isso também conta...

Suj.- Uma pessoa ter um par a trabalhar connosco assim, facilita...

Ent.- O teu grupo é um grupo que sabe as regras... isso tem a ver contigo...

Suj.- Sim, tem a ver comigo, eu sou exigente. Eu também sou exigente comigo própria. Não gosto de desistir de nada... quando me meto numa coisa, eu tenho que ir até ao fim.

Ent.- Com as alunas também és assim?

Suj.- Com as alunas também é assim. Mas ponho-as à vontade, e se elas são humildes como as do ano passado... que querem aprender... o ano passado foi um ano muito bom, trabalhámos em equipa, nós ajudávamos, as alunas das outras salas também ajudavam, estava tudo em sintonia.

Ent.- Por um lado, és exigente, mas também és capaz de ensinar como se faz...

Suj.- Sou, sou capaz de ensinar como se faz e deixá-las experimentar... se falhar, falhou. Depois vamos ver o que é que correu mal, o que é que correu bem...

Ent.- Costumas reflectir com elas...

Suj.- Todos os dias reflectimos. Faz-se a reflexão sempre. Vê-se o que é que se poderia ter feito...

Ent.- Relativamente à acção delas? Aos comportamentos...

Suj.- Principalmente à linguagem. O tipo de linguagem que as alunas utilizam actualmente... aquilo já está tão assimilado... que elas utilizam sem darem por isso, e uma pessoa que está por fora...

Ent.- E que não é desta geração...

Ambas- (risos).

Suj.- É uma coisa que tem vindo a piorar de há anos para cá... nas estagiárias... é a linguagem... os termos que elas utilizam às vezes, para dizerem as coisas às crianças...

Ent.- Mas na reflexão...

Suj.- Sim, na reflexão elas reconsideram... compreendem que não pode ser assim, não se pode utilizar aquela linguagem com as crianças...

Ent.- Relativamente à acção das alunas, tu costumavas sugerir modos de actuação?

Suj.- Sim, na reflexão, às vezes, digo: se fizerem assim... talvez resulte melhor... isso é importante para o crescimento delas, e se elas forem humildes para perceberem que não sabem tudo, assim como eu não sei, porque também aprendo muitas coisas com as estagiárias... é muito bom, elas evoluem bastante.

Ent.- Aqui neste Jardim de Infância trabalha-se muito em equipa, em ligação com os pais e com a comunidade...

Suj.- Nós temos um grande envolvimento com a comunidade...

Ent.- Ainda relativamente às alunas, tu para cada uma delas tens um tipo de actuação, ou...

Suj.- Não, eu sou sempre igual. Claro quando elas são assim, fracas, eu tenho que ser mais exigente... mostrar assim uma cara de quem não está satisfeita, mesmo. Mas, se elas querem aprender... sim, sou de uma maneira geral, igual. Não mudo muito a minha maneira de ser.

Ent.- Às vezes isso podia ter a ver com as características delas...

Suj.- Não, eu de uma maneira geral... sendo mais exigente, ou chamando mais à atenção... ou reflectindo mais, se é necessário, não é? Mas, de resto, é sempre assim... (risos)

Ent.- Quais são as tuas características pessoais que se revelam mais na tua acção como supervisora?

Suj.- Sou muito exigente. Sou muito calma para dizer as coisas, irrita-me com pouca facilidade...

Ent.- Mas, isso é bom para as alunas entenderem as coisas...

Suj.- Eu dou muita importância à estética, acho que isso é muito importante, pronto. Nós quando olhamos para uma sala temos que ver uma coisa bonita, não quer dizer que seja só a educadora a fazer, mas nós temos que inculcar isso mesmo nas crianças...

Ent.- O gosto também se educa...

Suj.- Sim, dizer : tu podes fazer melhor, olha, não está muito bonito. Não ficar tímida e pensar que não vou dizer à criança, se não ela fica traumatizada, aquelas coisas que se dizem... não, eu digo mesmo, se eu acho que ela é capaz, exijo e acho que isso é muito importante.

Ent.- E com as alunas também és assim... também dizes: podes fazer melhor!

Suj.- É a mesma coisa, com as alunas também lhes digo: podiam fazer melhor!

Ent.- Então... és exigente, és calma, gostas de coisas bonitas...

Suj.- Gosto de tudo muito organizadinho... e os materiais tudo muito arrumadinho e tudo separado. E as tesourinhas ali e o papelinho aqui... e a auxiliar que tenho, ainda é pior do que eu...

Ent.- E o grupo vai recebendo isso... e as estagiárias também...

Suj.- As estagiárias também. Com aquelas alunas que eu não gostei, eu acho que era mesmo uma questão de vocação, foi o que eu lhes disse no fim. Elas não gostaram de ouvir, mas eu disse, porque as educadoras não são assim, não têm aquela postura acomodada... mas elas achavam que eram muito boas. Eu fazia comparações com as outras salas. Dizia-lhes: vão ver as vossas colegas, peçam ajuda se não sabem... mas, elas achavam que não... que cada pessoa tinha a sua maneira... esteve tudo horrível até ao fim do ano...

Ambas- (risos).

Ent.- Mas, também lhes deste a liberdade para elas irem fazendo...

Suj.- Pois. Eu sou humilde, eu também sou capaz de aceitar, se as pessoas me criticam, também aceito. Defendo-me se é mentira, ou se vejo que não corresponde à verdade...

Ent.- Mas, este ano não tens estagiárias...

Suj.- Sim... uma pessoa quando tem estagiárias tem que lhes dar muita atenção... e este ano era 3º ano, elas só vinham uma vez por semana, eu tenho que faltar por causa dos exames... e se calhava no dia que eu não estava aí? E também tenho saudades de estar com os meninos... e de fazer o que eu quero...

Ent.- Tu tens uma boa relação com as famílias...

Suj.- Sim, gosto de conversar com elas, isso é essencial, é meio caminho andado...

Ent.- E ao longo do teu percurso tens investido muito nessa relação...

Suj.- Sim, eu sempre fui assim. Consigo relacionar-me muito bem com as pessoas... pois eu também sou daqui, todas as pessoas me conhecem... estou aqui há tantos anos...

Ent.- Depois de ficares efectiva, também nunca te aventuraste a sair daqui para ir para outro sítio...

Suj.- Não. Olha, para os apoios nunca gostei... nunca experimentei, não é? E com as crianças deficientes, também não... não sei se por ter tido um irmão com uma doença daquelas... que morreu... isso também me influenciou um bocadinho... sofri muito, custa-me, sofre-se muito com as crianças... nunca quis experimentar.

Ent.- E sem ser nos apoios, não quiseste experimentar mais nada? Aqui no agrupamento...

Suj.- Naquela altura em que não tinha destacamento, tive, vai não vai, mas não, eu não gosto disto, papéis não gosto... eu já tinha trabalhado na agência de viagens...

Ent.- Trabalhaste numa agência de viagens?

Suj.- Sim, eu fiz o 7º ano, o serviço cívico... e o meu pai tinha uma agência de viagens aqui... e depois eu fiquei à frente da agência três anos, depois fui fazer um estágio na TAP, mas eu não gostava daquilo. O meu pai não me deixava ir tirar o curso de educadora, achava que eu tinha que ficar aqui...

Ent.- E depois, como é que conseguiste?

Suj.- A minha mãe sempre me deu força e disse-me: se tu quiseres vai, eu tomo conta disto. E fui. Contra a vontade do meu pai. O meu avô disse que me pagava os estudos, eu também tinha ido juntando todo o meu dinheirinho dos três anos que trabalhei... O meu pai disse-me assim: no dia em que saíres desta casa, nunca mais cá voltas...

Ent.- Não me digas que ele te disse isso...

Suj.- Eu fui de comboio, com uma malinha, a chorar. E lá fui para um lar, para onde tinha telefonado, com a morada... que nem sabia onde ficava... só sabia que era ao pé da feira popular... levava a morada...

Ent.- E os primeiros meses como foram?

Suj.- Chorei, chorei tanto... tanto. Porque, entretanto, o meu marido, na altura namorado, estava a trabalhar com o pai e não gostava. Resolveu ir tirar o curso do ISEF que era aquilo que ele gostava. Mas, entretanto tinha que fazer dois exames, um teórico

e um prático, antes de entrar... então estive até Dezembro, 4 meses sozinha. Chorei tanto...

Ent.- Mas cresceste...

Suj.- Mas, pensava : não desisto, não hei-de dar o bracinho a torcer e ir-me embora...

Ent.- Então, e depois quando voltaste... o que é que o teu pai te disse?

Suj.- Não disse nada, depois passou.

Ent.- E quando acabaste o curso voltaste...

Suj.- Sim, o meu pai reformou-se, vendeu a agência, o meu irmão faleceu... eu não era capaz de ficar na agência, eu não gostava... ser educadora era mesmo a minha vocação...

Ent.- Querias ser mesmo educadora?

Suj.- E depois, quando o meu marido, namorado na altura foi para Lisboa foi uma maravilha...

Ent.- E quando acabaste o curso...

Suj.- Quando acabei o curso casei, ao fim de dois anos casei. Mas ainda foram uns aninhos até ficarmos os dois efectivos aqui...

Ent.- Mas, tu és assim de não desistires até conseguires o teu objectivo e o teu objectivo era tirares o curso e vires trabalhar para ao pé de casa...

Suj.- Sim.

Ent.- A partir daí, ficaste aqui sossegada...

Suj.- Sim, eu gosto de estar aqui na minha terra, gosto de trabalhar aqui...

Ent.- Gostas de estabilidade...

Suj.- Gosto muito de estabilidade, não gosto de andar de um lado para o outro..., gosto muito de saber com o que conto.

Ent.- E aqui, dentro do Jardim de Infância, também é assim... a tua sala todos os anos é a mesma...

Suj.- Ah, sim... aquela é que “tem a minha cara”, as minhas cortinas, as minhas almofadas...

Ambas- (risos).

Ent.- Tem a ver contigo...

Suj.- Eu não era capaz de partir à aventura...

Ent.- Estamos a chegar ao fim da nossa conversa, agradeço muito a tua disponibilidade e o teu contributo para o meu trabalho. Obrigada.

**UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO DA ENTREVISTA À
SUPERVISORA MATILDE**

1. (...) Eu tirei o curso em 1983... (...)
2. (...) Na Maria Eurich... uma escola de formação muito conceituada na altura e ainda hoje é... considero que foi um belo curso (...)
3. (...) Logo, comecei logo a trabalhar [assim que terminou o curso]. Naquela altura era assim. Fui para o monte da Carregação (...)
4. (...) no estado... no Jardim de Infância do Ministério da Educação... estive lá um ano... foi muito difícil... porque... sozinha, 25 meninos... a pessoa sai da escola de formação, mas não sabe praticamente nada... a nível de legislação, burocracia... quando eu queria faltar eu não sabia como havia de fazer os papéis... (...)
5. (...) Mas foi um ano [o 1º ano de trabalho] de muita aprendizagem.... (...)
6. (...) A pessoa quer pôr em prática tudo aquilo que aprendeu... mas pronto... tirando aquele primeiro mês, que é o mais difícil... porque eu morava em Mouchão... ganhava 17 contos por mês e pagava de casa 24... o meu pai ainda tinha que me dar o resto... (...)
7. (...) arranjei umas colegas que trabalhavam ali na zona e a partir daí foi uma maravilha! (...)
8. (...) íamos e vínhamos todos os dias. Demorava uma hora. Mas eu gostei muito desse ano, foi um ano de descoberta, de aprendizagem... de tudo. Depois fui 4 anos para Montiria (...)

9. (...) Naquele barracão... todo destruído... aquelas casas de banho horríveis... a Câmara, naquela altura não ligava nenhuma ao Jardim de Infância, por mais que nós solicitássemos (...) mas tive lá 4 anos e também gostei... (...)
10. (...) [o relacionamento com as famílias] impecável ! Gostei. Não tive problemas absolutamente nenhuns. Uma maravilha. Adorava.
11. (...) Eu, de maneira geral, dou-me bem com as pessoas... não entro em conflito, quando vejo que as pessoas são um bocado conflituosas, tento dar a volta à situação (...)
12. (...) Depois vim para aqui... e vim para ficar... (...) Há 15 anos, este é o 16º ano... [que está no actual Jardim de Infância] (...)
13. (...) o 1º ano fiquei como agregada... e depois foi aquele nosso projecto “Educação e Culturas”, um projecto de intercâmbio com a França... e fui tendo destacamentos (...)
14. (...) tivemos sempre muitos projectos... (...) éramos as duas, porque éramos as únicas educadoras e naquela altura havia uma grande separação entre educadoras e professoras... e a forma de nos envolvermos todos com as outras colegas era através da realização de projectos... Depois passou a área escolar e começou aquela dinâmica toda... (...)
15. (...) foi aquele pioneiro... que foi sobre o computador no Jardim de Infância... fizemos aquela grande quermesse... até apareceu lá a inspecção toda... (...)
16. (...) e gostávamos muito... [do envolvimento com a comunidade] também era tudo mais familiar... (...)

-
17. (...) Continuamos [envolvidas em projectos]. Temos uma boa equipa e isso também é importante (...)
18. (...) Somos todas de uma forma geral a trabalhar no mesmo sentido (...)
19. (...) Não [não há quem crie conflitos]. É a nossa sorte... principalmente para trabalhar em grupo, depende da equipa... (...)
20. (...) agora comecei esta grande aventura... [os Complementos de Formação] ao fim de 20 anos parada... (...)
21. (...) mais com a prática. Uma pessoa não está habituada... olha, começou pela terminologia... palavras que eu nunca tinha ouvido... andava sempre de dicionário na mão (...) agora estou “peixinho na água”... [no curso] (...)
22. (...) Uma pessoa adquire um ritmo... o trabalho final é que vai ser mais difícil... porque é tudo à distância, por telefone... só há uma reunião... é o ensino à distância! Mas certamente que me vão surgir muitas dúvidas... (...)
23. (...) já tinha... tinha decidido, então entrei no 1º CESE da ESE... (...)
24. (...) Entrei, mas tive aquele grande problema de saúde... de coluna... e tive que sair... e eu só me meti na Universidade Aberta por causa da minha coluna, porque eu não aguentava ir todas as noites para Faro, nem ir para Lisboa aos fins-de-semana... eu bem sei como é que eu faço as coisas às vezes... (...)
25. (...) Queria... [fazer os Complementos de Formação] e quando houve esta oportunidade... só tenho pena de não ter sabido mais cedo... quando ouvi esta , disse: “está aqui a minha salvação!” (...)
26. (...) Era o que eu gostava... era de continuar... (...)

-
27. (...) [o que ambicionava com a licenciatura] novos conhecimentos... (...)
28. (...) Às vezes perguntam-me como é que eu consigo, eu respondo que me tento organizar. Tudo passa pela nossa organização em casa. Eu tenho tudo contabilizado... tudo apontadinho... dia tal é para isto... faço ali um esquemazinho de tudo e não pode falhar! (...)
29. (...) Nós vamos às acções todas! Agora acabámos uma do Centro de Formação (...) era “O ensino experimental e as Ciências”. Toda prática. Só experiências, muito gira! (...) Foram 50 horas, acabámos agora. Foi muito giro (...)
30. (...) Continuo a investir na minha formação (...)
31. (...) Estou satisfeita. Tenho estado muito entusiasmada com isto tudo. Tenho tido boas notas, e quando sai uma boa nota, nós ficamos todas babadas... nós pensávamos que já não éramos capazes... (...)
32. (...) Eu gosto muito de ter estagiárias, eu aprendo muito com elas (...)
33. (...) investi nas alunas e elas eram muito humildes... [as alunas do ano transacto] (...)
34. (...) Eu punha-as à vontade e falava tanto com elas... tanto, tanto... (...)
35. (...) elas não aceitavam a crítica, uma crítica construtiva, mas elas não aceitavam isso... elas achavam que faziam tudo muito bem (...)
36. (...) É necessário... [criticar] (...)
37. (...) chega a um ponto em que uma pessoa está saturada... [de não obter resultados através da crítica] é uma coisa impressionante... (...)

38. (...) Eu dizia-lhes como deveriam fazer (...)
39. (...) Nós preparávamos sempre o dia seguinte em conjunto com elas, como eu vi que elas tinham aquela grande dificuldade... dizia-lhes: façam assim... reunam o grupo assim... lancem a actividade assim... tudo, tudo, tudo... mas, elas não conseguiam, ou não queriam, não sei! (...)
40. (...) Eu dizia: não pode ser assim, porque não era ó o facto de não estarem a fazer bem, era principalmente, porque estavam a prejudicar o grupo... (...)
41. (...) Uma pessoa ter um par a trabalhar connosco assim, facilita... (...)
42. (...) eu sou exigente. Eu também sou exigente comigo própria. Não gosto de desistir de nada... quando me meto numa coisa, eu tenho que ir até ao fim (...)
43. (...) Com as alunas também é assim [exigente] (...)
44. (...) Mas ponho-as à vontade, e se elas são humildes como as do ano passado... que querem aprender... (...)
45. (...) o ano passado foi um ano muito bom, trabalhámos em equipa, nós ajudávamos, as alunas das outras salas também ajudavam, estava tudo em sintonia (...)
46. (...) sou capaz de ensinar como se faz e deixá-las experimentar... se falhar, falhou. Depois vamos ver o que é que correu mal, o que é que correu bem... (...)
47. (...) Todos os dias reflectimos. Faz-se a reflexão sempre. Vê-se o que é que se poderia ter feito... (...)

-
48. (...) O tipo de linguagem que as alunas utilizam actualmente... aquilo já está tão assimilado... que elas utilizam sem darem por isso, e uma pessoa que está por fora... (...)
49. (...) É uma coisa que tem vindo a piorar de há anos para cá... nas estagiárias... é a linguagem... os termos que elas utilizam às vezes, para dizerem as coisas às crianças... (...)
50. (...) na reflexão elas reconsideram... compreendem que não pode ser assim, não se pode utilizar aquela linguagem com as crianças... (...)
51. (...) na reflexão, às vezes, digo: se fizerem assim... talvez resulte melhor... isso é importante para o crescimento delas, e se elas forem humildes para perceberem que não sabem tudo, assim como eu não sei, porque também aprendo muitas coisas com as estagiárias... é muito bom, elas evoluem bastante (...)
52. (...) Nós temos um grande envolvimento com a comunidade... (...)
53. (...) eu sou sempre igual [na actuação com as alunas]. Claro quando elas são assim, fracas, eu tenho que ser mais exigente... mostrar assim uma cara de quem não está satisfeita, mesmo (...)
54. (...) eu de uma maneira geral... sendo mais exigente, ou chamando mais à atenção... ou reflectindo mais, se é necessário (...) Mas, de resto, é sempre assim... (...)
55. (...) Sou muito exigente (...)
56. (...) Sou muito calma para dizer as coisas, irrita-me com pouca facilidade... (...)

57. (...) Eu dou muita importância à estética, acho que isso é muito importante, pronto. Nós quando olhamos para uma sala temos que ver uma coisa bonita, não quer dizer que seja só a educadora a fazer, mas nós temos que inculcar isso mesmo nas crianças... (...)
58. (...) É a mesma coisa, com as alunas também lhes digo: podiam fazer melhor! (...)
59. (...) Gosto de tudo muito organizadinho... (...)
60. (...) e os materiais tudo muito arrumadinho e tudo separado. E as tesourinhas ali e o papelinho aqui... (...)
61. (...) [As formandas] Elas não gostaram de ouvir, mas eu disse, porque as educadoras não são assim, não têm aquela postura acomodada... mas elas achavam que eram muito boas. Eu fazia comparações com as outras salas. Dizia-lhes: vão ver as vossas colegas, peçam ajuda se não sabem... mas, elas achavam que não (...)
62. (...) Eu sou humilde, eu também sou capaz de aceitar, se as pessoas me criticam, também aceito. Defendo-me se é mentira, ou se vejo que não corresponde à verdade... (...)
63. (...) Sim... [este ano lectivo não tem estagiárias] uma pessoa quando tem estagiárias tem que lhes dar muita atenção (...)
64. (...) [a relação com as famílias] gosto de conversar com elas, isso é essencial, é meio caminho andado... (...)

65. (...) eu sempre fui assim. Consigo relacionar-me muito bem com as pessoas... pois eu também sou daqui, todas as pessoas me conhecem... estou aqui há tantos anos... (...)
66. (...) [relativamente à mudança] para os apoios nunca gostei... nunca experimentei (...) sofre-se muito com as crianças... nunca quis experimentar (...)
67. (...) papéis não gosto... eu já tinha trabalhado na agência de viagens... (...)
68. (...) A minha mãe sempre me deu força e disse-me: se tu quiseres vai, eu tomo conta disto. E fui [fazer o curso de educadora]. Contra a vontade do meu pai (...) O meu pai disse-me assim: no dia em que saíres desta casa, nunca mais cá voltas... (...)
69. (...) Eu fui de comboio [para Lisboa para fazer o curso de educadora], com uma malinha, a chorar. E lá fui para um lar, para onde tinha telefonado, com a morada... que nem sabia onde ficava... (...)
70. (...) [nos primeiros meses de aluna] Chorei, chorei tanto... tanto (...) estive até Dezembro, 4 meses sózinha. Chorei tanto... (...)
71. (...) Mas, pensava : não desisto, não hei-de dar o bracinho a torcer e ir-me embora... (...)
72. (...) o meu pai reformou-se, vendeu a agência, o meu irmão faleceu... eu não era capaz de ficar na agência, eu não gostava... ser educadora era mesmo a minha vocação... (...)
73. (...) Quando acabei o curso casei, ao fim de dois anos casei. Mas ainda foram uns aninhos até ficarmos os dois efectivos aqui... [ela e o marido] (...)

74. (...) eu gosto de estar aqui na minha terra, gosto de trabalhar aqui... (...)
- 75.(...) Gosto muito de estabilidade, não gosto de andar de um lado para o outro..., gosto muito de saber com o que conto (...)
- 76.(...) aquela [sala] é que “tem a minha cara”, as minhas cortinas, as minhas almofadas... (...)
77. (...) Eu não era capaz de partir à aventura... (...)

**DISTRIBUIÇÃO DAS UNIDADES DE SIGNIFICAÇÃO DA
ENTREVISTA À SUPERVISORA MATILDE****Percurso pessoal/profissional****1. Anos de serviço**

(...) Eu tirei o curso em 1983... (...) (1)

(...) Na Maria Eurich... uma escola de formação muito conceituada na altura e ainda hoje é... considero que foi um belo curso (...) (2)

(...) Logo, comecei logo a trabalhar [assim que terminou o curso]. Naquela altura era assim. Fui para o monte da Carregação (...) (3)

(...) no estado... no Jardim de Infância do Ministério da Educação... estive lá um ano... foi muito difícil... porque... sozinha, 25 meninos... a pessoa sai da escola de formação, mas não sabe praticamente nada... a nível de legislação, burocracia... quando eu queria faltar eu não sabia como havia de fazer os papéis... (...) (4)

(...) Mas foi um ano [o 1º ano de trabalho] de muita aprendizagem.... (...) (5)

(...) A pessoa quer pôr em prática tudo aquilo que aprendeu... mas pronto... tirando aquele primeiro mês, que é o mais difícil... porque eu morava em Mouchão... ganhava 17 contos por mês e pagava de casa 24... o meu pai ainda tinha que me dar o resto... (...) (6)

(...) arranjei umas colegas que trabalhavam ali na zona e a partir daí foi uma maravilha!
(...) (7)

(...) íamos e vínhamos todos os dias. Demorava uma hora. Mas eu gostei muito desse ano, foi um ano de descoberta, de aprendizagem... de tudo. Depois fui 4 anos para Montiria (...) (8)

(...) Naquele barracão... todo destruído... aquelas casas de banho horríveis... a Câmara, naquela altura não ligava nenhuma ao Jardim de Infância, por mais que nós solicitássemos (...) (9)

2. Situação Profissional

(...) Depois vim para aqui... e vim para ficar... (...) Há 15 anos, este é o 16º ano... [que está no actual Jardim de Infância] (...) (12)

(...) o 1º ano fiquei como agregada... e depois foi aquele nosso projecto “Educação e Culturas”, um projecto de intercâmbio com a França... e fui tendo destacamentos (...) (13)

(...) [relativamente à mudança] para os apoios nunca gostei... nunca experimentei (...) sofre-se muito com as crianças... nunca quis experimentar (...) (66)

(...) papéis não gosto... eu já tinha trabalhado na agência de viagens... (...) (67)

3. Relacionamento

3.1- Com as crianças

Não verificada.

3.2- Com os pais

(...) [o relacionamento com as famílias] impecável! Gostei. Não tive problemas absolutamente nenhuns. Uma maravilha. Adorava (...) (10)

(...) Eu, de maneira geral, dou-me bem com as pessoas... não entro em conflito, quando vejo que as pessoas são um bocado conflituosas, tento dar a volta à situação (...) (11)

(...) [a relação com as famílias] gosto de conversar com elas, isso é essencial, é meio caminho andado... (...) (64)

3.3- Com os colegas

(...) Continuamos [envolvidas em projectos]. Temos uma boa equipa e isso também é importante (...) (17)

(...) Somos todas de uma forma geral a trabalhar no mesmo sentido (...) (18)

(...) Não [não há quem crie conflitos]. É a nossa sorte... principalmente para trabalhar em grupo, depende da equipa... (...) (19)

(...) Uma pessoa ter um par a trabalhar connosco assim, facilita... (...) (41)

3.4- Com a comunidade

(...) e gostávamos muito... [do envolvimento com a comunidade] também era tudo mais familiar... (...) (16)

(...) Nós temos um grande envolvimento com a comunidade... (...) (52)

(...) eu sempre fui assim. Consigo relacionar-me muito bem com as pessoas... pois eu também sou daqui, todas as pessoas me conhecem... estou aqui há tantos anos... (...) (65)

4. Atitude profissional

4.1- Coordenação institucional

Não verificada.

4.2- Trabalho com as crianças

Não verificada.

4.3- Formação

(...) agora comecei esta grande aventura... [os Complementos de Formação] ao fim de 20 anos parada... (...) **(20)**

(...) Uma pessoa adquire um ritmo... o trabalho final é que vai ser mais difícil... porque é tudo à distância, por telefone... só há uma reunião... é o ensino à distância! Mas certamente que me vão surgir muitas dúvidas... (...) **(22)**

(...) já tinha... tinha decidido, então entrei no 1º CESE da ESE... (...) **(23)**

(...) Entrei, mas tive aquele grande problema de saúde... de coluna... e tive que sair... e eu só me meti na Universidade Aberta por causa da minha coluna, porque eu não aguentava ir todas as noites para Faro, nem ir para Lisboa aos fins-de-semana... eu bem sei como é que eu faço as coisas às vezes... (...) **(24)**

(...) Queria... [fazer os Complementos de Formação] e quando houve esta oportunidade... só tenho pena de não ter sabido mais cedo... quando ouvi esta , disse: “está aqui a minha salvação!” (...) **(25)**

(...) Era o que eu gostava... era de continuar... (...) **(26)**

(...) [o que ambicionava com a licenciatura] novos conhecimentos... (...) (27)

(...) Nós vamos às acções todas! Agora acabámos uma do Centro de Formação (...) era “O ensino experimental e as Ciências”. Toda prática. Só experiências, muito gira! (...) Foram 50 horas, acabámos agora. Foi muito giro (...) (29)

(...) Continuo a investir na minha formação (...) (30)

4.4- Investimento profissional

(...) tivemos sempre muitos projectos... (...) éramos as duas, porque éramos as únicas educadoras e naquela altura havia uma grande separação entre educadoras e professoras... e a forma de nos envolvermos todos com as outras colegas era através da realização de projectos... Depois passou a área escolar e começou aquela dinâmica toda... (...) (14)

(...) foi aquele pioneiro... que foi sobre o computador no Jardim de Infância... fizemos aquela grande quermesse... até apareceu lá a inspecção toda... (...) (15)

(...) mais com a prática. Uma pessoa não está habituada... olha, começou pela terminologia... palavras que eu nunca tinha ouvido... andava sempre de dicionário na mão... (...) agora estou “peixinho na água”... [no curso] (...) (21)

(...) A minha mãe sempre me deu força e disse-me: se tu quiseres vai, eu tomo conta disto. E fui [fazer o curso de educadora]. Contra a vontade do meu pai (...) O meu pai disse-me assim: no dia em que saíres desta casa, nunca mais cá voltas... (...) (68)

(...) Eu fui de comboio [para Lisboa para fazer o curso de educadora], com uma malinha, a chorar. E lá fui para um lar, para onde tinha telefonado, com a morada... que nem sabia onde ficava... (...) (69)

(...) [nos primeiros meses de aluna] Chorei, chorei tanto... tanto (...) estive até Dezembro, 4 meses sozinha. Chorei tanto... (...) (70)

(...) Mas, pensava : não desisto, não hei-de dar o bracinho a torcer e ir-me embora... (...) (71)

(...) o meu pai reformou-se, vendeu a agência, o meu irmão faleceu... eu não era capaz de ficar na agência, eu não gostava... ser educadora era mesmo a minha vocação... (...) (72)

(...) Quando acabei o curso casei, ao fim de dois anos casei. Mas ainda foram uns aninhos até ficarmos os dois efectivos aqui... [ela e o marido] (...) (73)

5. Satisfação/insatisfação profissional

5.1- Satisfação

(...) Estou satisfeita. Tenho estado muito entusiasmada com isto tudo. Tenho tido boas notas, e quando sai uma boa nota, nós ficamos todas babadas... nós pensávamos que já não éramos capazes... (...) (31)

(...) eu gosto de estar aqui na minha terra, gosto de trabalhar aqui... (...) (74)

(...) aquela [sala] é que “tem a minha cara”, as minhas cortinas, as minhas almofadas... (...) (76)

Estilo de Supervisão

1. Características pessoais

(...) Às vezes perguntam-me como é que eu consigo, eu respondo que me tento organizar. Tudo passa pela nossa organização em casa. Eu tenho tudo contabilizado... tudo apontadinho... dia tal é para isto... faço ali um esquemazinho de tudo e não pode falhar! (...) (28)

(...) eu sou exigente. Eu também sou exigente comigo própria. Não gosto de desistir de nada... quando me meto numa coisa, eu tenho que ir até ao fim (...) (42)

(...) Com as alunas também é assim [exigente] (...) (43)

(...) Sou muito exigente (...) (55)

(...) Sou muito calma para dizer as coisas, irrita-me com pouca facilidade... (...) (56)

(...) Eu dou muita importância à estética, acho que isso é muito importante, pronto. Nós quando olhamos para uma sala temos que ver uma coisa bonita, não quer dizer que seja só a educadora a fazer, mas nós temos que inculcar isso mesmo nas crianças... (...) (57)

(...) É a mesma coisa, com as alunas também lhes digo: podiam fazer melhor! (...) (58)

(...) Gosto de tudo muito organizadinho... (...) (59)

(...) e os materiais tudo muito arrumadinho e tudo separado. E as tesourinhas ali e o papelinho aqui... (...) (60)

(...) Eu sou humilde, eu também sou capaz de aceitar, se as pessoas me criticam, também aceito. Defendo-me se é mentira, ou se vejo que não corresponde à verdade... (...) (62)

(...) Gosto muito de estabilidade, não gosto de andar de um lado para o outro..., gosto muito de saber com o que conto (...) (75)

(...) Eu não era capaz de partir à aventura... (...) (77)

2. Modos de actuação característicos do estilo

1. Avaliar

Não verificada.

2. Criticar

(...) elas não aceitavam a crítica, uma crítica construtiva, mas elas não aceitavam isso... elas achavam que faziam tudo muito bem (...) (35)

(...) É necessário... [criticar] (...) (36)

(...) chega a um ponto em que uma pessoa está saturada... [de não obter resultados através da crítica] é uma coisa impressionante... (...) (37)

3. Informar

Não verificada.

4. Liderar

(...) investi nas alunas e elas eram muito humildes... [as alunas do ano transacto] (...) (33)

(...) Nós preparávamos sempre o dia seguinte em conjunto com elas, como eu vi que elas tinham aquela grande dificuldade... dizia-lhes: façam assim... reúnem o grupo

assim... lancem a actividade assim... tudo, tudo, tudo... mas, elas não conseguiam, ou não queriam, não sei! (...) (39)

(...) Eu dizia: não pode ser assim, porque não era ó o facto de não estarem a fazer bem, era principalmente, porque estavam a prejudicar o grupo... (...) (40)

(...) Mas ponho-as à vontade, e se elas são humildes como as do ano passado... que querem aprender... (...) (44)

5. Demonstrar

Não verificada.

6. Corrigir

(...) [As formandas] Elas não gostaram de ouvir, mas eu disse, porque as educadoras não são assim, não têm aquela postura acomodada... mas elas achavam que eram muito boas. Eu fazia comparações com as outras salas. Dizia-lhes: vão ver as vossas colegas, peçam ajuda se não sabem... mas, elas achavam que não... (...) (61)

7. Ensinar

(...) Eu dizia-lhes como deveriam fazer (...) (38)

(...) sou capaz de ensinar como se faz e deixá-las experimentar... se falhar, falhou. Depois vamos ver o que é que correu mal, o que é que correu bem... (...) (46)

8. Exigir

(...) eu sou sempre igual [na actuação com as alunas]. Claro quando elas são assim, fracas, eu tenho que ser mais exigente... mostrar assim uma cara de quem não está satisfeita, mesmo (...) (53)

(...) eu de uma maneira geral... sendo mais exigente, ou chamando mais à atenção... ou reflectindo mais, se é necessário (...) Mas, de resto, é sempre assim... (...) (54)

9. Sugerir

Não verificada.

10. Questionar

Não verificada.

11. Interagir

(...) Eu punha-as à vontade e falava tanto com elas... tanto, tanto... (...) (34)

12. Comunicar

Não verificada.

13. Orientar

Não verificada.

14. Escutar

(...) Sim... [este ano lectivo não tem estagiárias] uma pessoa quando tem estagiárias tem que lhes dar muita atenção... (...) (63)

15. Reflectir

(...) Todos os dias reflectimos. Faz-se a reflexão sempre. Vê-se o que é que se poderia ter feito... (...) (47)

(...) na reflexão elas reconsideram... compreendem que não pode ser assim, não se pode utilizar aquela linguagem com as crianças... (...) (50)

16. Ajudar

Não verificada.

17. Encorajar

Não verificada.

18. Motivar

(...) na reflexão, às vezes, digo: se fizerem assim... talvez resulte melhor... isso é importante para o crescimento delas, e se elas forem humildes para perceberem que não sabem tudo, assim como eu não sei, porque também aprendo muitas coisas com as estagiárias... é muito bom, elas evoluem bastante (...) (51)

19. Cooperar

(...) Eu gosto muito de ter estagiárias, eu aprendo muito com elas (...) (32)

(...) o ano passado foi um ano muito bom, trabalhámos em equipa, nós ajudávamos, as alunas das outras salas também ajudavam, estava tudo em sintonia (...) (45)

20. Aconselhar

Não verificada.

21. Apoiar

Não verificada.

22. Conhecer

Não verificada.

23. Valorizar

(...) O tipo de linguagem que as alunas utilizam actualmente... aquilo já está tão assimilado... que elas utilizam sem darem por isso, e uma pessoa que está por fora... (...)
(48)

(...) É uma coisa que tem vindo a piorar de há anos para cá... nas estagiárias... é a linguagem... os termos que elas utilizam às vezes, para dizerem as coisas às crianças... (...)
(49)

